

RITA DE CASSIA THOMAZ

**REICH E MARCUSE: uma teoria do material e do
subjetivo na história**

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Mestre em História
(Área de Conhecimento: História e
Sociedade)**

Orientador: Hélio Rebello Cardoso Jr.

**ASSIS
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Thomaz, Rita de Cassia
T465r Reich e Marcuse: uma teoria do material e do subjetivo
na história / Rita de Cassia Thomaz.
Assis : [s.n.], 2009.
108 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Pesquisa histórica. 2. Repressão (Psicologia). 3.
Materialismo histórico. 4. Inconsciente. I. Título.

CDD 901

Aos meus pais e ao meu irmão,
que agora vivem em mim.

AGRADECIMENTOS

Ao Hélio, meu orientador, que apareceu num momento em que a tempestade avançava e que durante os anos de pesquisa, desde a BAE, continuou dissipando as nuvens com sua serenidade e sabedoria. É conhecido e reconhecido o cuidado que sempre teve com seus orientandos. Obrigada! Aprendi muito com você nestes anos.

Àquilo de mais precioso que Assis me deu, meus amigos. Ao Antonio que dividiu comigo tantos momentos de gargalhadas em suas várias casas, nas quais eu sempre chegava com a minha mochila. À Daniela que compartilhou comigo momentos de aflição, de paixões e de esperança desde a moradia estudantil, passando pela casa amarela e chegando a esta fase, em que trocamos poesias de próprio punho por e-mail (força com ternura pra você), à Isabel que me ensinou o significado da palavra dedicação, tanto aos amigos como aos sonhos. Ao Tiago, pela tranquilidade e paz que me transmitiu desde o primeiro encontro e também porque me motivou a prosseguir na pesquisa em dois momentos delicados, um na iniciação científica e outro ao fim do mestrado. Ao Carlinhos ou Guto com quem dividi um mundo particular e fabuloso neste último ano, onde entendemos que a contradição é realmente o motor da História, seja falando de nossas pesquisas ou de nossas trajetórias. E falamos muito e proveitosamente de ambas. A dona Cida que tem as melhores histórias de Assis pra contar, quero dizer, tem o melhor jeito de contar qualquer história de Assis. Sua casa foi uma fortaleza para mim durante o primeiro ano de mestrado.

Àquilo de mais valioso que tenho, minhas irmãs, Cleide e Érica, por seu Amor, respeito e pela sua torcida. Sei que posso contar com vocês a qualquer momento.

A alguns funcionários da FCL/Assis em especial, pelo sorriso no rosto e pela ajuda prestada, Clarice e Regina do Departamento de História, Auro da Biblioteca e Miriam que me tranquilizou quando eu chorei pelo telefone, na ocasião ela trabalhava na Sessão de Pós-Graduação. Relatar este fato me trouxe à memória a merendeira que me consolou no primeiro dia da pré-escola, quando eu tinha quatro anos de idade e minha mãe decidiu que eu deveria me dedicar aos estudos, início da estrada que me conduziu até aqui. Naquele dia eu não entrei na sala de aula, fiquei na cozinha e chorei desesperadamente ao ver minha mãe desaparecer no extenso corredor. Depois fiquei alguns dias frequentando a sala da minha irmã Érica, até decidir ir pra minha turminha de verdade. Só posso dizer que valeu a pena.

Aos professores Milton Carlos Costa e Carlos Eduardo J. Machado que contribuíram com sugestões enriquecedoras na Banca de Qualificação. Ao Milton de modo particular, por acompanhar e auxiliar na pesquisa desde os primeiros passos até a defesa. Neste dia contamos com o apoio do professor Alfredo dos Santos Oliva, a quem agradeço pela leitura atenciosa do trabalho.

À FAPESP, que financiou esta pesquisa desde a iniciação científica, ressaltando que o apoio desta agência também compreende as contribuições que os seus pareceristas dão à pesquisa.

RESUMO

Nas suas obras culturais Freud apresenta uma visão esclarecedora da complicada relação que se dá entre o indivíduo e a sociedade. Assim como ele, Wilhelm Reich e Herbert Marcuse teorizaram sobre este tema, priorizando o problema da falsa consciência e da ausência de liberdade na civilização. Para isto, se utilizaram do elo entre psicanálise e materialismo histórico. O que pretendemos em nossa pesquisa é analisar como os dois desenvolveram este referencial teórico e chegaram a um estudo sistematizado da sociedade a que pertenciam. Isto nos permitirá realizar nosso objetivo de estudar a possibilidade da utilização da psicanálise na investigação histórica e as reelaborações dos conceitos freudianos. A escolha de Reich e Marcuse se legitima numa pesquisa histórica pelo fato de que ambos exploraram o componente histórico das categorias psicanalíticas.

Palavras-chave:

Inconsciente, repressão, materialismo histórico, liberdade.

ABSTRACT

In his cultural works, Freud presents an interesting view of the complicated connection between the individual and society. Like him, Wilhelm Reich and Herbert Marcuse theorize about this subject, emphasizing the problem in relation to the false consciousness and the lack of freedom in civilization. Then they used the link between psychoanalysis and historical materialism. In this research I intend to examine how they used this theoretical point and have got a systematic study of their society. So this will help us to study the possibility of the use of psychoanalysis in historical research. The choice of Reich and Marcuse is legitimated by historical research because they explored the history component of psychoanalytic categories.

Keywords:

Unconscious, repression, historical materialism, freedom.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Primeiro Capítulo	
A origem da civilização para Freud.....	13
1.1. Da natureza para a cultura.....	17
1.2. A inspiração revolucionária.....	30
1.3. Reich, a psicanálise e a economia-sexual.....	33
1.4. Emancipação em Marcuse, de Hegel a Freud.....	46
Segundo Capítulo	
Interpretação histórica a partir da teoria psicanalítica.....	60
2.1. Elementos subjetivos da política nacional socialista.....	65
2.2. Entre o capitalismo e o socialismo.....	74
2.3. Novo princípio de realidade, nova forma de controle social.....	78
2.4. Natureza do conhecimento histórico.....	86
2.5. História e psicanálise: decifrar sentidos.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	106

Uma pessoa pode tentar elaborar uma história do comportamento, ou uma história psicológica, sem ser ela própria psicóloga ou psicanalista, mantendo-se a distância das teorias, do vocabulário e mesmo dos métodos da psicologia moderna, e ainda assim interessar esses mesmos psicólogos dentro de sua área. Se um sujeito nasce historiador, ele se torna psicólogo à sua moda, que não certamente a mesma dos psicólogos modernos, mas se junta a ela e a completa. Nesse momento, o historiador e o psicólogo se encontram, nem sempre ao nível dos métodos que podem ser diferentes, mas ao nível do assunto, da maneira de colocar a questão, ou como se diz hoje, da problemática.

(Philippe Ariès)

INTRODUÇÃO

Desde a iniciação científica, estamos em torno de uma indagação: qual a utilidade e a aplicabilidade da psicanálise para a interpretação histórica? Indagação feita a partir das obras culturais de Freud, que nos levou até as obras de Herbert Marcuse e num momento posterior às obras de Wilhelm Reich. Nosso trabalho aborda o modo como estes dois autores, não historiadores, exploraram o conteúdo histórico das categorias psicanalíticas, construindo deste modo uma visão psicanalítica da história. Esta escolha se deve ao fato de que esta exploração não representa uma mudança radical da teoria psicanalítica, da qual ambos se utilizam, pelo contrário, ela é prova do potencial histórico e sociológico da teoria, que não fora totalmente explorado por Freud.

Embora nosso interesse consista em averiguar a possibilidade do uso da teoria psicanalítica na história, as obras por nós escolhidas não contêm apenas o referencial teórico da psicanálise, têm como base teórica a junção dela com o materialismo histórico. Como pioneiro dessa união, chamada posteriormente de freudo-marxismo, o próprio Reich diz que a aproximação não pretende que uma teoria complete ou substitua a outra em algum ponto, a intenção fora estender o alcance das duas teorias, uma auxiliando a outra. Para fundamentar nossa hipótese sobre a utilização, por esses autores, da teoria psicanalítica para a interpretação histórica utilizaremos as obras em que este referencial se faz presente. Estas obras no caso de Reich são aquelas em que ele desenvolve e utiliza a economia sexual. No caso de Marcuse

são as obras nas quais utiliza a teoria psicanalítica para desferir uma crítica ao modo de produção da sociedade capitalista.

O início da história da civilização para Freud é marcado pelo refreamento dos instintos humanos para que a vida em sociedade se tornasse possível. Reich e Marcuse recusam a postura de Freud na qual ele identifica a civilização com a repressão. Assim como o materialismo histórico tem sua fundamentação na transformação histórica possibilitada pela ação humana, eles pretendem explorar este mesmo elemento na psicanálise. Ou seja, ainda que Freud identifique a civilização com a inevitável repressão, Reich e Marcuse encontram na teoria psicanalítica a possibilidade de ultrapassar a repressão. No ponto em que a teoria psicanalítica confere uma imutabilidade ao processo histórico, Reich e Marcuse inserem a dinâmica, possibilitada a partir do motor da teoria materialista.

O centro desta movimentação na teoria marxista é o trabalho humano. Marx parte do pressuposto de que sendo o homem um animal que trabalha para se sustentar, este fator o leva a conhecer e a dominar cada vez mais a natureza de modo a melhorar as condições de vida de sua espécie. Essa crença nas capacidades humanas e numa melhoria das condições de vida, herança do Iluminismo, presente em Marx, será sentida de modo marcante nas obras de Reich e Marcuse com as quais trabalharemos. O que se deve ressaltar é que essa crença no domínio humano sobre a natureza torna-se uma teoria do desenvolvimento histórico e social. Além de compreender a possibilidade de alterar a realidade, que tomamos aqui num sentido revolucionário, de um lado, influência da Revolução Francesa, de outro, relacionado àquela esperança depositada nas revoluções soviéticas.

Por isto, é de fundamental importância o fato de que os dois autores por nós escolhidos são contemporâneos de uma série de episódios, entre eles, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e os movimentos fascistas. Fato que os coloca entre um número de intelectuais que no início do século XX procurou entender a sucessão de episódios conflitantes que iriam configurar o século. A luta entre instintos e civilização que aparece nas obras culturais de Freud, somada ao caráter revolucionário dos escritos de Marx auxilia nas reflexões de Reich e Marcuse. Posto que as duas teorias se prestam ao papel de conciliar o homem civilizado com sua natureza. De que forma? Recuperando a liberdade que desaparece com a repressão sexual, elemento da civilização, conforme a teoria freudiana e retomando a

consciência de sua força retirada pelo trabalho alienado, característica do sistema de produção capitalista, conforme a teoria marxista.

Nossa proposta será defendida em torno de duas obras, uma de Reich e outra de Marcuse nas quais consideramos que os autores efetivaram uma análise psicanalítica da História. As obras tratam de conjunturas diferentes, no entanto partem do mesmo problema sócio-cultural, qual seja, a dominação que culmina na falta de consciência e de liberdade, consolidadas através da repressão à sexualidade. A primeira é *Psicologia de massa do fascismo* (1933)¹, de Reich, que aborda a política do nacional socialismo em oposição a política revolucionária a outra é *A ideologia da sociedade industrial* (1964), de Marcuse, que trata o problema da sociedade de consumo norte-americana na década de 60. Nas duas obras podemos encontrar o recurso à dinâmica inconsciente para explicar o comportamento humano. O funcionamento mental dá o suporte para pensar duas conjunturas em que os indivíduos parecem tão eficazmente controlados e dominados que as explicações objetivas acabaram cedendo lugar às subjetivas.

No primeiro capítulo apresentaremos os elementos da teoria psicanalítica que são essenciais para compreender o processo repressivo, a isto seguirá a exposição da concepção histórica de Freud, levando em consideração o fato de que a noção que Freud tem da história da civilização dá aos nossos autores os elementos para pensarem o contexto histórico em que estão inseridos. Em seguida, apresentaremos uma breve contextualização histórica com o propósito de nos localizarmos dentro do contexto da revolução, que é um acontecimento e um conceito muito caro aos nossos dois autores, Reich e Marcuse. Depois traçaremos uma relação entre o referencial teórico deles e a apreensão da teoria psicanalítica por parte de cada um.

No segundo capítulo mostramos como Reich e Marcuse estendem a sua apreensão psicanalítica para a interpretação da História. Apresentaremos a aplicação da teoria do inconsciente em dois momentos históricos, a ascensão do nazismo na Alemanha e a política norte-americana do pós-guerra. Interessados, sobretudo, no aspecto psicológico comum aos dois contextos, ou seja, a conduta irracional dos indivíduos. Depois traçaremos a relação entre

¹ Trata-se da primeira edição do livro, existe uma segunda edição ampliada de 1934 e ainda uma versão inglesa de 1946 em que não há o referencial teórico do materialismo histórico presente nas anteriores, contém modificações relacionadas ao distanciamento de Reich das questões sociais, em determinado ponto de nosso trabalho trataremos desta mudança de perspectiva.

as disciplinas psicologia e história e entre a psicanálise e a interpretação histórica. Uma vez que a psicologia enquanto campo de conhecimento e a psicanálise enquanto uma teoria sobre o inconsciente humano inevitavelmente mantêm relação com a produção histórica e a afetam de algum modo. Para nos auxiliar utilizaremos as reflexões de alguns teóricos e de historiadores que refletiram sobre a psicanálise ou trabalham com ela. Deste modo, teremos condições de localizar o trabalho de Reich e Marcuse dentro das preocupações dos historiadores e teóricos a fim de pensar de que modo o trabalho dos dois pode contribuir na interpretação dos fenômenos históricos.

[...] das disciplinas que fazem um apelo metódico à interpretação: exegese, história, psicanálise.

[...]

A interpretação, diremos, é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados no significado literal.

(Paul Ricoeur)

PRIMEIRO CAPÍTULO

A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO PARA FREUD

Nosso trabalho está centrado nas obras que Reich escreveu nas décadas de 1920 e 1930 e nas obras que Marcuse escreveu nas décadas de 1950 e 1960. Isto se deve ao seguinte fato, neste período suas reflexões contemplam a união do materialismo histórico e da psicanálise. Será a partir destas reflexões que desenvolveremos nossa hipótese sobre a aplicação da psicanálise na interpretação histórica, partiremos da proposição de que um dos desdobramentos da aproximação entre estas duas teorias consistiu em evidenciar este potencial intrínseco à teoria psicanalítica.

É sabido que Marx e Freud são pensadores marcadamente humanistas, ou seja, o pensamento de ambos tem em comum a centralidade do elemento humano e suas potencialidades. As teorias desenvolvidas por eles circulam em torno dos condicionamentos impostos aos homens na vida socializada, por isto o que vemos é a oposição entre a civilização e a natureza humana. Onde a civilização representa os esforços do próprio homem em se afastar de seus impulsos mais naturais. Questão que está intimamente ligada ao anseio humano em encontrar modos de suprir de maneira mais fácil suas necessidades.

Dito isto, nos concentraremos inicialmente naqueles elementos da teoria psicanalítica que ao longo de nossa exposição nos ajudarão a verificar em qual medida ela pode auxiliar na compreensão histórica. A primeira coisa a dizer sobre ela é que possui duas vertentes. Aquela que se aplica ao trabalho clínico, voltada para o tratamento das patologias mentais. E outra que tem ampla utilização dentro e fora do campo da psicologia e se volta para a elucidação de fenômenos humanos, chamada de metapsicologia. “Como Freud havia dito a Fliess em março de 1898, a metapsicologia pretendia explicar aquela parte de sua psicologia que ia além, ou, como ele colocava, ‘por trás’ da consciência” (GAY, 1999, p. 335). Freud definiu o termo metapsicologia como uma psicologia na qual o funcionamento mental é analisado a partir de três pontos de vista, são eles, o topográfico, o dinâmico e o econômico. Vejamos uma definição dos três pontos de vista, feita por Paul Roazen (1973) em seu estudo sobre o pensamento social de Freud:

O ponto de vista topográfico, para Freud, incluía os conceitos de consciência, pré-consciência e inconsciência. A diferença entre o consciente e o pré-consciente reside especialmente entre aquilo de que uma pessoa já tem consciência e aquilo de que pode tomar consciência sem resistência nem ajuda exterior... O inconsciente, é claro, é aquilo que se mantém coercitivamente afastado da consciência por meio de bloqueios interiores. O ponto de vista dinâmico significava, para Freud, toda a variedade de forças mentais, os conflitos entre elas, e as conciliações atingidas: isto inclui, pois, as várias tendências e respectivas defesas do ego contra elas. [...] As defesas podem adiar a satisfação dos instintos ou funcionar mais radicalmente evitando completamente determinadas relações humanas, a fim de evitar perdas ou frustrações. São estas defesas que nos mantêm na ignorância de nossos motivos e sentimentos (p. 47-48).

Até aqui podemos concluir que nem tudo que acontece ao redor do indivíduo e mesmo dentro dele é de livre acesso ao seu conhecimento, ou seja, consciente. A centralidade da teoria consiste exatamente neste ponto, ou seja, existe uma realidade além da consciência, que nos circunda e movimenta tanto quanto nossos motivos conscientes ou até mais do que eles. “O ponto de vista econômico de Freud refere-se às energias da vida psíquica, aspecto quantitativo da psicologia humana. Esta perspectiva indica a força proporcional das forças mentais [...]” (Ibid., p. 48). De acordo com este ponto de vista as forças mentais podem ser medidas e o aparelho mental trabalha para que as forças mantenham-se dentro de determinadas proporções umas em relação às outras. Por exemplo, certa medida de frustração

corresponde à outra medida de satisfação, mais a frente, quando tratarmos do *princípio de prazer*, se tornará mais fácil compreender o ponto de vista econômico.

Com esta introdução à metapsicologia queremos evidenciar que a aplicação da psicanálise aos fenômenos humanos baseia-se nestes pressupostos, o que significa que uma interpretação psicanalítica da História se utiliza dos três pontos de vista freudianos. À medida que apresentarmos a apreensão que Reich e Marcuse têm da teoria, os desdobramentos de cada ponto de vista para a interpretação histórica serão contemplados. Já sabemos que a metapsicologia é a parte da psicanálise que ajuda a elucidar fenômenos humanos, mas agora levantamos uma questão. De que modo este sistema concebido por Freud pode ser explorado nas questões históricas?

Para começar a responder tal questão, queremos destacar dois pontos que são desdobramentos deste sistema. O primeiro deles, a teoria psicanalítica auxilia na interpretação histórica e na análise dos fenômenos humanos em geral na medida em que nos dá acesso às condicionantes inconscientes, que fornecem explicação baseada em fatores subjetivos, capazes de abranger certas dimensões da experiência humana inacessíveis aos fatores objetivos. Para que sejam possíveis tais análises, é preciso repetir os passos de Freud, o que implica em transportar a dinâmica do inconsciente, que constitui cada indivíduo isoladamente, para a esfera social. “A psicanálise estabeleceu uma estreita conexão entre essas realizações psíquicas de indivíduos, de um lado, e de sociedades, por outro, postulando uma única e mesma fonte dinâmica para ambas” (FREUD, 1913b/1974, p. 221).

A segunda questão se liga ao interesse de Freud pelos temas culturais². Para iluminar os aspectos culturais Freud careceu da elaboração de uma origem para a história da civilização, disto podemos tirar o que chamaremos de concepção freudiana de História. De acordo com esta concepção toda civilização se baseia na repressão dos impulsos humanos. Deste segundo ponto nasce uma contradição, que poderia dissociar a concepção freudiana de qualquer análise histórica, pois vincular a civilização à repressão implicaria em abolir o movimento que é próprio do processo histórico. Como pensar a História com o auxílio de uma

² Quanto aos termos civilização e cultura, se faz necessário esclarecer aqui que Freud adota uma identidade entre estes dois termos, qual seja, a diferenciação do homem dentre todos os outros animais. “Tradicionalmente, opõem-se os termos de *cultura* e *civilização*, este designando a dimensão material da vida social (produção dos bens essenciais a vida do grupo) e aquele a dimensão espiritual, que se manifesta na religião, na arte, na ciência e no direito, na filosofia, como outras tantas ‘grandes formações culturais’. Ao recusar-se a ratificar esta divisão artificial, Freud entende situar-se numa perspectiva em que ambas se articulam entre si, pois em conjunto constituem o índice que diferencia o homem dos animais.” (MEZAN, 1985, p. 482-483)

teoria cujo idealizador pressupõe que toda civilização se apóia na repressão? Procuramos sair desta contradição tomando como base a apreensão da teoria psicanalítica por parte de nossos dois autores, Reich e Marcuse. De tal modo que, para existir a relação entre psicanálise e análise histórica na obra de ambos foi imprescindível o fato de negarem o fator condicionante de toda civilização se fundar na repressão. Trouxeram à tona, a partir da metapsicologia e do estudo das obras culturais, implicações para a análise histórica que ultrapassavam a concepção de História do próprio Freud. Vamos mostrar de que maneira fizeram isto. Portanto, primeiro vamos nos ater aos principais aspectos que as obras culturais de Freud apresentam para o nosso trabalho. E, em seguida, abordaremos a apreensão que nossos autores têm desta formulação de Freud e qual o significado que ela obtém dentro do contexto de produção das obras que utilizaremos.

Antes de falar das obras culturais, devemos salientar que Freud abre para nossos autores um caminho para pensar um *mal-estar* (aqui, fazemos referência à expressão³ contida no título da sua obra cultural de maior repercussão) que existe na civilização que é contemporânea aos nossos três autores. Freud nasceu praticamente meio século antes de nossos autores, porém na obra dos três encontramos a repercussão dos episódios marcantes da Primeira Guerra Mundial e dos movimentos fascistas. Freud e sua família vivenciaram em Viena os reflexos da guerra, a falta de mantimentos e de outros gêneros necessários; a ida de membros da família para o combate e outras fragilidades a que fica exposta a população de países em guerra⁴. Reich participou da guerra⁵, mais tarde, com a vitória nazista, ele e Marcuse vivenciaram o exílio. Outra questão que estabelece um elo entre a experiência individual dos três é a relação familiar de ambos com a tradição judaica, condição que de algum modo os colocou em posição de refletir sobre a opressão e ofensiva de uns povos sobre os outros, constante ao longo da História. Enfim, são elementos que compõem a história

³ A obra em questão é *O mal estar da civilização*(1929), a palavra alemã Unbehagen pode ser traduzida para descontentamento, incômodo ou mal-estar, no título em português optou-se pela última.

⁴ Entre os relatos de Peter Gay a respeito do que ocorria com a família de Freud durante a guerra citamos estes. "... a guerra chegou à sua casa desde o início. Antes de acabar, seus três filhos tinham participado em combates, e dois deles em diversos. E mais, a eclosão das hostilidades praticamente arruinou sua atividade clínica; os pacientes em potencial foram recrutados para o serviço militar ou estavam pensando mais sobre a guerra do que sobre suas neuroses." (GAY, 1999, p. 324)

⁵ Em sua autobiografia Reich relata: "Nosso medo se assemelhava àquele experimentado diante da visão de um dilúvio ameaçador que não se pode deter." (1997, p. 60) À época da guerra tinha apenas 18 anos. "Éramos rapazes de dezoito anos, como milhares no Exército Oriental." (Id. p. 65)

individual desses autores e os levou a pensar e reavaliar a experiência humana de modo geral e a própria história da civilização ocidental.

1.1. Da natureza para a cultura

Em relação às obras culturais de Freud, a primeira delas é *Totem e Tabu* (1913), que nas palavras do próprio autor, trata da origem da religião e da moralidade (p. 19). A partir de seus estudos de antropologia, ele escolheu as tribos consideradas pelos antropólogos como as mais distantes de nossos parâmetros de civilização, para investigar os dois fenômenos que deixaram como herança para as posteriores formas de organização social, o totem e o tabu. Na relação que os aborígenes da Austrália têm com estes dois elementos, Freud encontrou elementos que considerou como fundamentais para a existência e perpetuação da civilização e também para a compreensão da sociedade moderna.

O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água) que mantém relação com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos e, embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). (FREUD, 1913a/ 1974 p. 21).

O totem seria o precursor das instituições sociais e religiosas. As obrigações sociais destes australianos são todas baseadas em sua relação com o totem. Quanto ao tabu, o próprio Freud reconhece a dificuldade de defini-lo, várias pessoas ou coisas podem ser consideradas tabus. No entanto, o que interessa para ele “é certo número de proibições às quais esses povos primitivos estão sujeitos. Tudo é proibido, e eles não tem nenhuma idéia por quê e não lhes ocorre levantar questão” (Ibid., p. 41). Outra questão importante é que os tabus se ligam a coisas muito desejadas. O autor agrupa as variações do tabu sob uma característica comum de grande interesse para os psicanalistas e para as análises sociais, todos os tabus têm por base

“uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação inconsciente” (Ibid., p. 52). Elemento fundamental para confirmar a hipótese de Freud de que as sociedades, das mais primitivas às mais civilizadas, se fundam na proibição de desejos. Ou seja, segundo a psicanálise a existência humana está fatalmente calcada na proibição. Já temos o primeiro fundamento daquilo que chamamos idéia de História freudiana.

O totem e o tabu têm relação com a formação da moral, tanto no plano individual, quanto no plano coletivo. Nos dois planos, o totem se relaciona com o pai e o tabu com a mãe. Os dois desejos da criança, matar o pai e ficar com a mãe, são os dois atos cometidos por Édipo, mito de Sófocles. Por isso Freud intitulou o conflito primordial que acontece na vida de cada homem como complexo de Édipo, cujo desdobramento regula toda a vida do indivíduo.

O conteúdo do complexo de Édipo - que pode ser descrito esquematicamente como a instauração da proibição do incesto – envolve a transformação mais decisiva da história de cada indivíduo [...] O mundo exterior se apresenta assim à criança não mais como contendo apenas a possibilidade de satisfação, mas igualmente como origem da frustração (MEZAN, 1985, p. 458 e 460).

Desde a infância, a existência de cada indivíduo é marcada pela frustração, que descarta a todo instante a possibilidade de satisfação. O complexo de Édipo é a origem do conflito entre impulsos naturais e a realidade, representada pelas proibições culturais.

Freud se utiliza de um outro mito para introduzir o conflito entre desejo e proibição na esfera coletiva. O mito conta a história do parricídio, quando os filhos mataram o pai, detentor do poder. Cansados do fato do pai monopolizar as fêmeas da horda, os filhos se rebelaram e arrumaram uma forma de dar fim ao seu domínio, o assassinaram. Este mito é baseado numa hipótese de Charles Darwin. “Deduziu ele dos hábitos dos símios superiores, que também o homem vivia originalmente em grupos ou hordas relativamente pequenos, dentro dos quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia a promiscuidade sexual” (FREUD, 1913a/1974, p. 152).

Os dois desejos que se encontram na origem individual, infância, e na origem da vida coletiva, a família primitiva, têm desdobramentos que se transmutam em proibições. Estas irão orientar a vida em sociedade e constituir toda a seqüência histórica posterior. A partir destes elementos, podemos compreender que na visão de Freud a história individual e a

história coletiva estão presas a acontecimentos originais que poderão constituir a base para uma história psicanalítica.

Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu [...] O pai morto tornou-se mais forte que o fora vivo [...]. (Ibid., p. 171).

A culpa gerada pelo crime simboliza a efetivação da dominação paterna, pois o sentimento de culpabilidade é o responsável pela perpetuação das imposições paternas de outrora. Ou seja, após a morte, o pai é eternizado, transformado em totem, que simboliza ao mesmo tempo algo sagrado e proibido. O totem é a emergência de duas heranças, o assassinato do pai e o dever de cumprir suas vontades. Portanto, para Freud, o evento primordial é a base de todas as instituições sociais posteriores, que, a começar pela família, terão sempre um apoio original para efetivar e manter o controle sobre os indivíduos. Apoiados nisto, tanto Reich quanto Marcuse fundamentaram sua crítica à política capitalista, no entanto, não se mostraram conformados com esta situação, ao invés disto recorreram à hipótese de Freud para pensar um modo de ultrapassar as formas de controle social, como veremos mais adiante. Interessados principalmente na seguinte questão - como a psicanálise, que parecia colocar o processo histórico em termos de uma repetição interminável, se apresentou aos nossos autores como uma teoria da transformação?

Na obra *O futuro de uma ilusão* (1927) Freud defende sua tese sobre a renúncia instintiva imposta pela civilização, faz isto através da explicação do surgimento das idéias religiosas. Para o autor a religião está entre os responsáveis pela repressão, exemplo disto são os mandamentos religiosos, ao prescrever como deve ser a conduta humana eles colaboram com o cumprimento dos deveres morais. Logo, ao invés de aliviar as dores, a religião contribui para aumentá-las, na medida em que cobra do homem uma conduta que se desvia de sua natureza.

Mas como idéias religiosas são aceitas e seguidas mediante tal constatação? A explicação que o autor dá para a força da religião é o desamparo que os homens sentem diante do mundo e frente às forças da natureza. Este sentimento de desamparo é um “protótipo

infantil, de que, na realidade, é somente continuação” (FREUD, 1974, p. 28). A criança teme o pai ao mesmo tempo em que se ampara em sua proteção, na esfera coletiva acontece o mesmo com os homens, como ficou evidenciado na relação dos filhos com o totem.

Vimos que a idéia de História de Freud possui um traço característico, uma origem conflituosa que irá regular a organização social posterior. Devido ao desamparo do homem perante as forças da natureza, a civilização pode, por meio da religião, fazer com que eles sigam seus preceitos em troca de proteção. Ainda que isto implique em deixar de satisfazer seus próprios desejos. No entanto, para Freud o poder divino nada mais é que um atributo que o próprio homem conferiu aos deuses. É uma força que os homens inventaram, em contrapartida à sua fraqueza, e atribuíram à divindade. Logo, a religião seria um artifício que surgiu da fragilidade humana.

No primeiro capítulo do livro ele trata da questão do controle sobre a natureza e da vida em sociedade. Desde o princípio, os homens buscam meios mais fáceis de viver e para isso eles tentam conhecer e manipular a natureza, pois muitas vezes ela se mostra hostil quando o homem recorre a ela no intuito de prover suas necessidades. Diante dessa hostilidade a solução que os homens encontram é a união, só assim eles adquirem mais forças para lutar pela sobrevivência. Uma vez que ocorreu tal união, foi necessário estabelecer regulamentos para que os homens vivessem em harmonia.

No terceiro capítulo Freud volta a tratar da questão da impotência do homem perante a natureza. O homem encontrou meios de obter benefícios mais fáceis dela, mas ela ainda se mostra indomável em muitas questões. E o que a civilização poderia fazer para confortá-lo? Cria a religião, através das idéias religiosas a natureza é personificada e seus atributos equiparados aos dos homens, assim como os homens possuem paixões também as possui a natureza. Porém, quem luta em pé de igualdade contra os poderes da natureza não são os homens, e sim os deuses, para isso é preciso que os homens obedeçam a sua vontade. Dentro desta lógica, os deuses protegem os homens das forças da natureza garantindo que eles cumpram os preceitos que perpetuam a civilização. “Ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização [...] vigiar o cumprimento dos preceitos da civilização” (Ibid., p. 33).

Outro fator que confere força à religião é a promessa da felicidade, não apenas a promessa, mas também a garantia de obtê-la. Este é o apelo que a religião faz a um dos

maiores desejos do homem, portanto, em troca exige obediência que consegue na forma de controle instintivo. Isto faz da religião um dos pilares desta civilização repressiva. Contanto que os homens sigam os preceitos religiosos eles serão felizes, seja neste mundo ou no futuro. Por isso Freud chama a religião de ilusão, ao prometer uma solução futura, que não possui relação com as possibilidades do presente, ela desvia o homem da realidade. “Podemos chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua realização e desprezamos suas relações com a realidade.” (Ibid., p. 44).

A religião cumpre exatamente o papel de garantir a harmonia e a ordem da civilização, o grande problema que ela apresenta é sacrificar a vida instintiva dos homens. Porém, a questão com o qual Freud se preocupa é outra, abolir o elemento artificial em que se constituiu a religião e organizar a sociedade de outro modo. É o que ele chama de educar para a realidade. Pois para ele a civilização só existe sob a renúncia e a privação de desejos, porém ele vislumbra um outro modo de privação que não tenha que passar pela crença religiosa. Quer dizer, privação sem ilusão.

Em *O futuro de uma ilusão* Freud nos mostra a fundamentação psicológica da religião, ao mesmo tempo em que nos dá os elementos da constituição do sentimento religioso, que nada mais é do que uma forma histórica de controle das tendências instintivas individuais em favor de um padrão único de comportamento condizente com a civilização. “Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto” (Ibid., p. 17). Todas estas proibições e renúncias instintivas que são impostas com o advento da civilização têm uma base psicológica. O agente psíquico responsável pela moralidade é o superego, ele se encarrega de internalizar as prescrições. Uma vez internalizadas, o superego as impõe à consciência do homem, ego, que fica encarregado do cumprimento delas.

Veremos na obra seguinte a dinâmica mental a que nos referimos ao apresentar o primeiro aspecto que destacamos na teoria psicanalítica, a característica de oferecer explicações subjetivas. Porque é somente através desta dinâmica que podemos utilizar a teoria para estudar os fenômenos humanos. Conforme mencionamos anteriormente, tal utilização foi possível porque Freud transpôs os conhecimentos que tinha sobre o funcionamento mental do indivíduo para pensar os aspectos culturais. Já tivemos um exemplo desta aplicação nas duas obras anteriores, primeiro na analogia entre a origem da repressão individual no complexo de Édipo e a origem da repressão coletiva com a horda. E depois quando

mencionamos que as sensações de temor e proteção despertadas pela figura paterna na infância têm seu equivalente coletivo no sentimento religioso. É exatamente a origem da repressão nos dois níveis, individual e coletivo, que abre espaço para as aproximações subseqüentes entre experiências individuais e coletivas. Os dois processos têm nome, filogênese, a origem da civilização repressiva, e ontogênese, a origem do indivíduo reprimido.

Em *O mal-estar na civilização* (1930) Freud explora esta dinâmica subjacente aos processos mentais individuais, que também pode dar suporte à compreensão dos processos sociais. Conforme este ponto de vista freudiano, existe uma oposição entre duas instâncias mentais, o id e o superego. O Id representando os instintos e o superego como agente da repressão imposta pela civilização. Em meio às exigências destas duas instâncias estará sempre o ego, ou consciência. Como vimos, o ponto de vista dinâmico compreende os conflitos e as conciliações entre as forças mentais.

Nesta obra, Freud remonta o caminho que o homem fez do modo de vida mais instintivo ao mais civilizado, evidenciando o processo de constituição do ser social. Através da explicação das alterações na natureza biológica e psicológica dos homens, ele ilustra o caminho que os conduziu ao modo de vida civilizado, estas alterações representam o que consideramos o conteúdo histórico desta obra cultural. Das transformações instintivas e psicológicas abordadas por Freud, depreende-se que a psicanálise contempla a dimensão histórica de transformação, mediante tal fato, a civilização não pode ser irremediavelmente identificada com a repressão.

Se nas duas obras anteriores apresentamos elementos que conferiam a visão de História freudiana um aspecto determinista, destacamos nesta obra este caráter dinâmico da teoria, considerando que são as vicissitudes concernentes ao funcionamento mental que nos darão suporte para sustentar a hipótese de uma história auxiliada pela psicanálise. O que já se constitui como um dos elementos que levam Reich e Marcuse a discordarem da concepção fatalista de Freud. Vejamos de que modo Freud confere historicidade a sua teoria. Um primeiro aspecto, ele afirma que “Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais também da civilização” (FREUD, 1974, p. 121). Primeiro a constituição da família e em seguida a da comunidade foram os primeiros passos para o afastamento da vida instintiva. A formação das famílias deveu-se ao fato de ter ocorrido um momento em que a necessidade de satisfação genital se tornou uma necessidade permanente. O macho passou a conservar a

fêmea ao seu lado e ela pensando na proteção dos filhos se estabelece junto ao macho, mais forte que ela. Freud usa as palavras fêmea e macho quando ainda se refere ao modo de vida instintivo que nos aproxima dos animais. Sendo a civilização um esforço para escapar a tal aproximação.

A constituição da família e, em seguida, a da comunidade servem ao propósito da vida que Freud chama “programa do princípio de prazer” (Ibid., p. 94), isto é, a busca instintiva pela satisfação dos desejos. Os homens se empenham na busca da felicidade e em evitar o sofrimento, contudo, destacam-se três fontes de sofrimento para o homem, o seu próprio corpo, os outros indivíduos e o mundo. O ego, a instância consciente e dividida entre os imperativos das outras duas, Id e superego, luta contra as limitações do próprio corpo, mas seguir o princípio de prazer, representado pelo Id, implicaria para cada indivíduo ir contra os outros indivíduos e contra o mundo, uma vez que, muitas vezes seus desejos são incompatíveis com os dos outros homens e com as determinações da sociedade. Como não é possível a consecução dos desejos de todos a solução é a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade, que será empreendida pela civilização.

A realidade se impõe de forma imperativa ao princípio de prazer, o princípio de realidade é um conceito que corresponde às realizações dos homens, portanto, é a ligação da psicanálise com a história; a constatação de que os instintos foram historicamente modificados. O princípio de realidade é a esfera da possibilidade e o princípio do prazer é a esfera da necessidade, da carência instintiva. De que modo se comportou a estrutura psíquica dos indivíduos diante das situações históricas que exigiram dele uma adequação? E que curso a história teve que seguir devido à falta de adequação de muitos instintos do homem e devido às muitas ocasiões em que as disposições inconscientes não foram passíveis de serem subjugadas? São perguntas de interesse histórico que podem ser formuladas com o auxílio da teoria psicanalítica. Consideramos que as respostas que a teoria pode oferecer abrangem uma variedade de situações históricas, posto que contemplam exatamente aquele aspecto do funcionamento mental inconsciente que movimenta a história dos indivíduos ou da coletividade.

Um segundo aspecto, a civilização existe sob uma contradição, ela surgiu para tornar a vida mais fácil e ajudar o homem a alcançar seu ideal de felicidade, mas se mantém sobre a renúncia instintiva sacrificando o programa do princípio de prazer. Para tanto, se dispõe a

fortalecer o superego, através das normas, e a enfraquecer o Id, através da renúncia instintiva. Assim o superego fica a serviço do princípio de realidade e as possibilidades do Id realizar o programa do princípio de prazer são reduzidas. Logo, a civilização se insere entre as três fontes de sofrimento do homem.

Freud relaciona algumas alternativas que surgem na civilização para os homens escaparem ao sofrimento. Entre elas, os tóxicos, as satisfações substitutivas, os derivativos poderosos e a religião. Os tóxicos atuam transformando a química do nosso corpo, alterando nossa sensibilidade em relação ao prazer e ao sofrimento. “O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como benefício, que tantos indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido” (Ibid., p. 97). Mas Freud considera que os tóxicos dispensam uma energia humana que poderia ser usada para a melhoria das condições humanas no mundo.

As satisfações substitutivas são capazes de diminuir o sofrimento, um exemplo são as artes. Os derivativos poderosos possibilitam extrair luz do sofrimento, correspondem a ocupações como cultivar um jardim e as atividades científicas. Ambas alternativas, as substituições e os derivativos são “deslocamentos de libido” (Ibid., p. 98), que com a ajuda da sublimação de instintos reorienta a finalidade instintiva para outras fontes que não a sua finalidade original.

A religião, que Freud chamou de delírios de massa (Ibid., p. 100), por ser um delírio comum para um grande número de pessoas, oferece exatamente o que é o desejo da humanidade, a garantia de felicidade e proteção contra o sofrimento.

Excetuando os tóxicos que provocam uma alteração química no organismo, as demais alternativas evidenciam o papel dos investimentos psicológicos na vida dos indivíduos e dos grupos. Cada uma dessas alternativas em maior ou menor grau são procedimentos que mostram uma tentativa de independência do organismo em relação à realidade externa que se impõe. São artifícios para alcançar a satisfação, em certa medida eles transgridem as imposições sociais, nestes casos, a felicidade passa a derivar de “processos psíquicos internos” (Ibid., p. 99), criando uma realidade paralela.

Conforme exposto acima, podemos verificar que na concepção freudiana a psique pode ser concebida sob o ponto de vista econômico, segundo o qual são realizados investimentos capazes de render prazer e evitar as ocasiões de desprazer. O que os homens

teriam a investir seriam as suas pulsões, Freud destaca na vida psíquica o papel de duas delas, a pulsão erótica e a pulsão destrutiva, que são consideradas pulsões primárias.

O início da história da pulsão agressiva na teoria psicanalítica é o *instinto de morte*, que surge em 1920 na obra *Além do princípio de prazer*. A respeito da proximidade da data aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial o próprio Freud se adiantara para dissociar seu conceito com aquilo que foi assistido e relatado durante o período de combate. Tinha que afastar seu conceito também de um acontecimento ainda mais tocante, a morte de sua filha Sophie no começo de 1920 devido a uma gripe que evoluiu para uma pneumonia. Foi assim que “no começo do verão de 1920, pedira a Eitingon e outros que atestassem, caso fosse necessário, que haviam visto um rascunho de *Além do Princípio de Prazer* antes da morte de Sophie Halberstadt” (GAY, 1999, p. 363). Assegurava que a obra fora escrita em 1919 quando a filha ainda estava saudável.

O grande morticínio de 1914 a 1918, com a revelação de verdades cruas sobre a selvageria humana nos combates e em editoriais belicosos, também levava Freud a atribuir um papel de destaque à agressão. Ao apresentar suas conferências na Universidade de Viena, durante o semestre de inverno de 1915, ele pedira aos ouvintes que pensassem na brutalidade, crueldade e falsidade que agora se espalhavam pelo mundo civilizado, e que admitissem que o mal não pode ser excluído da natureza humana essencial. Mas sob aspectos importantes, o poder da agressão já não era segredo para ele, bem antes de 1914. Freud, afinal, foi quem revelou seu funcionamento nele mesmo: em nível privado, em suas cartas a Fliess, e publicamente, em *A Interpretação dos Sonhos*. Se não tivesse publicado suas confissões, os desejos de morte de Freud contra seu irmãozinho, seus sentimentos edípicos hostis contra seu pai, ou a necessidade de um inimigo em sua vida poderiam continuar, para sempre, conhecidos apenas por ele mesmo. (Ibid., p. 363)

Percebemos que a agressividade tem uma história dentro da experiência pessoal de Freud e da psicanálise, embora sua participação efetiva na dinâmica mental comece a figurar a partir dos escritos de 1920. Quais seriam então as implicações do instinto de morte na História para Freud? Segundo a teoria psicanalítica o homem é movido por pulsões, ou seja, forças que o inclinam para a ação. É exatamente a pulsão que carrega o aspecto dinâmico da vida mental na psicanálise. Quando o homem se relaciona com as fontes de seu sofrimento, seu corpo, os outros indivíduos e o mundo, algum tipo de investimento está sendo realizado com as suas pulsões. Ou seja, suas realizações demandam determinadas medidas seja de sexualidade, seja

de agressividade. Assim como estas pulsões movem os indivíduos no nível da ontogênese, movem a sociedade e a História no nível da filogênese.

Nos dois planos tem que existir um equilíbrio de forças para preservar o indivíduo e a comunidade. As forças mentais são reguladas a partir da conciliação entre id e superego, perseguida a todo instante pelo ego na tentativa de preservar o indivíduo. Mas de que modo isto acontece nas relações sociais? É a partir do controle social, Freud (1930/1974) afirma que a civilização entra em cena com a primeira tentativa de regular esses relacionamentos sociais (Ibid., p. 116). Se assim não tivesse ocorrido o que regularia as relações sociais seria a vontade arbitrária dos indivíduos, segundo o poder dos mais fortes. “A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização.” (Ibid., p. 115). Ao poder da comunidade Freud chama ‘direito’ (Id.). Este direito que o próprio Freud põe entre aspas é firmado pelo acordo em comum dos homens, ao contrário da força que servia aos interesses individuais. O interesse em comum equivale ao sacrifício do interesse individual e, portanto, a restrição das pulsões individuais, sobretudo a sexualidade e a agressividade. “A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada não será violada em favor de um indivíduo.” (Ibid. p. 116).

Mas de que modo a civilização controla a sexualidade e a agressividade? Vimos que a civilização só foi possível pela união dos indivíduos, a sua manutenção inclui uma preocupação em controlar as relações que ameaçam essa união. Daí a antítese entre civilização e sexualidade, a explicação é que o amor sexual envolve duas pessoas, ameaçando o ideal de civilização que é unir vários indivíduos. A saída que a civilização encontra para que o amor sexual não feche os indivíduos nas relações entre casais é propiciar vínculos de identificação entre os seus membros e estabelecer relações de amor inibidas em sua finalidade, como a amizade. Na psicanálise a finalidade do amor é sensual, as outras formas de amor são formas inibidas em sua finalidade.

Outro esforço contra a sexualidade são os preceitos que estabelecem o modelo para uma vida sexual, calcados numa série de restrições ao prazer sexual. Esse procedimento se inicia na infância, porque na vida adulta seria difícil conter os instintos sexuais do homem se não houvesse uma imposição sexual desde cedo. As orientações para uma vida sexual adulta definem como relação normal, equivalente a uma conduta a ser seguida e a única aceita, as

seguintes formas de amor: a relação heterossexual, a monogamia, a sexualidade com a finalidade de procriação (e não como meio de obter prazer) e estabelece uma única forma de relação sexual para todos – a relação genital.

A exigência, demonstrada nestas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos, cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça. (FREUD, *Ibid.*, p. 125).

Para Freud, as restrições sexuais obedecem aos interesses econômicos, por conta deles uma grande quantidade de energia sexual é desviada de sua direção natural. A civilização explora a sexualidade, restringindo sua finalidade original e usando essa carga de energia para outros fins.

Sendo assim, as proscricões e prescrições sexuais seguem essa lógica. O amor heterossexual é permitido, mas a poligamia é proibida para que não ocorra uma liberação de energia maior do que a consumida pelo amor entre o casal, que por sua vez é permitido porque é a única forma de propagar a espécie.

No que diz respeito à inibição da agressividade, Freud destaca passagens históricas para embasar seu argumento de que ela é uma predisposição biológica. Ao estabelecer um elo entre pulsão agressiva (Thanatos) e acontecimentos históricos, estaria Freud eliminando muitas etapas comumente percorridas pelo historiador? É uma questão que tentaremos responder assim que inserirmos as idéias de Reich na discussão. Até aqui, podemos dizer que, para Freud, cada indivíduo enxerga no outro

não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação ... *Homo homini lupus*⁶. Quem, em face de sua experiência de vida e da história terá a coragem de negar essa asserção? [...] Quem quer que relembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia da Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que relembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião (*Ibid.*, p. 133).

⁶ O homem é o lobo do homem, frase de Hobbes que simboliza a natureza do homem, que faz com que em sociedade uns acabem sujeitos aos outros.

Assim como a energia sexual reorientada move uma sociedade, os impulsos agressivos também atuam nesta direção. Freud dá ainda outros exemplos históricos que comprovam sua teoria dos instintos. Ele discorda da crença comunista na bondade humana, que se baseia na idéia de que a propriedade privada é a fonte de todos os males. Na concepção de Freud, mesmo que a propriedade privada fosse abolida e os bens divididos por igual, ainda assim a agressividade permaneceria. “Não estou interessado em nenhuma crítica econômica ao sistema comunista [...]. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema se baseia são uma ilusão insustentável” (FREUD, *Ibid.*, p. 135). Quando apresentarmos a aproximação entre psicanálise e materialismo histórico, levantaremos a questão de como foi possível aproximar idéias de autores com pontos de vista antagônicos. Quer dizer, como foi possível relacionar o pensamento de Marx e Freud, uma vez que este segundo discorda de um dos pilares do socialismo científico, ou seja, a abolição da propriedade privada.

Para Freud a agressividade também une os homens. Assim como os homens lutam entre si satisfazendo os componentes agressivos, também se unem em grupos pela identificação, unidos, eles acabam encontrando um outro grupo que será o alvo de sua agressividade. O autor afirma que “o povo judeu possibilitou a união de outros povos, pois espalhado por toda parte, prestou os mais úteis serviços às civilizações que os acolheram” (*Ibid.*, p. 136). Neste caso, a agressividade é tão eficazmente utilizada para o controle social quanto a sexualidade. As duas servem para unir os indivíduos, logo, quanto mais unidos eles estiverem sob os preceitos da civilização maiores serão as garantias da dominação e da restrição serem bem sucedidas.

Freud mostra como os desejos de um grupo se ligam à sua agressividade ao relacionar o desejo de dominação germânico ao anti-semitismo e a tentativa comunista na Rússia que encontrava “apoio psicológico na perseguição dos burgueses” (*Ibid.*, p. 137). Há também os relacionamentos em que a agressividade é mútua, ele cita as rixas entre espanhóis e portugueses; entre os alemães do Norte e os alemães do Sul e entre os ingleses e escoceses. Ele intitula essas relações de “narcisismo das pequenas diferenças” (*Ibid.*, p. 136).

Dos investimentos psicológicos desenvolvidos pela civilização contra o componente agressivo, para Freud o que parece ser o mais importante é a introjeção dos preceitos da civilização nos indivíduos a partir do superego, que tem como consequência o sentimento de

culpa, herança do parricídio. A existência deste sentimento expressa a seguinte idéia - a agressão que seria deslocada para fora, contra outros indivíduos, passa a ser exercida dentro de cada indivíduo mediante a severidade do superego, responsável pelo controle da conduta individual. A sociedade instala o superego como uma guarnição dentro da consciência, unindo-o às outras medidas de coerção externa.

[...] a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. [...] a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se ligado um aumento do sentimento de culpa [...] (Ibid., p. 157).

Após o estabelecimento do superego ocorre uma mudança no sentimento de culpa, tal mudança levou Freud a considerá-lo como o maior problema no desenvolvimento da civilização. Antes o sentimento de culpa só se instalava após uma ação ser cometida, com o superego ele passou a ser um sentimento permanente. Como o superego exerce uma vigilância permanente, basta apenas pensarmos num comportamento proibido para que sintamos a culpa, mesmo sem ter cometido o ato, uma vez que, ao superego nada escapa. Eis o problema para Freud, a perda de liberdade na civilização atinge tal ponto que os homens são constantemente atormentados pelo superego. Diz o seguinte do superego:

Na severidade de suas ordens e proibições, ele se preocupa muito pouco com a felicidade do ego, já que considera de modo insuficiente as resistências contra a obrigação de obedecê-las – a força instintiva do id [em primeiro lugar] e as dificuldades apresentadas pelo meio ambiente externo real [em segundo]. [...] Ele também não se preocupa de modo suficiente com os fatos da constituição mental dos seres humanos. Emite uma ordem e não pergunta se é possível às pessoas obedecê-la. Pelo contrario, presume que o ego de um homem é psicologicamente capaz de tudo que lhe é exigido, que o ego desse homem dispõe de um domínio ilimitado sobre seu id. Trata-se de um equívoco e, mesmo naquelas pessoas que são conhecidas como pessoas normais, o id não pode ser controlado além de certos limites. Caso se exija mais de um homem, produzir-se-á nele uma revolta ou uma neurose, ou ele se tornará infeliz (Ibid., p. 167-168).

Os dois aspectos por nós destacados sugerem que o inconsciente move a vida individual e coletiva, nos oferecendo a possibilidade de pensar o processo histórico a partir

das expressões subjetivas. Agora que sabemos os elementos que a psicanálise tem a oferecer para a investigação histórica, podemos apresentar a apreensão que Reich e Marcuse fazem da teoria freudiana. Mas antes temos que compreender a significação que a teoria adquiriu no contexto histórico em que estes dois autores estão inseridos.

1.2. A inspiração revolucionária

Nossos dois autores nasceram no final do século XIX, Reich em 1897 e Marcuse em 1898, a inspiração revolucionária é central dentro da reflexão dos autores. O mesmo *mal-estar* que fez Freud identificar civilização com repressão, fez estes autores se ligarem à idéia de revolução como saída para este mal estar. Os dois trazem alternativas históricas em suas teorias, com o propósito de minimizar o descontentamento dos homens com sua sociedade. Vejamos de onde surge este ideal revolucionário e qual a sua apreensão por parte destes autores.

Quando falamos em revolução nos referimos a tomada do poder como sinônimo de transformação social, portanto, temos que iniciar pela Revolução Francesa de 1789, que inspiraria muitos movimentos do século posterior. “Sabia-se agora que a revolução social era possível, que as nações existiam independentemente dos Estados, os povos independentemente de seus governantes, e até mesmo que os pobres existiam independentemente das classes governantes”, afirma Eric Hobsbawm (1977, p. 133). Segundo o autor, se a influência econômica do século XIX se deveu a revolução industrial, a influência política e ideológica ficou por conta da Revolução Francesa.

Sua influência é direta e universal, pois ela forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequentes, suas lições (interpretadas segundo o gosto de cada um) tendo sido incorporadas ao socialismo e ao comunismo modernos (Ibid., p. 86).

De todas as formas que a sua repercussão assumiu a que mais nos interessa aqui é esta que se materializou no Manifesto Comunista de 1848, pois nele Marx e Engels colocaram o proletariado de todo o mundo na condição de vetores da transformação social. Pois

consideravam que o fato dos operários vivenciarem as misérias e as formas de exploração do sistema capitalista os impulsionaria à luta pela mudança social. Porém, a revolução não aconteceria enquanto a ideologia⁷ continuasse encobrendo a realidade sobre a exploração. Portanto, era necessário que o proletariado tivesse consciência de sua situação para que a revolução se efetivasse e com ela o socialismo. Posteriormente, quando analisarmos as implicações da aproximação entre materialismo histórico e psicanálise, nos aprofundaremos na questão a respeito dos reflexos da ideologia dentro do processo histórico segundo a visão marxista.

Richard Pipes (2002), especialista no estudo da Rússia moderna, diz que não se pode traçar uma distinção clara entre comunismo e socialismo. Para ele a palavra comunismo “refere-se a três fenômenos que, embora distintos, têm relação entre si: um ideal, um programa e um regime instituído para realizar o ideal” (p. 9). A idéia de um comunismo remonta a antiguidade, é retomado na modernidade e tem como ideal a igualdade social. Seu programa está relacionado aos escritos de Marx e Engels, o regime está ligado ao primeiro esforço de usar o poder do Estado para efetivar o programa. Ou seja, o socialismo soviético, fundado por Lênin, que data do golpe de estado de 1917. Como Lênin mudou o nome de seu partido de Social Democrático para Comunista, Pipes toma a teoria e a prática leninistas como a origem do comunismo moderno.

Assim como existiu um comunismo anterior ao moderno, já existiam idéias socialistas anteriores às de Marx e Engels, conforme Pipes a novidade dos autores está na doutrina que formularam, o chamado socialismo científico. Segundo o qual afirmavam “que o ideal de uma sociedade igualitária, sem propriedades, era algo que não só *aconteceria*, como em virtude da evolução natural da economia social, tinha de acontecer” (PIPES, 2002 p. 22). Procuramos entender as circunstâncias que deram lugar à doutrina socialista na Rússia, fazendo surgir a União Soviética.

Antes da revolução, o Império Russo fora governado por monarquias absolutistas comandadas por czares⁸. Havia quatro elementos que garantiam a ordem: a burocracia civil, as Forças Armadas, a polícia política e a Igreja Ortodoxa. Entretanto, entre 1815 e 1855

⁷ No dicionário *Houaiss* (2001) o verbete ideologia é acompanhado da seguinte definição, “conjunto de convicções políticas, sociais, filosóficas etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos.” À parte este sentido lato, ideologia recebeu outros sentidos, Marx concebe a ideologia como uma falsificação da realidade na consciência.

⁸ Ao longo do texto aparecerá as duas expressões czar e tzar e seus derivados, elas apenas apresentam grafia diferente, seu significado é o mesmo.

“ocorreu um descompasso que se tornara histórico entre a Rússia czarista e as potências capitalistas mais dinâmicas da Europa” (REIS FILHO, 2003, p. 22); o Estado russo ainda se enquadrava nos moldes do *Antigo Regime*. A grande extensão de terra que compreendia o império tinha uma base econômica predominantemente agrícola. As técnicas agrícolas eram rudimentares, a população composta em sua maioria por camponeses pobres que dependiam dos proprietários, estes dispunham de melhores condições e prestavam favores para aqueles, como sementes ou dinheiro. Os lotes que cada família recebia eram redistribuídos com frequência, causando instabilidade em relação à propriedade de terras.

Quando em 1848, eclodiram as revoluções sociais e nacionais européias, a *primavera dos povos*, o tsarismo cumpriu o pacto que assinara com a ordem estabelecida, projetando sua sombra sinistra, inibindo a rebeldia com ameaças, ou, quando foi o caso, na Europa central e oriental, matando as revoluções com seus exércitos. (Ibid., p. 21)

De certo modo, a Rússia procurou se manter imune aos reflexos das duas revoluções que configurariam a Europa no século XIX, a revolução industrial e a Revolução Francesa. Diante deste quadro, as forças sociais e políticas acabaram insurgindo. Conforme Daniel A. Reis Filho, ocorreram quatro revoluções na Rússia, uma em 1905, duas em 1917 e a última em 1921. “As revoluções aconteceram sem prévia determinação de qualquer natureza e não estavam inscritas em nenhuma lógica” (Ibid., p. 41).

A revolução de 1905 começou na forma de uma manifestação que levou reivindicações para o czar, entretanto, ele se recusou a receber os manifestantes. Pelo contrário, quem os recebeu foi a tropa que se encontrava no palácio. O período posterior a 1905 é marcado pela dura represália por parte da polícia política, em contrapartida houve uma organização do movimento revolucionário entre o período que leva desta revolução às vésperas da Primeira Guerra. A organização resultou no fortalecimento do movimento social, exemplo disto são os soviets ou conselhos:

Construídos para impulsionar as lutas sociais e políticas, não se limitaram a isso, desempenhando também, em situações críticas, determinadas funções governamentais (abastecimento, trânsito, iluminação, saúde pública, etc.), ensaiando-se, assim, como poder paralelo alternativo (Ibid., p. 42).

Ou seja, podemos afirmar que a repressão e a indiferença às reivindicações impulsionaram a atividade dos grupos sociais. Somado a isto, conforme Reis Filho, em 1916 houve uma reativação do movimento grevista devido à escassez e a inflação geradas pela guerra. Porém, se num primeiro momento a ação dos grupos sociais teve como uma de suas marcas a adoção de medidas que assumiam o papel do Estado, com a guerra tornou-se evidente que era necessário alargar o poder político e assumir o lugar do imperador. “A revolução foi filha da guerra no século XX: especificamente a Revolução Russa de 1917” (HOBSBAWM, 1995, p. 61). As ambições imperiais da Rússia não condiziam com a debilidade do seu aparato militar. Ela, assim como as outras nações, queria manter ou adquirir territórios, mas enquanto a guerra era travada com armas da indústria moderna, ela lutava com artilharia ultrapassada. Somado ao descontentamento crescente com o regime czarista, o saldo negativo gerado pela participação russa na guerra foi mais que suficiente para eclodir outra revolução que levou à abdicação do czar. Mas qual o reflexo destes acontecimentos para nossos autores?

As obras de Reich e Marcuse que estão no centro de nossa reflexão transitam entre dois temas, a perda da liberdade natural e a sua retomada. Esta última surge como uma inspiração da revolução, mas cada um deles concebe uma forma de alcançá-la. Reich se empenha na alternativa de revolução social. Marcuse se interessa pela liberdade do homem e pelo desenvolvimento de suas potencialidades. A seguir nos dedicaremos a compreender de que modo o tema da repressão dentro da psicanálise os ajudou a pensar na liberdade.

1.3. Reich, a psicanálise e a economia sexual

De que modo o ideal de nossos autores se liga a nossa temática central, interpretação psicanalítica da História? Ao utilizar a psicanálise como uma ferramenta crítica da sociedade, Reich e Marcuse inverteram a visão de História de Freud. De que modo? Se na visão de Freud o processo histórico era um círculo marcado pela repressão, a utilização que Reich e Marcuse fizeram da teoria psicanalítica rompeu com este círculo ao apontar para outros modos de organização histórica. Para entender como fizeram isto, temos que conhecer os caminhos que

percorreram para fazer da psicanálise uma teoria que pudesse ser vinculada aos interesses revolucionários.

Na apresentação do pensamento de Reich daremos ênfase à constituição e a especificação da sua teoria, economia sexual, que estabeleceu os fundamentos para as suas análises históricas. No que tange o nosso interesse, tal teoria é resultado de seu contato com a teoria psicanalítica e deriva da apreensão que teve dela. A apresentação do pensamento de Marcuse terá que ser feita da seguinte forma, estabeleceremos um elo entre a sua formação filosófica inicial e o seu posterior interesse pela teoria psicanalítica. Procederemos assim porque o interesse de Reich pela psicanálise se dá no início de sua formação, fazendo parte dos fundamentos que constituem seu pensamento. A apreensão da teoria psicanalítica por parte de Marcuse não constitui um dos seus interesses iniciais, ocorreu mais tarde, e quando surgiu ficou circunscrita àqueles fundamentos da sua formação intelectual. Importante assinalar mais uma vez que o elo entre os dois autores e que condicionou nossas escolhas não é somente o fato de pensarem a História a partir da psicanálise, mas pensarem a psicanálise a partir do materialismo histórico.

Em 1919, quando cursava a faculdade, Reich foi eleito presidente do Seminário de Sexologia, grupo que iria aprofundar os estudos neste assunto tão pouco explorado em seu curso de medicina. Como presidente, Reich foi encarregado de procurar bibliografia para o seminário, foi assim que entrou em contato com Freud. No ano seguinte ingressa na Associação Psicanalítica de Viena. O próprio Reich (1927/1995) diz ter gasto 14 anos de trabalho “intensivo na e para a psicanálise”. (p. 39). Foi nas clínicas psicanalíticas que ofereciam atendimento gratuito para aqueles que não podiam pagar, formadas por alguns psicanalistas da associação, que ele teve contato com a classe operária, crucial para empenhar-se no estudo da fonte social das doenças mentais. No ano de 1927 ele entra para o Partido Comunista Austríaco e se dedica à leitura de *O capital* (1867)⁹ e de *A origem da família da propriedade privada e do Estado* (1884)¹⁰ Em 1930 entra para o Partido Comunista Alemão.

⁹ O primeiro volume do *Capital* fora publicado nesta data, os outros dois foram editados por Engels depois da morte de Marx (1883), respectivamente em 1885 e 1894, graças à vasta documentação deixada por ele.

¹⁰ Essa obra, assim como os dois últimos volumes de *O capital*, foi editada por Engels após a morte de Marx, e é fruto dos escritos deixados por ele.

Em 1929 escrevia o texto *Materialismo dialético e psicanálise*, a aproximação entre as duas teorias enquadra-se na conjuntura europeia do período entre-guerras.

[...] as primeiras tentativas de integrar o pensamento de Freud e de Marx tiveram como pano de fundo dois marcos históricos: a revolução bolchevista, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder, em 1933. Esses dois fatos condicionaram a forma e as características da recepção de Freud pelos marxistas.[...] Os dois episódios tem em comum a valorização do fator subjetivo na história.[...] o importante, para os intelectuais alemães, era procurar as razões da falência do movimento revolucionário, e somente uma teoria crítica, como a psicanálise, enxertada num marxismo não totalmente privado do seu potencial conservador, poderia elucidar os mecanismos de capitulação proletária [...]. Podemos dizer assim, que o conteúdo do freudo-marxismo dos anos 20 e 30 foi determinado pela preocupação política e as condições objetivas (ROUANET, 1989, p. 13,16 e 17).

Para estes marxistas se tratava de entender de que modo uma política reacionária como a dos movimentos fascistas conquistava tantos adeptos entre o proletariado. Procuravam entender também o malogro do movimento operário internacional. Vimos que dentro da teoria marxista a ideologia cumpre o papel de encobrir a realidade, o proletário não tem consciência de sua exploração e este fato adia a revolução. Segundo a concepção histórica de Marx era inevitável que a revolução proletária se concretizasse. Como explicar o contrário do que fora indicado pela teoria? Considerado precursor do freudo-marxismo, Reich busca a resposta para esta questão. Tal resposta está diretamente ligada à questão dos reflexos da ideologia dentro do processo histórico.

Reich distingue entre a função objetiva e a subjetiva da ideologia. A primeira está enraizada historicamente nos interesses das classes dominantes, e consiste na metamorfose desses interesses em sistemas de idéias, cujo objetivo é mascarar esses interesses e facilitar sua realização efetiva. A segunda consiste na alteração psíquica dos indivíduos, a fim de tornar as classes subalternas receptivas ao sistema de poder (Ibid., p. 37).

Conforme exposto anteriormente, dentro da teoria psicanalítica a inconsciência equivale a uma realidade inacessível ao indivíduo e ela está diretamente relacionada a uma série de mecanismos que não permitem que esta realidade seja revelada. No entanto, este conteúdo aprisionado vai ganhando força e se manifesta por outros meios, partindo desta evidência, Reich estende o campo de abrangência da ideologia. Se por um lado a ideologia

pode ser abordada pela teoria marxista através do processo de dominação e exploração da classe operária. Por outro, a não efetivação das previsões de Marx quanto ao destino da revolução só se explica através da dinâmica subjacente ao conceito de inconsciente.

Vejamos em que sentido a função subjetiva da ideologia vai além de sua função objetiva. Na concepção de Marx o processo ideológico poderia ser rompido se os indivíduos tomassem consciência do funcionamento de sua sociedade, se conhecessem as leis econômicas que fazem com que os interesses de uns se sobreponham aos da maioria. Uma vez que as condições objetivas, especificamente a miséria, apontassem para o descompasso entre as horas que se dedica ao trabalho árduo nas fábricas e a gratificação recebida começariam a conscientizar-se de sua exploração. Na psicanálise as coisas se passam de outro modo, com o conceito de inconsciente Freud evidencia que aquilo que está oculto ao indivíduo não depende apenas do seu conhecimento para desenrolar-se. Desde a primeira proibição infantil, já na primeira recusa ao desejo começa a se constituir um material reprimido que irá nos movimentar a partir de nosso interior. Portanto, se para Marx tomar consciência implica em possuir conhecimento das leis que regulam a sociedade, para Freud implica em ter acesso aquele conteúdo oculto que movimenta nossas vidas e a sociedade em geral. Reich acessa a realidade inconsciente para pensar a estrutura da política nazista. .

Retomando a discussão sobre a origem do freudo-marxismo, se a função objetiva da ideologia não pode ser desvinculada de sua função subjetiva, a conscientização proletária não seria suficiente para oferecer ao proletariado condições de levar o processo revolucionário até o fim. Conforme exposto, durante a análise das obras culturais de Freud, as prescrições em que se fundamentou o estabelecimento da vida em comunidade foram responsáveis pelo enfraquecimento de Eros, ou seja, a subtração da sexualidade foi necessária para a manutenção da civilização. Uma vez que a revolução, sob inspiração dos escritos de Marx, pretendia livrar os homens de sua opressão, o elo entre materialismo histórico e psicanálise implica na necessidade de que os homens tomassem consciência de sua repressão sexual também, para que sua existência não estivesse condicionada a nenhum tipo de controle. A autonomia passava também pelo alcance da liberdade sexual. Sem ela o proletariado continuaria tão sujeito à dominação quanto antes. Somente quando os homens tomassem consciência deste fato poderiam reivindicar e lutar pela sua sexualidade subtraída, deste

modo, recuperariam sua força natural, subtraída da sexualidade, indispensável à exploração econômica.

Mas em que ponto isto se relaciona com a apreensão que Reich teve da teoria psicanalítica? Vejamos, ele tinha um sério engajamento político e queria ver as implicações práticas de sua teoria. Seu empenho político em promover a Revolução Sexual através da conscientização é consubstanciado na instalação de clínicas de higiene sexual e na fundação da SEXPOL (Associação para uma política proletária). As clínicas foram fundadas em 1929, nelas era possível obter gratuitamente informações sobre controle de natalidade, educação sexual, entre outros, além disso, ocorriam palestras mensais e reuniões em grupo. A SEXPOL se expandiu pela Alemanha em 1931 e chegou a contar com 40 mil membros. Este era seu empenho em unir as duas teorias não apenas desenvolvendo os conceitos, mas aliando a prática ao trabalho teórico.

Agora vamos nos ater à teoria reichiana, a economia sexual que Reich afirma ter nascido da psicanálise por volta de 1919 e 1923 e se afastado dela por volta de 1928. (REICH, 1927) Os escritos decorrentes de tal teoria abrangem um período que vai aproximadamente de 1927 a 1938, já em 1942 temos a publicação de *The discovery of the orgone: the function of the orgasm*¹¹, escrito em alemão, mas tem sua primeira publicação em inglês. A partir disto os escritos de Reich se direcionam para a teoria da orgonomia, com a descoberta da energia orgone, a energia vital, que segundo ele poderia ser medida, ele volta seus estudos para a biologia. Num momento oportuno o fato de Reich ter abandonado as questões sociais e ter se voltado para as biológicas será abordado com mais cuidado, assim como as implicações disto para a nossa pesquisa.

Enquanto Freud dá ênfase aos contornos inconscientes da vida mental em sua teoria, Reich toma por base a sexualidade genital, potência orgástica, como essencial para o bem estar social e para a saúde mental. As pessoas comumente estranhavam sua atuação em campos tão diversos como a psicologia, a sociologia, a fisiologia e a biologia, mas para ele essa interconexão era natural, pois considerava que o “tema ‘sexualidade’ atravessa realmente todos os campos científicos da pesquisa” (REICH, 1995, p. 13). Seu envolvimento com as questões sociais implicava num desenvolvimento maior do componente social da teoria

¹¹ REICH, W. *The discovery of the orgone: the function of the orgasm*. New York: Orgone Institute Press, 1942, v. 1, XXXVII.

freudiana. Deste modo a economia sexual quando desenvolvida por Reich vai de encontro às implicações econômicas e sociais da repressão sexual.

Reich define em poucas palavras a economia sexual e a investigação dos fenômenos da vida: “A saúde psíquica depende da potência orgástica, i.e., do ponto até o qual o indivíduo pode entregar-se, e pode experimentar o clímax de excitação no ato sexual natural” (Ibid., p. 15). Os indivíduos que não alcançam a potência orgástica são mentalmente doentes e socialmente improdutivos. “Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo” (Ibid., p. 94).

O que define se um sujeito é capaz de alcançar a potencia orgástica é o seu tipo de caráter¹². A estrutura caracteriológica de uma sociedade é definida pelas relações econômicas, a estrutura de caráter dos indivíduos dá sustentação ao sistema de dominação e poder. O socialismo estuda os sistemas econômicos e a função da ideologia, mas de que modo tais coisas se estabelecem nas mentes dos indivíduos só a psicanálise pode explicar. Por isso Reich reconhece que a ideologia tem as duas funções citadas mais acima, subjetiva e objetiva.

A estrutura de caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época. As ideologias de uma sociedade podem se tornar uma força material apenas com a condição de que mudem realmente as estruturas de caráter do povo.

O caráter consiste numa mudança crônica do ego que se poderia descrever como um enrijecimento. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se torna crônica, merece a designação de “encouraçamento”, pois constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo. [...] A couraça de caráter forma-se como resultado crônico de choque entre exigências pulsionais e um mundo externo que frustra essas exigências (REICH, 1979, p. 7, 151 e 152).

É com o complexo de Édipo que tem início a formação do caráter. O complexo é a origem da repressão de cada indivíduo, conforme Freud, na ocasião da primeira restrição ao

¹² A teoria do caráter tem raízes na psicanálise. “Freud desenvolveu não somente a primeira, mas também a mais coerente e penetrante teoria do caráter como um sistema de lutas subjacentes ao comportamento, mas não idênticos a ele.” (FROMM, 1975, p. 72) O comportamento equivale aos traços observáveis do indivíduo, tais como coragem, avareza. O caráter é aquilo que esta por trás, é o que motiva o comportamento.

impulso o aparelho mental dá início às estratégias para se proteger e se preparar para as futuras situações. O que não deixa de ser oportuno, visto que as possibilidades do princípio de realidade não cessarão de ser apresentadas ao ego, mesmo mediante as necessidades relacionadas ao princípio de prazer. Como forma de superação e adequação o ego se prepara para próximas frustrações. A couraça é o modo que o ego encontra para preservar o organismo. Existem dois tipos de caráter que Reich considera como intermediários, o neurótico e o genital, há uma diversidade de tipos que são derivações e variações destes dois.

Podemos dizer que o genital é o caráter da potência orgástica e o neurótico da impotência orgástica. “A sublimação é, como a satisfação orgástica, uma realização específica do caráter genital, a formação reativa é o modo do caráter neurótico” (Ibid., p. 181). A sublimação e a formação reativa são as chamadas defesas do ego, a diferença é que a sublimação é um tipo de defesa que não prejudica as atividades que o homem precisa realizar na sociedade. Estas são as defesas mencionadas na ocasião da definição do ponto de vista dinâmico, quando introduzimos a questão da metapsicologia, elas são vias de descarga de energia pulsional. Conforme Otto Fenichel, as defesas do ego podem dividir-se em: “a) defesas bem sucedidas, que geram a cessação daquilo que se rejeita; b) defesas ineficazes, que exigem repetição ou perpetuação do processo de rejeição, a fim de impedir a irrupção dos impulsos rejeitados” (FENICHEL, 2001, p.131).

A formação reativa é um tipo de defesa que prejudica o desempenho do homem em suas diversas atividades. Nela, a pulsão instintiva é reinvestida contra o próprio ego, surge outro impulso contrário ao primeiro, por isso formação reativa, aquela força original da pulsão é dirigida em direção ao próprio ego. Já na sublimação, o impulso inicial apenas se desvia da meta original, indo na direção de outros objetivos socialmente viáveis e produtivos. Porém, “não significa que o caráter neurótico não sublime e que o caráter saudável não tenha formação reativa” (REICH, 1979, p. 181).

Entre os vários tipos de caráter que derivam dos dois tipos médios, o caráter masoquista simboliza o rompimento de Reich com a teoria freudiana da pulsão de morte. Agora que vamos tratar da pulsão de morte podemos falar de suas implicações sociais no pensamento de Freud, voltando a nossa questão a respeito da inevitabilidade histórica causada pelo instinto de morte. Quando lançamos a seguinte indagação: Ao estabelecer um elo entre pulsão agressiva (Thanatos) e acontecimentos históricos, estaria Freud eliminando muitas

etapas comumente percorridas pelo historiador? O motivo da discordância entre Freud e Reich nos ajudará a elucidar a questão.

Conforme vimos em *O mal estar na civilização*, para Freud a agressividade cumpre um papel tão importante quanto a sexualidade ao longo da História humana. Sua constatação provém daquela fonte dinâmica que movimenta a psique e quando transferida para a esfera coletiva o ajudou a explicar elementos da vida em sociedade. Vimos que a agressividade se volta para o próprio indivíduo em forma de severidade, através do superego, é o que Freud (1924/1974) chama de “masoquismo moral”. Logo, se a sexualidade e a agressividade representam as pulsões que movem a vida do indivíduo, o mesmo deve acontecer na vida em sociedade. Diante disto, concluímos que para Freud a pulsão de morte, representada pelo impulso destrutivo, é indispensável para entender os fenômenos históricos.

Ao defender a existência de uma pulsão de morte em *Além do princípio de prazer* (1920) Freud justifica a agressividade humana. Uma vez que os fenômenos da vida individual e coletiva têm a mesma fonte dinâmica, ódios entre grupos religiosos, guerras, conflitos entre países e povos teriam sua explicação exclusivamente no instinto de morte. Contudo, a concepção de Reich a respeito do caráter masoquista aparece como negação ao impulso destrutivo e de sua utilização para justificar a agressividade humana ao longo da História.

No que consiste esta divergência entre as duas idéias sobre o instinto de morte? Inicialmente Freud dividia a vida pulsional em dois tipos de impulsos - de conservação do ego (fome, sede, sono, autoproteção, defesa) e de conservação da espécie (sexuais). Estas eram consideradas pulsões primárias, como o masoquismo não se incluía em nenhum destes grupos, era considerado um impulso secundário. No contexto da Primeira Guerra Mundial os impulsos agressivos passam à condição de pulsão primária, agrupadas sob o nome de instinto de morte, decorrência de seus estudos sobre as neuroses de guerra. Os outros impulsos, que antes eram divididos, são reunidos com o nome de instintos de vida. A partir disto, o masoquismo, como tudo relacionado à psique, fica condicionado à luta entre Eros e pulsão de morte. De modo que a agressividade passa a ser tão natural no homem quanto a sexualidade.

Acontece que Reich se recusa a aceitar que o masoquismo acontece sob a influência da pulsão de morte e que esta seja um impulso primário conforme a concepção de Freud. Reich afirma que a pulsão de morte é um instinto secundário, portanto, surge em decorrência de um instinto primário. Não existe um instinto destrutivo, a destruição é apenas o avesso da

satisfação instintiva. A “tendência destrutiva no caráter não é senão a cólera que o indivíduo sente por causa de uma frustração na vida e sua falta de satisfação sexual [...] O desejo de destruir é apenas a reação ao desapontamento amoroso ou à perda do amor” (REICH, 1995, p. 133). Reich (1979) considera que essa vontade de sofrer vai contra “um dos princípios originais e fundamentais da psicologia analítica [...] a lei básica do aparelho psíquico, segundo a qual o prazer é procurado e o desprazer evitado” (p. 222).

Seus estudos clínicos o ajudaram a confirmar a tese de que o sofrimento é social, ele pôde perceber que no fundo de cada agressão havia um impulso sexual não satisfeito. Isto o levou a conclusão de que na verdade o masoquista não sente prazer na dor, pelo contrário, “todo prazer que aumenta para além de certa medida é inibido e transformado em desprazer [...] os problemas do masoquismo giram em torno da perturbação da função do prazer” (Ibid., p. 246 e 249). Em virtude disto, para Reich a agressividade natural não pode explicar nem a inclinação individual à destruição, muito menos a coletiva. Portanto, segundo sua visão não se pode pensar a História a partir da luta entre Eros e instinto de morte.

Desta maneira, Reich reafirma o papel da sociedade na insatisfação do indivíduo, se colocando a favor da primeira teoria dos instintos que para ele reforçava mais o conflito existente entre o indivíduo e a sociedade. Explicaremos melhor, Reich entende a existência da pulsão de morte como um divisor no pensamento social de Freud, pois correspondia a uma mudança de postura no que diz respeito ao conflito entre instintos humanos e civilização. Antes do instinto de morte “o desenvolvimento psíquico se realiza com base no conflito entre a pulsão e o mundo externo” (Ibid., p. 221). Com a existência do instinto de morte – “o conflito psíquico passou a ser concebido como o resultado do conflito entre Eros (sexualidade, libido) e a pulsão de morte (impulso de autodestruição, masoquismo primário)” (Id.). Este é um dos motivos do distanciamento entre o pensamento de ambos, as mudanças decorrentes do conflito pulsional de 1920 fizeram com que Reich rompesse com a idéia de Freud e que levasse os rumos da teoria da economia sexual em direção aos temas sociais. Para Reich a pulsão de morte muda o foco da sociedade para a natureza, exatamente num momento em que ele está especialmente interessado no papel da sociedade na infelicidade do indivíduo. “Essa nova teoria remontou o conflito psíquico aos elementos internos e diminuiu, cada vez mais, o papel supremo do mundo externo, frustrante e punitivo” (Ibid., p. 222). A partir desta constatação, Reich busca devolver para a psicanálise sua potencialidade em esclarecer

fenômenos sociais refutando a concepção freudiana implícita na “teoria do desejo biológico de sofrer” (REICH, 1995, p. 178). Uma vez que ele recusa a luta entre as duas pulsões, terá que encontrar outro modo de pensar aqueles fenômenos. O modo que escolhe para fazer isto é tirando o caráter biologizante que a psicanálise adquiriu e devolver suas implicações sociais através da dinâmica histórica.

Reich diz que poucos sabem, mas *O mal estar na civilização* fora escrito em resposta às teses que ele vinha defendendo a respeito da responsabilidade da sociedade no aumento do sofrimento humano, nas quais vinculava socialismo e psicanálise. A obra de Freud saiu no ano posterior à publicação de *Materialismo dialético e psicanálise* (1929), ou seja, aproximação das idéias de Freud ao socialismo num momento delicado como aquele da circulação de idéias fascistas. Para Reich *O mal estar na civilização* seria uma resposta e uma defesa, pois considerava que Freud não estava criticando a sociedade, mas eximindo-a de culpa. Deste modo, a psicanálise dava mostras de que se reconciliava com a sociedade burguesa, ou seja, a partir do momento que Freud passa a responsabilidade do sofrimento humano para a sua constituição biológica. Ou seja, se o homem está condenado ao sofrimento a partir do seu próprio corpo o papel da sociedade fica bem diminuído perante tal constatação. Discordando totalmente disto, Reich enxergava na sociedade socialista matriarcal a possibilidade do fim da repressão sexual e de melhores condições de vida para todos os indivíduos; enfim, uma sociedade sem exploração de uns pelos outros, onde reinaria a liberdade sexual. O que isto significa dentro da apreensão que Reich tem da teoria psicanalítica? Como um seguidor das idéias socialistas, Reich afirma que o que gera a agressão são os problemas econômicos, ele percebeu que foi uma mudança ocorrida na História que ocasionou a mudança na direção original da pulsão. Portanto, neste caso, os fatores biológicos não podem se sobrepor aos históricos. Se a alteração foi de ordem histórica é possível reverter, o que quer dizer que, ao contrário da tese de Freud, repressão e civilização não são sinônimos.

Foi na ocasião da leitura das obras de Marx e Engels, juntamente com a leitura da obra de Malinowski, *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia* (1929), que Reich encontrou subsídio para confirmar a existência de uma sociedade livre de repressões. Ao comprová-la ele mostrava que a teoria de Freud sobre a irreconciliável luta entre sexualidade e civilização era um equívoco, a repressão era uma necessidade de qualquer organização

social baseada na dominação; não era, como pensava Freud, a necessidade de todas as organizações sociais. O indivíduo não poderia ter uma inclinação ao sofrimento, se certas experiências históricas anteriores comprovavam o contrário.

Onde se encontra a diferença entre a teoria cultural de Freud e as concepções de Marx, Engels e Malinowski? Na psicanálise e no materialismo histórico, existe uma origem para a organização social, Freud discute essa origem em *Totem e Tabu* e também em *O mal-estar na civilização*, Marx e Engels em *A origem da família da propriedade privada e do Estado*. A origem da civilização para Freud está no patriarcado, porém, para Engels e Marx a origem está no matriarcado. Quanto a Malinowski, o livro citado acima foi o fruto da sua permanência numa tribo da Melanésia, Trobriand, onde estudou a organização matriarcal.

Na sociedade trobriandesa ele encontrou um tipo de organização social, na qual predominava a liberdade sexual. A partir de sua leitura, Reich chegou a certas conclusões a respeito do elo entre repressão e interesses econômicos, refutando o elo de Freud. A vida sexual na tribo era “regulada pela satisfação dos impulsos sexuais e não por normas morais [...] com exceção do círculo estreito em que vigora a proibição do incesto, não existe entre os trobriandeses nenhuma moral baseada na negação da sexualidade” (REICH, 1932, p. 4 e 8). Na sociedade matriarcal a liberdade sexual torna-se o fundamento da formação de um caráter genital e garantia da saúde mental. “Na verdade a única coisa que nos distingue das sociedades primitivas é unicamente a ordem social da vida sexual” (Ibid., p. 28). Em contrapartida, Malinowski encontrou uma tribo que vivia próximo às ilhas Trobriand, nessa tribo havia repressão sexual e a presença de doenças mentais.

Para Reich a organização social original é o matriarcado, quando não havia dominação de uns pelos outros, a partir do momento que o interesse de alguns começa a prevalecer sobre o do restante e o poder começou a ser exercido, a organização matriarcal dá lugar à patriarcal.

Entre os trobriandeses a mudança de uma organização social para outra significou também a mudança que levou da liberdade sexual para a restrição sexual. A alteração da sexualidade se deu por conta de interesses econômicos. Na sociedade matriarcal toda a responsabilidade pelos filhos recai sobre a família da mãe, são os tios maternos que se encarregam de fornecer o dote das mulheres que vão se casar.

Em Trobriand, até a sexualidade infantil era livre, Reich notou que, não por acaso, a única restrição sexual infantil em vigor envolvia as crianças prometidas em casamento. Por

sua vez, esses casamentos combinados desde a infância, em que havia proibição sexual, eram os casamentos mais vantajosos economicamente para a linhagem materna. Era o casamento entre primos cruzados, no qual o dote fornecido pelo tio permaneceria na linhagem materna. Esta é a primeira evidência de que os interesses econômicos são a causa da restrição sexual. Por isso Reich define o dote como o agente destruidor da sociedade matriarcal.

Outro fator, também relacionado ao papel do dote na destruição da sociedade matriarcal, é a exploração. Conforme o próprio Malinowski (1929), “nas ilhas Trobriand só se pode ser rico tendo várias mulheres” (*apud* REICH, 1932, p. 67). Sendo assim, se cada casamento de um homem corresponde a um dote, vários casamentos de um só homem com várias mulheres significam vários dotes, essa acumulação é a origem do poder de um homem sobre a maioria.

Essa evolução, ao acarretar a mudança do direito de sucessão da linha materna para a linha paterna, leva necessariamente à supressão do direito materno – a essa altura já não é possível impedir a sociedade de evoluir para o sistema feudal e a escravatura (*Ibid.*, p. 67).

Como vimos anteriormente, conforme a teoria psicanalítica as restrições sexuais obedecem às leis da necessidade econômica na medida em que desviam uma grande quantidade de energia psíquica da sexualidade para suas finalidades. A civilização explora a sexualidade, restringindo sua finalidade original e utilizando a força pulsional para os fins socialmente úteis.

A teoria de Reich é fruto de suas referências teóricas, mas paralelamente a estas leituras, temos suas experiências particulares como fator preponderante no desenvolvimento da economia sexual. Em *Paixão de Juventude*¹³, autobiografia de Reich, encontramos um homem perturbado, um jovem que anseia por dar vazão a sua crítica, inconformado e incompreendido, é este mesmo Reich que continuará sendo o acusador da sociedade, não apenas da sociedade vienense, mas de todas as sociedades, das quais ele é mais um oprimido. Desde a infância até a idade adulta ele não encontra lugar e o seu grito simboliza o grito de tantos outros nesta igual situação. O que ele pretende é achar resposta e lugar, para sua aflição e para as dos demais reprimidos e oprimidos.

¹³ REICH, W. *Paixão de juventude: uma autobiografia*. Trad. Claudia Sant’Anna e Sâmia Rios. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Em 1919 ele começa a escrever um diário, nele escreveu memórias de sua infância e juventude, mais tarde, em 1937, escreve sobre as experiências na guerra e na Universidade de Viena. O nome de sua autobiografia diz muito sobre toda a sua produção, ele era um apaixonado, completamente envolvido com os temas seja de modo político ou emocional. A teoria que fez se afigura como um misto de sua personalidade e de suas leituras. Pois relata as memórias bem remotas sobre a sua sexualidade, uma delas diz respeito ao desejo que sentia pela babá de seu irmãozinho Robert, o Robi.

Nossa empregada estava tendo um caso com o cocheiro, um camponês jovem e de boa aparência que sempre arranjava algo para fazer dentro de casa no fim da tarde e muitas vezes encenava pequenas paródias humorísticas dentro de casa quando papai estava fora.

[...]

De outra feita, ele teve relações com a namorada e eu espiei o seu ato sexual. Aquilo produziu em mim sensações eróticas de enorme intensidade. (Eu tinha aproximadamente quatro anos e meio.)

Numa tarde subsequente, a babá estava deitada na cama com Robi. Fui me aproximando e juntei-me a eles porque – foi o que aleguei – queria tirar uma soneca. É óbvio, contudo, que tinha outros motivos. A posição prostrada da moça, com seus seios expostos, excitara-me e, na verdade, eu queria fazer o que o cocheiro fizera com a empregada, ou seja, ter relações sexuais. A babá, calmamente, me deixou agir; subi em cima dela, ergui o vestido e busquei febrilmente seus genitais (para a sua satisfação) (REICH, 1996, p. 14).

Seu modo de enxergar a experiência humana passa pela emancipação das cadeias que nos aprisionam, na sexualidade Reich encontra a possibilidade histórica de libertação. Apenas recuperando a nossa energia vital, ligada à sexualidade, seremos capazes de ter autonomia sobre nossa vida.

Seis anos no Partido Comunista foram suficientes para que Reich pudesse presenciar a irracionalidade do comportamento político. Seu campo de trabalho sociológico era a rua, participação em marchas de protesto. Tal experiência trouxe inspiração para as idéias que resultariam na obra *Psicologia de massa do fascismo* (1933), pois essa obra concentra-se no problema do movimento político, busca as causas do triunfo do nacional-socialismo sobre o socialismo científico. Acredita que o problema da atuação política socialista está na falta de atenção e percepção ao caráter subjetivo necessário para o exercício político. O êxito do fascismo está exatamente em ter articulado bem a sua psicologia de massa. No próximo capítulo trabalharemos esta obra com mais detalhes. Por enquanto, paramos por aqui com a

exposição das idéias de Reich e sua apreensão da psicanálise, agora passamos para a apresentação do pensamento e da concepção psicanalítica de Marcuse.

1.4. Emancipação em Marcuse: de Hegel a Freud

Vamos apresentar o pensamento de Marcuse conforme anunciamos, faremos aqui uma relação entre seu referencial teórico inicial e seu interesse posterior pela psicanálise. Em comparação a Reich, podemos dizer que Marcuse não possui o mesmo engajamento político, ao contrário, “não assumiu pessoalmente nenhuma atividade política, considerando a teoria a forma mais alta de práxis” (WIGHERSHAUS, 2002, p. 128). Para ele a teoria por si mesma tem o poder de esclarecer e conscientizar sobre o aspecto revolucionário da experiência histórica. É tarefa da teoria denunciar uma situação histórica que coíbe nossas potencialidades e mostrar que existe um outro modo de existência capaz de superar tal estado de coisas. Dedicar-se a teoria e esperar de suas implicações resultados transformadores afigura-se mais como resultado empírico do que apenas uma opção:

[...] desde o começo de 1918, prestava serviço militar numa unidade de reserva de dirigíveis em Berlim e estava inscrito como membro do SPD [...] partido de operários [...] indignado contra a direção do SPD, que considerava cúmplice do assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, saiu do SPD e dedicou-se aos estudos (Ibid., p. 128).

Marcuse estudou filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu o filósofo e professor Heidegger (1889-1976), que está entre aqueles autores de sua formação filosófica que abordam o tema da perda de liberdade. Conforme Francisco A. Doria (1983) a “análise de Heidegger vê o homem como tendendo, espontaneamente, a fugir de si mesmo e se perder para as coisas do mundo” (p. 75). Ao pensar no homem em seu cotidiano, Heidegger encontra no comportamento humano uma tendência comum, na qual hábitos e costumes são repetidos sem que saibamos a sua origem ou o seu sentido. A perpetuação deles ocorre porque todos agem assim, e com isto a conduta se justifica. É desta maneira que nos perdemos para o mundo, nos comportamos conforme uma conduta corriqueira. Tal situação acaba “reduzindo

as diversidades de cada um de nós aos valores médios e às possibilidades médias” (Doria, 1983, p. 77). Ultrapassar esta esfera da possibilidade média é o que caracteriza a necessidade individual, que é o projeto da libertação.

Outro filósofo importante na formação de Marcuse é Lukács (1885-1971), nele encontramos um conceito que também insere o homem numa esfera em que ele perde sua autonomia, o mundo reificado. Reificação é a “transformação de um relacionamento humano numa coisa a respeito de cujas origens nós não nos perguntamos porque delas nos esquecemos” (Ibid. p. 94). Para Lukács as relações humanas no capitalismo são reificadas, o que regula tal sociedade é seu modo de produção. Os meios de produção mecanizam o homem e suas relações. O operário não enxerga seu trabalho, apenas considera o trabalho da máquina, ele opera a máquina, sua função é mecânica. Se ele não produz é apenas uma peça na grande engrenagem do sistema capitalista. Retomando a idéia de reificação, se a produção é regida por *leis abstratas*, a vida social também. Perde-se a origem das coisas, elas já não carecem mais de explicação. É a racionalidade capitalista, onde o cotidiano também não carece de explicação, os comportamentos são racionalizados a tal ponto que não resta espaço para questionamentos sobre a organização do sistema.

Essa questão da racionalidade começa a ser abordada por Marcuse juntamente com os teóricos de Frankfurt. Ele participou ao lado de Theodor Adorno e Max Horkheimer deste grupo de intelectuais que se reuniam em torno do Instituto de Pesquisa Social formado em 1924, que mais tarde se tornou a Escola de Frankfurt. Estes intelectuais adotam como referencial uma Teoria Crítica, a crítica é dirigida à moderna sociedade capitalista, que se ancora na *racionalidade instrumental* que é um legado do positivismo ao século XX.

De acordo com Adorno a crise da razão ocorre à medida que a sociedade se torna mais racionalizada; nessas circunstâncias históricas, na busca de uma harmonia social, ela perde sua faculdade de crítica e se torna um instrumento da sociedade existente [...] se transforma em seu contrário – irracionalidade. [...] O positivismo se tornou o inimigo da razão ao invés de se tornar seu agente, e surgiu no século XX como uma forma de administração social e de dominação (GIROUX, 1986, p. 28).

Como vimos acima o próprio modo de produção capitalista racionaliza tal sociedade. Somado a isto, o positivismo, que para os frankfurtianos é *o ponto baixo do Iluminismo* (Id.), ofereceu a esta sociedade uma interpretação negativa da razão, com a qual ela irá justificar

sua dominação e irracionalidade. Pois o positivismo deposita na ciência o poder de resolver problemas, ele fundamenta as leis da sociedade, deste modo, surge uma confiança absoluta naquele poder. Assim, os indivíduos ficam eficazmente perdidos para o mundo (Heidegger) e indiferentes às origens das coisas (Lucács).

Queremos destacar no pensamento de Marcuse preocupações que tem em comum com os teóricos de Frankfurt. Não obstante a diferença de posições e temas dentro da Escola, podemos elencar, conforme Henry Giroux (1986):

- A tentativa de repensar e reconstruir radicalmente o significado da emancipação humana.
- A crítica da cultura, da racionalidade instrumental, do autoritarismo e da ideologia, conjuntamente à necessidade de desenvolver um discurso de transformação social.
- A argumentação contra a supressão da subjetividade, da consciência e da cultura na história.

O que há em comum é também a raiz hegeliana e marxista. Vejamos de que modo foi o contato de Marcuse com estas correntes teóricas.

Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx, escritos entre 1844 e 1845, são editados em 1932, Marcuse se dedicou a estudá-los. Na análise dos manuscritos dá ênfase ao trabalho como forma de libertação. Como vimos com Lukács, o trabalho mecânico tira do homem a consciência de suas capacidades, uma vez que ele supõe que ele não reconhece a força de seu trabalho. Só quando ele se conscientizar e enxergar no produto do seu trabalho a sua força é que o trabalho vai recuperar seu sentido libertador. Não são as forças mecânicas que tem poder de transformar e sim o trabalho que é potencialidade humana de mudar a realidade. O que encobre esta realidade é a alienação.

O que entende Marx por alienação (ou alheamento)? A essência desse conceito, apresentado primeiro por Hegel, é que o mundo tornou-se alheio ao homem. Ele não se sente como sujeito dos seus próprios atos, como pessoa que pensa, sente, ama, mas sente-se apenas nas coisas que criou, como o objeto de manifestações exteriorizadas de sua capacidade. Somente cercando-se dos produtos de sua criação estabelece contato consigo mesmo. [...] As forças de sua vida fluem para uma “coisa” [...] (FROMM, 1975, p. 46 e 59).

O trabalho mecanizado subtraiu do homem aquele poder que tinha de transformar as coisas. Conforme observamos nas obras culturais de Freud, a civilização foi o passo que o homem deu para se elevar sobre a natureza, ao manipular e controlar as forças naturais em seu favor o homem se emancipou. O que revela um otimismo inicial de Freud em relação às realizações do homem, relacionado obviamente a era moderna. Para Marx é neste ponto que o homem poderia se realizar plenamente, não fosse a exploração que existe na sociedade capitalista. Antes de seguir nesta questão, vejamos em que consiste a influência de Hegel no pensamento de Marcuse no que tange ao ideal de emancipação humana.

No começo da década de 1930 Marcuse começa a trabalhar numa pesquisa sobre Hegel que dá origem ao livro *Ontologia de Hegel e fundamentação de uma teoria da historicidade* (1932). Em 1941, época do exílio nos Estados Unidos, ele aproveita muito deste trabalho para escrever *Razão e Revolução*¹⁴. Nesta obra Marcuse faz uma releitura do pensamento de Hegel e Marx. Marcuse afirma que Hegel associava seu conceito de razão com a Revolução Francesa, mas que a ele e a outros intelectuais alemães, restava pensar a liberdade real da França apenas como ideal. Isto porque os ideais da revolução encontraram suporte no capitalismo industrial, pois a indústria seria capaz de fornecer meios de satisfazer as necessidades humanas. Essa afirmação de Marcuse, que carrega um tom de crítica, traz a seguinte constatação - aquilo que inicialmente era um estado de insatisfação política e uma esperança de mudança social se converteu posteriormente em puro interesse econômico. Uma vez que o desenvolvimento econômico da Alemanha não acompanhara o da França e da Inglaterra, restava aos alemães idealizar.

Na visão de Hegel, a reviravolta decisiva dada pela História, com a Revolução Francesa, foi que o homem veio a confiar no seu espírito e ousou submeter a realidade dada aos critérios da razão. Hegel evidenciou este progresso, opondo o uso da razão à aquiescência não-crítica às condições de vida dominantes. “Nada é razão que não resulte do pensar”. O homem se dispôs a organizar a realidade de acordo com as exigências do seu pensamento racional livre, em lugar de simplesmente se acomodar à ordem existente e aos valores dominantes. O homem é um ser pensante. Sua razão o capacita a reconhecer suas próprias potencialidades e as do seu mundo. Ele não está, pois à mercê dos fatos que o cercam, mas é capaz de sujeita-los a um critério mais alto, ao critério da razão. Seguindo sua orientação, o homem atingirá certas concepções que revelam estas a razão em conflito

¹⁴ MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

com o estado de coisas existente. Ele chegará a perceber que a história é uma luta constante pela liberdade, que a individualidade do homem, para poder realizar-se, requer que este possua alguma propriedade, e que todos os homens tenham igual direito a desenvolver as faculdades que lhe são próprias. (MARCUSE, 2004, p. 17)

A partir da leitura de Hegel, Marcuse passa a defender a realização plena das potencialidades humanas, o homem tem que saber do seu poder pra emancipar-se. Mas isto só pode acontecer através da Razão. É ela quem permite ao homem perceber a sua liberdade, desta forma, temos a história como a esfera da possibilidade.

Entretanto, Marcuse afirma que os filósofos alemães apenas idealizaram a revolução, ou seja, sua filosofia era idealista. Conforme Nelson Werneck Sodré (1968) “o principio cardeal do idealismo consiste em reconhecer a primazia da consciência e o secundário da matéria, da existência” (p. 51). A transformação se dá no plano da idéias, “seja como manifestação da razão universal, seja como resultado funcional da consciência humana” (SODRÉ, 1968, p. 51). Não há espaço para a ação humana nesta filosofia. Ao contrário da filosofia idealista, o materialismo histórico coloca as realizações humanas no centro. Marx “apreende as origens do indivíduo no processo de trabalho social e mostra como este processo é a base da libertação do homem” (MARCUSE, 2004, p.28). Deste modo, somente o trabalho, ou seja, a ação é responsável pela conscientização que emancipa. Segundo Sodré (1968), Marx trouxe a filosofia alemã para o solo. A partir do contato com as idéias de Heidegger e Lukács, Marcuse se depara com uma necessidade humana, em Hegel ele encontra uma possibilidade de mudança, mas somente com Marx ele entende que a solução só pode vir da ação do próprio homem. Mais tarde, Marcuse foi capaz de estabelecer uma analogia entre a temática da autonomia do ser humano no materialismo histórico e na psicanálise. Se o trabalho emancipa, conforme Marx, a liberdade sexual rompe a repressão, conforme Freud. Vejamos como ele se aproxima desta temática freudiana.

Ainda nos Estados Unidos Marcuse foi professor em diversas universidades. Conforme Wighershauss (2002), a idéia do livro¹⁵ sobre Freud viera das aulas que ministrou na Washington School of de Psychiatry. Para apresentarmos a apreensão que Marcuse tem da teoria psicanalítica, vamos nos ater a algumas considerações de *Eros e civilização*. No

¹⁵ Aqui o autor faz referência à obra *Eros e civilização*.

capítulo posterior introduziremos as reflexões de *A Ideologia da sociedade industrial*, que é um desenvolvimento da primeira obra, dedicada ao pensamento de Freud.

Marcuse pretende revelar uma possibilidade de organização social não repressiva através do caráter histórico da psicanálise. Na medida em que os instintos são afetados por condicionantes históricas e sociais, ele sugere que a repressão exercida sobre eles também pode sofrer modificação. Se o próprio Freud mostrou os contornos históricos do desenvolvimento instintivo, a psicanálise não pode mais definir a subjugação dos instintos como o único modo de existência humana.

Marcuse aponta para uma contradição no pensamento de Freud – a impossibilidade de uma sociedade não repressiva vai contra os pressupostos da própria psicanálise. As vicissitudes dos instintos conferem historicidade à teoria de Freud. Marcuse, a exemplo de Reich, encontra nos conceitos freudianos a historicidade que a hipótese de civilização repressiva anula.

A noção de uma civilização não-repressiva será examinada, não como uma especulação abstrata e utópica. Acreditamos que o exame está justificado com base em dois dados concretos e realistas: primeiro, a própria concepção teórica de Freud parece refutar a sua firme negação da possibilidade histórica de uma civilização não-repressiva; e, segundo, as próprias realizações da civilização repressiva parecem criar as condições para a gradual abolição da repressão. Para elucidarmos esses dados, tentaremos reinterpretar a concepção teórica de Freud, segundo os termos de seu próprio conteúdo sócio-histórico (MARCUSE, 1968, p.28).

O processo de repressão se efetiva na sociedade exatamente a partir do caminho que leva o homem da natureza à vida social, chamado de civilização. Freud expõe “o conteúdo repressivo dos valores e realizações supremos da cultura” (Ibid., p. 37), no entanto, se a repressão é um fator cultural subentende-se que ela é uma entre outros modos de organização social e não o único como supunha o autor. A luta eterna entre os instintos e as realizações sociais tem tanto componentes biológicos como sócio-históricos. Algumas alterações biológicas são consideradas irreversíveis, o que não é o caso das organizações sociais e históricas.

Com essas reflexões Marcuse pretendia confirmar que existem várias formas do princípio de realidade, para além do princípio de realidade fundado na repressão. Apesar do fato de Freud afirmar a existência e a predominância de apenas um, que nada mais é que o

princípio vigente na sociedade em que ele vivera. “Os vários modos de dominação (do homem e da natureza) resultam em várias formas históricas do princípio de realidade” (Ibid., p. 52).

Com o parricídio surgem os elementos para os subseqüentes modos de dominação. Ao mesmo tempo em que o crime gerou a culpa nos indivíduos, fato que os impede de se rebelar contra as possíveis formas de dominação, foi responsável também em garantir a obediência aos preceitos do pai, posterior moralidade, cuja efetivação se dá com a instauração do superego. Conforme vimos durante a análise das obras culturais, a culpa já está instalada no superego mesmo antes de se efetivar o ato que mereceria punição. Por isto, é ele quem dá o suporte necessário às instituições repressoras. As coisas se passam da seguinte maneira, toda vez que ressurge no filho, anteriormente dominado pelo pai da horda primitiva, a vontade de se rebelar ela é automaticamente suplantada pelo temor à autoridade e pela culpa do crime. Então, a dominação está garantida, seja quem for o dominador, ele sempre representará a figura do pai. Marcuse diz que o mito vale pelo seu valor simbólico, mesmo que sua comprovação esteja fora do nosso alcance e de qualquer confirmação antropológica. A hipótese de Freud “encaixa, numa seqüência de eventos catastróficos, toda a dialética histórica de dominação e, por conseguinte, elucida aspectos da civilização até aqui inexplicados” (Ibid., p. 70).

No nível individual, a revolta primordial está contida na estrutura do conflito normal de Édipo. No nível social, às rebeliões e revoluções recorrentes seguiram-se as contra-revoluções e restaurações. Das revoltas de escravos no mundo antigo à revolução social do nosso tempo, a luta dos oprimidos terminou no estabelecimento de um novo e ‘melhor’ sistema de dominação; o progresso teve lugar através de um aperfeiçoamento da cadeia de controle (Ibid., p. 92).

Um fato interessante que Marcuse nos apresenta acerca do mito de origem de Freud é o seguinte, assim que a dominação paterna cessou, devido ao assassinato, teve lugar o matriarcado. Contudo, este matriarcado de que fala Freud não tem nenhuma proximidade com aquele ao qual nos referimos, presente nas obras de Marx, Engels, Malinowski e Reich. O matriarcado que surge após o parricídio simboliza apenas o fim da dominação do pai, é apenas uma forma de libertação. Portanto, não se apresenta como algo natural, conforme a concepção dos quatro autores e de Marcuse também. De acordo com a narrativa de Freud, logo após o assassinato do pai a dominação retomou seu espaço. “No desenvolvimento da

civilização, a liberdade só se torna possível como *libertação*” (Ibid., p. 73). A liberdade só significou a condição de estar por um momento na ausência da opressão paterna. Contraditoriamente, os próprios filhos tiveram que se defender do perigo dessa liberdade conquistada; que, no entanto, não foi desfrutada. O próprio estabelecimento do princípio de realidade dificulta a reafirmação do princípio de prazer. Eles continuavam ligados ao pai, por causa do crime que permaneceu em sua mente como sentimento de culpa. Com efeito, “o pai primordial prenuncia as subseqüentes e dominadoras imagens paternas, a cuja sombra a civilização progrediu” (Ibid., p. 69).

Após a morte do pai os filhos se encarregaram de organizar a comunidade de modo a evitar que o princípio de prazer desregrado ameace a união dos irmãos. “Só podem atingir esse objetivo repetindo, numa nova forma, a ordem da dominação que controlava o prazer e por isso preservava o grupo” (Ibid., p. 71). Marcuse quer saber a medida ideal de repressão. É fato que o princípio de realidade se impõe para que os homens possam viver unidos sem prejuízo para nenhum deles, mas não é o que acontece até o presente momento por conta da repressão. O que está em questão é um princípio de realidade com uma medida suficiente de repressão e sublimação. O centro dessa problemática se apresenta através de dois conceitos que o autor apresenta.

- a) *Mais-Repressão*: as restrições requeridas pela dominação social. Distingue-se da *repressão* (básica): as ‘modificações’ dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização.
- b) *Princípio de Desempenho*: a forma histórica predominante do *princípio de realidade*. (Ibid., p. 51).

Essa importância que Marcuse dá ao trabalho, herança do materialismo, o faz pensar que o problema da dominação não é o trabalho. O trabalho é necessário para a manutenção da vida humana em sociedade. O grande problema é a sobreposição dos interesses de uns indivíduos sobre os de outros. A forma de organização econômica na sociedade industrial, baseada na produtividade e no seu aumento gradativo, requer indivíduos altamente reprimidos que possam canalizar sua potência instintiva para o trabalho.

Marcuse, influenciado pela variação dos modos de produção apresentada na teoria marxista, percebeu o aumento da quantidade de repressão exigida na sociedade industrial,

resultante do aumento da produtividade. Isto o levou a seguinte conclusão, a mais-repressão da sociedade industrial é uma prova de que a repressão é variável, logo, é possível um modo de organização que não demande tamanha repressão.

A partir da historicidade do materialismo histórico Marcuse revelou a historicidade da teoria psicanalítica. Uma vez que consegue fazer isto, caminha numa direção paralela, aplicando a teoria do inconsciente aos problemas históricos. Seria o instinto de morte a afirmação da vida? Estaria o princípio de desempenho abrindo caminho para decifrar uma contradição no pensamento de Freud? Marcuse ao contrário de Reich não se concentra na pura destrutividade do instinto de morte, para ele a agressividade é um componente da civilização assim como a sexualidade. Ou melhor, o desvio de energia dessas pulsões são construtores da civilização, constituem seu combustível.

Se não existe um ‘instinto de trabalho’ original, então a energia requerida para o trabalho (desagradável) deve ser ‘retirada’ dos instintos primários e dos instintos sociais e destrutivos [...] a principal esfera da civilização aparece-nos como uma esfera de sublimação. Mas a sublimação envolve dessexualização (Ibid., p. 86-87).

Ele concorda com Freud a respeito da utilização das pulsões para o estabelecimento e manutenção da civilização, só não concorda que a repressão deva ser uma fatalidade na civilização. Se Eros ficasse livre, seria um prejuízo para os indivíduos isoladamente e para a vida em sociedade, devido às proporções de sua força é necessário que parte dele seja aplicada às realizações culturais. Portanto, deve haver uma medida para a restrição instintiva, na sociedade industrial esta medida foi ultrapassada devido aos interesses produtivos. Marcuse constata que a utilização da energia proveniente dos instintos primários é necessária para o próprio equilíbrio entre Eros e pulsão de morte. Visto que, “o próprio trabalho na civilização é, em grande medida, uma utilização social dos impulsos agressivos e é, portanto trabalho a serviço de Eros” (Ibid., p. 87). Porém, dessexualização significa sacrificar energia proveniente de Eros, fato que liberaria e fortaleceria o instinto de morte, por conseguinte, a destrutividade.

Como seria possível evitar a dessexualização tão freqüente sob o princípio de desempenho? Marcuse apresenta os estágios da vida orgânica a fim de atestar que as

modificações históricas dos instintos indicam a possibilidade de um princípio de realidade que deixe os instintos mais livres. A divisão dos estágios é a seguinte:

1º) Matéria inorgânica.

2º e 3º) Origem da vida orgânica. Reino do princípio de prazer.

4º) estágio intermediário.

5º) Formação dos dois instintos primários.

6º e 7º) Modificação dos instintos humanos em civilização. Instauração do princípio de realidade.¹⁶

No princípio havia somente a matéria inorgânica, as duas etapas posteriores dão lugar à vida orgânica e paralelamente ao princípio de prazer. O estágio 5 é o início dos dois instintos primários. É oportuno esclarecer que na versão original de *Eros e civilização* Marcuse utiliza o termo *instinct*, entretanto, o sentido que a palavra tem na nossa língua não equivale a instinto, a palavra que corresponde a noção freudiana é pulsão.¹⁷ No início do livro existe algo que Marcuse chama de explicação preliminar de termos onde define o termo instinto da seguinte forma: “a noção freudiana de *Trieb* refere-se aos ‘impulsos’ primários do organismo humano que estão sujeitos à modificação *histórica* [...]” (Ibid., p. 30). No entanto, essa definição da palavra alemã *trieb* corresponde em nossa língua à palavra pulsão, que para Freud significa a energia que move o homem, diferente de instinto que se aproxima mais de uma inclinação que temos e nos remete a nossa condição de animais. Agora voltemos aos sete estágios. O que existe nesta divisão que evidencie a emergência dos elementos históricos sobre os biológicos na instauração do processo repressivo?

Os pontos culminantes são os estágios 3 e 6. Ambos são causados por fatores exógenos, em virtude dos quais tanto a formação definitiva como a subsequente dinâmica dos instintos tornaram-se ‘historicamente adquiridas’. No estágio 3 o fator exógeno é a ‘tensão não aliviada’, gerada pelo nascimento da vida orgânica; a ‘experiência’ de que a vida é menos ‘satisfatória’, mais penosa, do que o estágio anterior, gera o instinto de morte

¹⁶ Adaptamos de forma esquemática o diagrama encontrado na página 129 de *Eros e civilização*.

¹⁷ Cf. GOMES, Gilberto. Os Dois Conceitos Freudianos de *Trieb*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 17, n. 3, 2001. p. 249-255. Neste artigo o autor trás uma discussão sobre os vários significados do termo alemão *trieb* e da acepção que o termo ganhou dentro da teoria psicanalítica. O que queremos evidenciar é que a palavra *trieb*, que é traduzida para o português como pulsão, carrega um sentido dentro da psicanálise que não permite identificá-la com aquilo que entendemos por instinto.

como impulso para aliviar a tensão por meio da regressão (MARCUSE, *Ibid.*, p. 128).

O estágio 6 representa a tensão dos instintos na civilização. Se as alterações partem de condições históricas e não biológicas este fato representa que elas podem ser alteradas. Partindo destas inferências, vai se delineando a apreensão que Marcuse tem da psicanálise. Ao articular os conceitos freudianos, o autor defende acima de tudo a supremacia do reino de Eros sobre Thanatos. Neste ponto, assinalamos uma diferença existente entre a postura de Marcuse, Reich e Freud a respeito do embate pulsional. Para Reich a agressividade humana é uma pulsão secundária, ou seja, é uma energia que deriva da frustração proveniente de uma pulsão primária. Ao contrário de Freud, ele refuta a idéia de que a agressividade é uma inclinação humana, afirma que ela é decorrente de impulsos sexuais não gratificados. Para Reich, dar relevância a agressividade humana significa se apaziguar com a organização da sociedade, isto é, eximi-la da culpa pelo sofrimento humano. Vimos que a centralidade da economia sexual é a sexualidade genital, não há espaço para a agressividade nesta teoria. A única coisa que lhe preocupa é a potência orgástica. E o que pensa Marcuse a este respeito? Afirma que a preponderância da genitalidade dentro da teoria reichiana corresponde ao enfraquecimento de Eros.

Marcuse criticara Reich, embora de um modo cordial, por supor que o objetivo da felicidade humana era a intensificação da sexualidade genital. Uma tal noção era sexualmente reacionária, pois deixava o corpo essencialmente dessexualizado e suscetível de favorecer maior exploração econômica e política. Somente o corpo ressexualizado ... resiste a transformação num instrumento de trabalho (ROBINSON, 1971, p. 161).

Não seria a liberdade sexual o caminho para a revolução social segundo a concepção de ambos? Por que Marcuse discorda de Reich neste ponto? Primeiro vamos retomar a questão da relação entre sexualidade e civilização dentro da psicanálise. Conforme Robinson, para Freud “o cerceamento da destruição que, em primeiro lugar, tornou possível a civilização, envolve não a tolerância sexual mas a sua destruição” (*Ibid.*, p. 167). A civilização existe sob o sacrifício das pulsões e o livre desenvolvimento de qualquer uma das pulsões primárias, sexualidade ou agressividade, ameaçaria a existência social. Porém, para Marcuse a única pulsão que devia ser sacrificada em benefício da civilização devia ser a

pulsão destrutiva, como vimos, uns parágrafos atrás ele encontra a solução para controlar o componente agressivo através de sua utilização social, no caso, energia para o trabalho. Posto que o enfraquecimento de Eros dá vazão à destrutividade; “só a sexualidade irreprimida poderia opor-se à força da destrutividade” (Id.).

Agora vamos ao motivo da discordância entre Reich e Marcuse que se relaciona à concepção que eles e Freud têm dos componentes sexuais que abrangem o corpo. Dentro da teoria psicanalítica a libido equivale à energia que movimenta a vida individual, ela é o componente de Eros, como a destrutividade é o de Thanatos. Vimos também que Freud uniu na segunda teoria dos instintos dois tipos de pulsões sob o título de instinto de vida (Eros), as de conservação do ego (fome, sede, etc.) e as de conservação da espécie (sexuais). As primeiras tinham que ser satisfeitas a qualquer custo, por uma questão de sobrevivência. Porém, as segundas eram vistas como ameaça, algumas páginas atrás, quando falávamos da horda, podemos perceber que a restrição do prazer preserva o grupo. Além disto, a energia subtraída da sexualidade era necessária para fins sociais e dentro do princípio de realidade não há lugar para a livre gratificação das pulsões. Um princípio de realidade baseado na dominação, precisa da repressão para perpetuar-se. Acontece que esse fato levou à redução da função sexual primária à área genital. Houve uma alteração biológica de modo que a sexualidade ficou restrita à procriação. O corpo foi dessexualizado. Quer dizer, para Freud originalmente a pulsão sexual abrangia mais partes do corpo, mas como ela não é compatível com os interesses civilizados teve que ser restringida. Com isso, ficou concentrada nos locais necessários à manutenção da civilização, os órgãos genitais. Onde foi parar todo aquele Eros que tomava o corpo todo? Ele passa a ser canalizada para outros fins culturais, foi redirecionado.

Reich desenvolve sua teoria aceitando está restrição como biológica, por isto resume a sexualidade à área genital. Porém, quando Marcuse fala em organização social não repressiva, está falando em ressexualizar o corpo, retornar ao estado anterior da civilização. Marcuse vê a genitalidade como um problema, a restrição da sexualidade à zona genital é em si uma modificação histórica também. Aceitá-la como biológica é como aceitar a identidade entre civilização e repressão sexual, algo que o próprio Reich refuta. Por isto Marcuse o critica. Todas as aproximações e divergências entre as idéias de História de nossos autores nos

ajudarão a refletir a respeito do alcance da teoria psicanalítica na elucidação de eventos históricos.

Até aqui percebemos que a apreensão psicanalítica de Reich e Marcuse consiste numa tentativa de evidenciar na psicanálise a possibilidade histórica de que os homens recuperem a autonomia sobre suas vidas. Somente a partir desta conscientização poderão recuperar o sentido de sua existência, transformando as condições em que vivem. A apresentação da visão de História de Freud e a relação entre a esperança de emancipação, alimentadas por Reich e Marcuse e suas apreensões da teoria psicanalítica foram essenciais na nossa exposição. A partir dos elementos explorados aqui será mais fácil compreender porque uma teoria material e subjetiva, baseada na articulação do materialismo histórico e da psicanálise, ofereceu aos nossos autores os subsídios para suas análises históricas. Isto é, como pensaram a situação histórica em que viviam considerando em primeiro plano as dimensões inconscientes da experiência humana. Depois disto veremos as consonâncias deste trabalho histórico de Reich e Marcuse com o espaço ou a importância que se dá para a psicologia e a psicanálise na interpretação histórica.

Na glorificação do “trabalho”, nos infatigáveis discursos sobre a “benção do trabalho”, vejo a mesma segunda intenção que nos elogios dos atos impessoais e de interesse geral: o temor de tudo que é individual. Agora nos damos realmente conta, perante o trabalho – isto é, dessa dura atividade da manhã à noite – que essa é a melhor polícia, pois ela mantém cada um com rédeas curtas e se empenha vigorosamente a evitar o desenvolvimento da razão, dos desejos, do gosto da independência. De fato, o trabalho usa a força nervosa em proporções extraordinárias e a subtrai à reflexão, à meditação, aos sonhos, aos desejos, ao amor e ao ódio, coloca sempre diante dos olhos um objetivo mesquinho e assegura satisfações fáceis e regulares. Assim, uma sociedade em que se trabalha sem cessar duramente terá maior segurança: e é a segurança que hoje se adora como divindade suprema. – E aí está (ó horror!) justamente o “trabalhador” que se tornou perigoso! Os “indivíduos perigosos” formigam! E atrás deles está o perigo dos perigos – o *individuum*!

(Nietzsche)

SEGUNDO CAPÍTULO

INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA A PARTIR DA TEORIA PSICANALÍTICA

No capítulo anterior vimos a idéia de História de Freud, derivada de sua metapsicologia e abordada em suas obras culturais. Em seguida, vimos que Reich e Marcuse, inspirados pelo ideal revolucionário, tiraram da teoria psicanalítica e das obras culturais os subsídios para refletir sobre uma civilização não repressiva. É exatamente a partir dessa abordagem que pretendemos pensar na hipótese de extrair da psicanálise alguns pressupostos sobre o processo histórico que possam auxiliar na investigação de determinados episódios da História. Portanto, chegou o momento de abordar aqueles fenômenos que Reich e Marcuse elegeram para fazer o que chamamos de história psicanalítica.

Para pensar as duas obras que consideramos como fruto deste tipo de história, *Psicologia de massa do fascismo* e *A ideologia da sociedade industrial*, é preciso ter em

mente o que foi exposto sobre a união da psicanálise ao materialismo histórico. Isto é, o fato desta aproximação servir para explorar o caráter histórico de alguns conceitos da psicanálise, que como vimos foi decorrência da análise dos aspectos subjetivos relacionados ao destino da Revolução Russa e ao estabelecimento da política nazista. Pois a revolução não representou o êxito do proletariado como versava o materialismo histórico, o fascismo triunfou, era preciso que os marxistas explicassem e pensassem tal estado de coisas, para tanto, alguns se utilizaram da psicanálise. Não obstante as condições objetivas apontarem para o fortalecimento da reação política em prejuízo da política revolucionária, Reich utilizou as teorias de Marx e Freud para afirmar a possibilidade de uma existência em liberdade. Aquele pensamento humanista que trazia a questão da natureza humana e influenciara Marx e Freud permanecera na raiz do pensamento de Reich, mais tarde Marcuse faria uso desta mesma junção para explicar a irracionalidade que opera na sociedade de consumo norte-americana. Diante de dois contextos em que os interesses individuais eram reduzidos aos interesses políticos e econômicos, os dois autores ainda se mostravam interessados numa transformação histórica que dotasse os homens de autonomia.

A teoria psicanalítica cumpria duas tarefas no pensamento deles, primeira, dava acesso às razões psíquicas que mantinham os indivíduos coesos e sob controle, segunda, apresentava os elementos que eles requeriam para afirmar uma existência livre de repressões. É dentro deste quadro que pretendemos apresentar a aplicação da psicanálise na interpretação histórica. Seguindo a ordem cronológica dos fatos e da publicação das obras, apresentaremos primeiro os elementos subjetivos explorados por Reich em *Psicologia de massa do fascismo* e em seguida analisaremos este mesmo aspecto na obra *A ideologia da sociedade industrial* de Marcuse.

A fim de relacionar o trabalho deles com a produção histórica, na segunda parte do capítulo trazemos algumas reflexões acerca da relação entre história e psicologia e história e psicanálise. Com isto esperamos reunir elementos para averiguar os limites e as possibilidades da utilização da psicanálise na interpretação de fenômenos históricos. E também pensar em que medida o trabalho de nossos autores pode ter contribuído para o desenvolvimento da teoria psicanalítica naquilo que ela pode auxiliar na investigação histórica. Finalizamos o capítulo com uma discussão a respeito da obra de dois historiadores que fazem uso da psicanálise em suas pesquisas,

Antes de apresentar o trabalho de Reich e pensar em suas implicações para a pesquisa histórica, temos que ter em mente o que aconteceu no período que antecedeu a ascensão do nacional-socialismo. É fato conhecido que o nazismo se insere dentro de um fenômeno maior que se iniciou na Europa, especificamente na Itália, conhecido como fascismo. Ora o que definia tal fenômeno?

Os movimentos fascistas geralmente são analisados dentro de um quadro de forças conflitantes que se constituíram desde o final do século XIX. No livro *Itália fascista e Alemanha nazista* (2004) o historiador Alexander J. de Grand discute o estilo “fascista” de governar, selecionamos um excerto a partir do qual poderemos perceber quais são as raízes deste fenômeno.

O Fascismo na Itália, na Alemanha e em outras partes da Europa Ocidental foi uma resposta a determinados problemas inerentes à estrutura política liberal, em torno da virada do século: a adoção do sufrágio universal; a crise das organizações políticas burguesas do século XIX; o desenvolvimento de partidos socialistas e sindicatos; e uma crescente impaciência, de parte das elites industriais e agrárias, com as inadequações do sistema parlamentar existente. A Primeira Guerra Mundial aumentou: os conflitos de gerações dentro da classe média, a polarização ideológica sobre a questão da guerra e da Revolução Bolchevista e as expectativas, que brotavam em todas as classes e alimentavam as aspirações revolucionárias e contra-revolucionárias. Mas seria errado encarar o “Fascismo” meramente como manobra defensiva de uma burguesia reacionária e desesperada para desviar uma revolução inevitável. Os movimentos fascista e nazista eram expressões da expansão burguesa e de seu desejo de ver a sociedade organizada de modo a favorecer sua contínua ascensão social (DE GRAND, 2004, p. 40).

Enquanto um movimento de cunho nacionalista, os fascismos suspeitam da democracia parlamentar e da filosofia liberal. Abominam os ideais revolucionários. Na base desta oposição está o fato de que tudo aquilo que fomenta a iniciativa e a liberdade do indivíduo lhe soa como ameaça. “O indivíduo encontra sua razão de ser na subordinação ao grupo e a sua realização na integração da comunidade. O fascismo exalta os valores do grupo, da coletividade, da comunidade nacional” (RÉMOND, 1974, p. 94).

A história de cada país também foi fundamental para a constituição do movimento. De fato, cada país assistiu ao desenvolvimento de um fascismo bem particular. “O Fascismo e o Nazismo surgiram em 1919 como movimentos que agregavam diversos grupos de dissidentes

políticos e culturais sem a imposição de um alto grau de disciplina partidária ou a exigência de filiação exclusiva” (DE GRAND, 2004, p. 37). Cada um dos movimentos teve a sua frente um líder, Benito Mussolini e Adolf Hitler, que nasceram respectivamente em 1883 e 1889. Em 1912 Mussolini se destaca como um dos líderes do Partido Socialista Italiano. No mesmo ano que ele forma o primeiro *Fascio di Combattimento*, 1919, Anton Drexler forma o Partido dos Trabalhadores Alemães, ao qual Hitler se filia em setembro. Em 1920 é transformado em Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Como os fascistas, os nazistas gradualmente abandonaram ou ignoraram partes de seu velho programa. O NSPAD também trocou uma estratégia urbana, que desafiava diretamente os socialistas e comunistas pelo controle da classe trabalhadora, por uma que focava os camponeses e vários grupos de eleitores da classe média.

[...]

O novo programa de 1920 apelava diretamente à classe média baixa, combinando anti-semitismo com hostilidade às grandes empresas comerciais (Ibid., p. 40 e 41).

Pode-se dizer que o nazismo alemão veio ao encontro dos anseios de uma população descontente com a derrota na Primeira Guerra e com as imposições do Tratado de Versalhes. Temerosa que estava também com a inspiração da Revolução Russa, que logo ecoou na Alemanha dando início a uma revolução que se instalou em diversas cidades imediatamente após a guerra. O proletariado tomou finalmente o poder, chegando a implantar um regime comunista que sobreviveu por um curto período até a intervenção do exército. A revolução aconteceu em virtude de uma confluência de acontecimentos no país. A Alemanha já vinha passando por um crescimento industrial que se acelerou em virtude das demandas da guerra. Em contrapartida, os operários não se valiam dos benefícios dessa prosperidade industrial. Abertos que estavam às soluções de seu problema, se valeram dos ideais marxistas. A isto se seguiram agitações que abalaram diversas cidades. Ainda que a revolta não tardasse a ser sufocada, levando em poucos meses ao fracasso da revolução, a ameaça do ressurgimento comunista e o temor do movimento operário continuavam presentes. O fato do nazismo se apresentar como inimigo da revolução social era algo realmente significativo às vésperas das eleições que conduziriam Hitler ao poder anos depois. Com efeito, quando a economia mundial entrou em colapso no ano de 1929, o país se via novamente vulnerável. “Os ‘inimigos da nação’, para a maioria dos adeptos do nazismo no início da década de 1930,

significavam primordialmente os marxistas”. (KERSHAW, 1993, p. 55) No entanto, o nacional-socialismo era um entre vários movimentos que se articulavam no país. Por que triunfou sobre eles? Uma das respostas pode ser encontrada na força da propaganda nazista, o partido havia se fortalecido nos anos que se seguira a sua formação.

O atrativo do líder “carismático” para as massas tem apenas uma relação indireta com a verdadeira personalidade e os atributos de caráter desse líder. As percepções são mais importantes do que a realidade. Poucos dos treze milhões de alemães que votaram em Hitler em 1932 o haviam conhecido. O Hitler de que tinham ouvido falar, sobre o qual haviam lido na imprensa, ou que tinham visto em reuniões eleitorais e grandes comícios, correspondia a uma imagem dourada e criada pela propaganda. O “marketing” da imagem foi vital. Mas o mesmo se deu com a predisposição inicial a aceitar esta imagem. A maioria dos defensores do nazismo, provavelmente, estava ao menos parcialmente convertida muito antes de encontrar Hitler em carne e osso, ou de sucumbir de algum outro modo ao seu “carisma”. [...] Especialmente nos vilarejos e cidadezinhas, foi muito freqüente as pessoas seguirem o exemplo dos pilares da comunidade – os notáveis locais e os membros respeitados de clubes e associações sociais – ao apoiarem os nazistas (Ibid., p. 54).

Kershaw observa que inicialmente não foi o líder carismático que garantiu os votos para o partido nacional socialista, essa figura foi sendo construída após sua vitória. O que existiu foi um culto ao homem, que acabou por transformá-lo em um mito. Os líderes nazistas que conheceram Hitler antes de chegar ao poder “estiveram entre as primeiras vítimas e principais expoentes do *mito de Hitler*”. (Id.) Foram eles que se encarregaram de disseminar e construir o líder. Kershaw se interessa em saber de onde vem o poder do nacional-socialismo. Questiona a personalidade de líder de Hitler, que segundo relatos de seus companheiros de exército era introspectivo. Acabou entrando para a política porque foi a opção que lhe restara depois da guerra, posto que aos 30 anos de idade ele não contava com nenhuma experiência estável de trabalho. Com isto, o autor vai delineando as forças que estão ao redor do líder, mostrando que foi uma confluência de fatores que fez com que o nacional-socialismo se destacasse entre tantas propostas de recuperação para a Alemanha. Agora apresentaremos a análise dos aspectos subjetivos da política nacional socialista, contidas na obra de Reich.

2.1. Elementos subjetivos da política nacional socialista

Como vimos acima, no que toca os elementos objetivos, o fascismo consiste numa reação política que se levanta contra as manifestações revolucionárias. O fascismo é também reação econômica na medida em que é representante das aflições de uma classe média que ambiciona pela posição daquela parcela da classe dominante que desfruta realmente dos benefícios do sistema capitalista

O fascismo sendo por finalidades objectivas [sic.] e por essência o representante mais extremo da reacção política e econômica, assume desde há vários anos as dimensões de um fenómeno internacional, e supera em muitos países, de modo visível e inegável, o movimento revolucionário. O facto de que esse fenómeno é mais fortemente pronunciado nos países industrializados só agrava o problema. Face ao reforço internacional do nacionalismo impõe-se o facto do fracasso do movimento operário, numa fase da história moderna que se tinha tornado economicamente madura para a deslocação do modo de produção capitalista. A isso acresce a recordação inapagável do falhanço da Internacional Operária quando da eclosão da guerra mundial e do esmagamento do levante revolucionário de 1918-1923 fora da Rússia (REICH, 1974, p. 9).

Quais foram as forças que minaram o avanço do movimento operário? Para Marx, a História caminhava numa direção certa, que seria o triunfo dos proletários sobre aqueles que lhes tomaram o poder ao apropriar-se de sua força através do trabalho. O capitalismo estava condenado exatamente devido ao seu funcionamento, fatalmente o destino da sociedade capitalista era a revolução que implantaria o socialismo. Quando finalmente a economia capitalista passa por uma crise (1929) que abalou a confiança dos próprios capitalistas, conforme as expectativas de Marx seria a ocasião propícia para a conquista proletária. Não foi o que aconteceu, e todos ficaram sem respostas. Reich encontra a resposta na função subjetiva da ideologia, ele considera que somente a partir dela é possível entender o sucesso da política nacional socialista em oposição ao fracasso da política revolucionária. Em 1933, ano que Hitler é designado chanceler, Reich se dedica a explicar o triunfo da reação política:

[...] a política marxista não tinha incorporado, ou tinha feito mal, aos seus cálculos e à sua prática política a psicologia das massas e o efeito do misticismo.

Quem tenha seguido e vivido praticamente a teoria e a prática do marxismo destes últimos anos, na esquerda revolucionária, apercebeu-se necessariamente de que aquelas se limitavam apenas ao domínio dos processos objectivos [sic.] da economia e à política do Estado no sentido estrito, que não seguiam com atenção nem compreendiam aquilo a que se chama de “factor subjetivo” da história, a ideologia das massas na sua evolução e nas suas contradições; omitiam sobretudo a aplicação de modo sempre novo e a conservação sempre viva do materialismo dialéctico [...] (Ibid., p. 11).

A contradição inerente ao processo histórico, conteúdo da própria teoria de Marx, escapou aos marxistas, por isso não atentaram para a psicologia de massa. Quando a política revolucionária falhou na compreensão do processo histórico, a reação triunfou. Na ocasião em que o capitalismo passou por um colapso que ameaçou sua continuidade, a política reacionária, no lugar da política revolucionária, aproveitou todos os fatores objetivos em seu favor, as necessidades de vários segmentos da sociedade que ela conseguiu agrupar; e triunfou porque manipulou os fatores subjetivos que também são determinantes dentro do processo histórico.

Enquanto se falava na Alemanha, mesmo após a derrota de Janeiro de 1933, de um “impulso revolucionário”, a realidade mostrava que a crise econômica, que deveria ter levado, de acordo com as previsões a uma evolução para a esquerda da ideologia das massas, tinha conduzido de facto [sic] a uma evolução de extrema direita na ideologia das camadas proletarizadas e daquelas que tinham mergulhado numa miséria mais profunda que nunca. Disto resultou um desvio entre a evolução da base econômica que impulsionava para a esquerda e a evolução da ideologia das mais largas camadas da população que se fazia para a direita (REICH, Ibid., p. 12 e 13).

Qual foi então o fator subjetivo que escapou aos adeptos da política revolucionária? O que estava na base da psicologia de massa do fascismo? Reich procura esclarecer a questão nos seguintes termos:

A ideologia de cada formação social não tem por única função reflectir [sic] o processo econômico dessa sociedade, mas também a de enraizar nas estruturas psíquicas dos homens dessa sociedade. Os homens estão sujeitos às próprias condições de existência de duas maneiras; de maneira directa, pela repercussão imediata da sua situação econômica e social, e de maneira indirecta, pela estrutura ideológica da sociedade: têm portanto que desenvolver sempre na sua estrutura psíquica uma contradição que corresponde à contradição que existe entre as repercussões da sua situação material e as repercussões da estrutura ideológica da sociedade (Ibid., p. 21).

A ideologia não está ligada somente às condições materiais imediatas, ela liga os indivíduos à própria estrutura da sociedade. É neste ponto que Reich fala de enraizar, existe em cada indivíduo uma estrutura psíquica que está em acordo com a sociedade e por isto dá suporte às condições econômicas, ainda que sejam contrárias aos seus interesses. Veremos mais adiante como se dá esse processo através da discussão sobre a estrutura de caráter, pois para Reich é ela que dá sustentação para qualquer tipo de dominação.

Outro elemento subjetivo que Reich destaca como importante para o estabelecimento do nazismo é a força proveniente dos agrupamentos de pessoas. Mas o que define um grupo em termos psicológicos? Em *Psicologia de grupo e análise de ego* (1921/1976)¹⁸, título correlato ao livro de Reich que ora apresentamos, Freud (1921) utiliza a descrição do psicólogo da multidão Gustave Le Bon sobre a mente grupal, a partir disto podemos ter uma idéia sobre o aparato grupal do fascismo:

[...] pensou, sentiu e agiu de maneira inteiramente diferente daquela que seria esperada. Essa condição é a sua inclusão numa reunião de pessoas que adquiriu a característica de um “grupo psicológico”. O que é então um ‘grupo’? Como adquire ele a capacidade de exercer influencia tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo? E qual é a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo? [...] Um grupo é impulsivo, mutável e irritável. É levado quase que exclusivamente por seu inconsciente (p. 95 e 101).

Freud usa a descrição de Le Bon para introduzir o tema da psicologia grupal, pois considerava que ela se ajustava bem a sua psicologia “na ênfase que dá a vida mental inconsciente” (Ibid., p. 107) e ainda acrescenta que o resultado mais notável e importante da formação de um grupo é a “exaltação ou intensificação de emoção”, consideração que ele extraiu da obra de Mc Dougall, *The Group Mind*. De fato, o resultado do pertencimento ao grupo é a alteração das predisposições individuais. A seguir, uma descrição do comportamento do indivíduo num grupo e a descrição do líder de um grupo:

Não pode tolerar qualquer demora entre seu desejo e a realização do que deseja. Tem um sentimento de onipotência: para o indivíduo num grupo a noção de impossibilidade desaparece.
[...]

¹⁸ Peter Gay diz que Freud escreveu o seguinte ao entregar uma cópia do livreto ao escritor Romain Rolland: “Não que eu considere esse trabalho particularmente bem sucedido, mas ele indica um caminho para se passar da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade” (p. 370)

Deve ser fascinado por uma intensa fé (numa idéia), a fim de despertar a fé do grupo; tem de possuir vontade forte e imponente, que o grupo, que não tem vontade própria possa dele aceitar (Ibid., p. 101 e 105).

Um grupo representa a negação da individualidade para a aquisição passageira de certos elementos pertencentes ao agrupamento. O grupo confere ao indivíduo, outrora isolado, coragem, poder e segurança, dentro dele sente-se capaz de fazer coisas que não faria sozinho.

Estaria o indivíduo fatalmente condenado a viver segundo interesses que são constantemente impostos a ele? Vimos em *Totem e Tabu* que para Freud toda sociedade tem seu totem e seu tabu, o que significa que tem uma ligação com algo que tememos e ao mesmo tempo ansiamos por sua proteção e com algo que desejamos ardentemente, que, no entanto, é proibido. Ora, estes são fundamentos repressivos que garantem a obediência à ordem estabelecida. Durante a apresentação das obras culturais de Freud vimos também que a origem de tais fundamentos se encontra no complexo de Édipo na esfera individual, isto é, o temor ao pai e o desejo pela mãe. Na esfera coletiva se encontram no mito da horda primitiva, ou seja, a introjeção das ordens do pai após seu assassinato. No entanto, como Reich considera que o matriarcado é a origem da organização social, sendo deturpado pelo patriarcado mais tarde, ele concebe que há possibilidades históricas de voltar ao estado original. Na mente de cada um existe uma estrutura que desaprova a rebelião contra a ordem, porém, a horda não foi responsável por instalar tal proibição, na concepção reichiana foi o próprio funcionamento desta sociedade que o fez.

Examina-se a história da repressão sexual e verifica-se que esta não se manifesta no início do desenvolvimento cultural, que portanto não constitui pressuposto da formação da cultura mas só começa a formar-se relativamente tarde, com a propriedade privada dos meios de produção e o início da divisão em classes (REICH, 1974, p. 31).

Nota-se que a possibilidade de revolução, conforme Reich, implica em atacar o problema na sua raiz, esta por sua vez se encontra na constituição psíquica dos indivíduos, neste ponto, somente a revolução sexual pode dar espaço a revolução social. No entanto, as coisas não se resolvem facilmente, a solução não se resume a liberdade sexual, é necessário desarticular aqueles aparatos culturais que sustentam a repressão. Portanto é necessário compreender a estrutura da sociedade. O que aconteceu com cada indivíduo antes de chegar

ao grupo, que fatores o prepararam para pertencer a um grupo mais tarde? Para se perpetuar esta sociedade reproduz sua ideologia através de suas instituições, exemplo disto é a família e a igreja.

A conexão da estrutura sócio-econômica e da estrutura sexual da sociedade, e a reprodução ideológica da sociedade, produzem-se nos primeiros quatro ou cinco primeiros anos de vida e no interior da família. A igreja limita-se em seguida a perpetuar essa função. É desse modo que o estado de classe manifesta imenso interesse pela família: esta tornou-se sua fábrica de estrutura e ideologia (Ibid., p. 31).

Portanto, primeiramente é necessário analisar em cada sociedade de que modo a repressão sexual se liga aos interesses econômicos.. “Localizamos a instituição na qual se ajustam os interesses sexuais e econômicos. Agora devemos perguntar de que modo esse ajuste se produz e qual o seu mecanismo”. (Id.) Para Reich a existência do nazismo só foi possível porque a sociedade patriarcal, através da repressão, já havia propiciado uma estrutura de caráter condizente com tal política. Foi a constituição do caráter neurótico que forneceu o suporte para esse regime totalitário, cujos “elementos básicos são a mistificação do processo vital [...] o medo de assumir responsabilidade de orientar a própria vida e, por isso, o desejo mais ou menos forte de uma segurança ilusória e de autoridade ativa ou passiva”(REICH, 1995, p.20).

Vimos a partir da descrição da mente grupal que o grupo confere aos indivíduos características que ele não possui. Os nazistas podiam atribuir a responsabilidade de seus atos a um poder externo, como a nação ou a raça, estavam unidos sob o interesse comum do grupo. Para Reich é somente sob tal constatação que se torna possível conceber o consentimento do extermínio de pessoas, não obstante se ligarem a Igreja. Desta maneira estavam todos eximidos da culpa, tudo era feito em nome de uma autoridade externa, que tinha poder para assumir a culpa e a responsabilidade. O racismo e a aceitação das atrocidades eram partilhados na firme certeza de que não era em nome próprio que se aceitava tais coisas, mas em nome de algo superior. Ao lado do sentimento grupal que inibe a crítica, encontra-se a constituição individual do típico homem da sociedade patriarcal:

A inibição moral da sexualidade natural cuja fase é constituída pelos graves danos feitos a sexualidade *genital* da criança, torna-a ansiosa, tímida, receosa

diante da autoridade, obediente no sentido burguês: gentil e bem educada; sendo desde então qualquer movimento (*Regung*) agressivo carregado de uma forte angústia, a inibição paraliza [sic.] no homem as forças da revolta, pela proibição sexual de pensar estabelece uma inibição de pensar e uma incapacidade de crítica gerais (REICH, 1974, p. 33).

Se existe o temor à autoridade e obediência às prescrições, existe repressão sexual, isto é, a negação de um desejo. Desde a infância os indivíduos são reprimidos e moldados conforme as exigências econômicas de sua sociedade. Na primeira proibição que a criança sofre no seio de sua família ela começa a pertencer ao meio social. Portanto, o pai e a mãe cumprem uma função de reproduzir as estruturas do sistema na mente dos indivíduos. Sendo assim, o nazismo tem seu suporte na família da pequena burguesia que é o centro de sua política.

O estado autoritário é representado na família pelo pai, tornando-se desse modo a família o instrumento mais poderoso do seu poder. Esta posição do pai reflecte [sic] o seu papel político e revela a relação da família com o estado autoritário. O próprio pai adopta no interior da família a posição que toma em relação a ele o seu superior hierárquico no processo de produção. E reproduz nos filhos particularmente nos de sexo masculino, o seu estado de sujeição em relação à autoridade. Dessas relações decorre a atitude passiva, servil, do homem pequeno-burguês diante das figuras dos dirigentes (Ibid., p. 52-3).

Podemos perceber que nos mesmos moldes do complexo edípiano ou da horda primordial, uma repressão acontece em função de uma exigência social que para se concretizar inibe o impulso natural. Os filhos são moldados pelo pai e depois estarão aptos para se submeter à autoridade do chefe. No que diz respeito à relação da criança com a mãe, Reich estabelece um elo com o posterior vínculo dos alemães com a nação, indispensável à ideologia sexual burguesa, utilizada habilmente pela política reacionária.

É importante neste caso que a inibição sexual seja o intermediário do laço com a família, que a obstrução do caminho que conduz á realidade sexual do mundo transforme o laço biológico original da criança em relação à mãe, e também da mãe em relação aos filhos, em fixação sexual inextricável e numa incapacidade de contrair outros laços.

[...]

O sentimento nacional é, por consequência, o prolongamento directo [sic.] do laço familiar e enraíza-se como este [...]. (Ibid., p. 56).

O sentimento nacional, tão caro ao fortalecimento do nazismo, estava em posição de vantagem em relação ao internacionalismo do socialismo científico de Marx, que convocava os proletários do mundo a se unirem em prol da causa revolucionária. O apego dos operários alemães à sua nação, desenvolvido desde o laço com a mãe possibilitou que se unissem aos seus compatriotas, não obstante a diferença de classes e interesses, pois neste caso a força e unidade da nação era um interesse superior. Logo, na base da política de massa fascista temos o elo entre a repressão sexual e a submissão, à nação e ao chefe desta nação. Não caberia aos filhos da nação se rebelar contra ela ou contra aquele que representava o pai, sobretudo se estivessem decididos a reivindicar seu desejo, como outrora fizeram os filhos da horda. É dentro deste quadro de forças que Reich insere a adesão dos alemães ao nacional-socialismo.

Ainda no início do livro, Reich havia observado que Lênin se impressionou com o fato dos soldados não conseguirem exercer autoridade na revolução de 1905. Tinham simpatia pela causa dos camponeses, porém, não sabiam aproveitar quando tinham o poder em suas mãos. Lênin dizia que mais de uma vez, nas tropas, o poder tinha passado para as mãos dos soldados que não sabiam o que fazer com este poder. Quando matavam um superior que odiavam, logo em seguida colocavam os outros superiores em liberdade. Depois negociavam com as autoridades e logo regressavam a condição anterior de submissão.

A mística de qualquer matiz explicará esse comportamento pela natureza moral do homem que constituiria um obstáculo a uma rebelião contra a instituição divina da propriedade privada, contra a autoridade do Estado e dos seus representantes; o marxista vulgar não encontraria para eles nem inteligência nem explicação, pois que não podem ser explicados directamente pela economia. A concepção freudiana aproxima-se mais do facto quando reconhece nesse comportamento o efeito de um sentimento de culpabilidade em relação as figuras paternas, sentimento que se origina na infância dos homens (Ibid., p 27).

Com estas observações e análises feitas sobre a família, Reich tem condições de esclarecer aquilo que para Lênin havia ficado obscuro, pois a teoria econômica não tinha condições de ajudar a esclarecer. É no seio das estruturas sociais que os indivíduos adquirem aquela incapacidade para a rebelião. Enquanto a sociedade patriarcal mantiver o controle sobre a sexualidade dos indivíduos eles permanecerão revolucionários impotentes, pois sua energia sacrificada em favor da perpetuação da exploração garantirá o sucesso de qualquer regime autoritário. Ainda que os revolucionários tenham o poder em suas mãos, de nada

valerá, é preciso saber o que fazer com este poder. Na concepção de Reich isso se concretizará quando a sociedade voltar ao estado natural de organização, ou seja, somente dentro da sociedade de tipo matriarcal.

O que significa que a política revolucionária deve investir no desmantelamento daquelas instituições que zelam pela inibição sexual. Reich opõe o fracasso da *política sexual proletária* ao sucesso da *política sexual e cultural reacionária*. Enquanto a primeira apenas estimulava a sexualidade, a segunda reprimia a sexualidade e investia no apelo ideológico com a ajuda da moral cristã. A política sexual revolucionária incentivou a sexualidade livre, mas não se dedicou em ruir as bases da repressão sexual. O que só é possível através da conscientização. Exemplos disto são as clínicas de higiene sexual e a SEXPOL (Associação para uma política proletária), na opinião de Reich a orientação era o caminho em direção à verdadeira liberdade sexual. Atacar a falta de informação da reação política com conscientização. Tendo em vista que sexualidade livre não é a mesma coisa que liberdade sexual. Conscientizar é defender o direito à liberdade sexual e confrontá-la com os fundamentos da repressão sexual:

A política sexual proletária não teve cuidado de explicar e dar base de modo duradouro, à organização real da vida sexual no estado soviético, de compreender e dominar a angustia das mulheres diante da liberdade sexual [...]

O núcleo da política cultural da reação política é a questão sexual. Por conseguinte, o núcleo da política cultural revolucionária deve igualmente tornar-se a questão sexual (Ibid., p. 108).

A religião afasta os homens da realidade, como disse Freud, em *O futuro de uma ilusão*, ela é uma neurose coletiva. Seu papel é imprescindível, pois consiste em desviar a atenção dos homens das contradições que a organização política apresenta. A religião, neste caso específico, a cristã, incute nos homens a idéia de que o mundo não é um lugar ideal para se viver.

[...] a intoxicação religiosa é a medida essencial em psicologia de massa para preparar o terreno para a adoção da ideologia fascista [...] uma análise da ideologia fascista não pode evitar a elucidação dos efeitos psicológicos da religião.

A Igreja internacional deve ceder lugar à 'Igreja nacional alemã'. A seguir a tomada do poder de Hitler, a Igreja foi efetivamente domesticada, o que estreitou o seu campo de influência política, mas alargou consideravelmente o seu campo de ação moral e religiosa (Ibid., p. 108, 110 e 111).

Não adianta os socialistas pregarem a liberdade sexual se eles não se ocuparem em retirar a venda que encobre a realidade. Enquanto persistir a idéia cristã de que o prazer sexual afasta o homem da felicidade prometida pela religião, será difícil empreender uma verdadeira revolução sexual. O nacional-socialismo seguiu um caminho aberto pela moralidade burguesa.

Com estes elementos, compreendemos a partir de outro ponto de vista porque para Reich o instinto de morte não pode ser utilizado para iluminar eventos históricos em que há um relevo da agressividade. Se para Freud o nazismo pode ser explicado como a necessidade alemã de canalizar sua agressividade através do anti-semitismo, a exemplo das disputas entre grupos que vimos em *O mal estar na civilização*, para Reich não é o caráter biológico contido na psicanálise que auxilia na interpretação histórica e sim o caráter histórico subjacente aos conceitos freudianos. Ou seja, não existe nos homens uma tendência natural à agressividade, o funcionamento mental foi alterado historicamente, e só a partir do desvendamento das contradições históricas é que podemos entender porque os homens se comportam de maneira agressiva. Os elementos de cada sociedade nos conduzem até as origens da repressão sexual e não o contrário. A História é a esfera da mudança. O que a psicanálise oferece de útil é a teoria do funcionamento mental inconsciente que tem sua expressão nas inibições de impulsos naturais, mas como e por que se dá a repressão, só podemos explicar a partir da organização social em questão.

A seguir também veremos em *A ideologia da sociedade industrial* esta questão da modificação histórica dos instintos e suas implicações na eficácia do controle social sobre os indivíduos. Interessados, sobretudo, na utilização que Marcuse faz da teoria do inconsciente para pensar as necessidades crescentes que moldam os indivíduos na sociedade de consumo. No entanto, se para Reich a dominação ou sua ausência se liga aos dois tipos de organização social, patriarcado e matriarcado, Marcuse vai mais além e reformula os próprios conceitos de Freud, a partir do materialismo histórico, para explicar a dinâmica da sociedade industrial.

2.2. Entre o capitalismo e o socialismo

Temos um período longo entre as duas obras, a de Reich é de 1933, a de Marcuse que vamos tratar agora é de 1964. Interessa-nos saber o que aconteceu neste espaço de tempo. O que aconteceu com a inspiração revolucionária, que posição ocupa na década de 1950 e 1960? Quais idéias e ideais ocupam Marcuse que não retornou do exílio? Quais condições sociais marcam a história dos Estados Unidos para que ele escreva mais um livro em tom de crítica a sociedade?

Quanto a primeira questão, vimos no capítulo anterior que a repressão à manifestação do povo e a indiferença às suas reivindicações por parte do czar só fez fortalecer o movimento revolucionário. Quando em 1917 se somou o descontentamento e frustração com a participação na guerra “nos últimos dias de fevereiro, cinco dias consecutivos de movimentos sociais em Petrogrado bastaram para derrubar uma autocracia de três séculos”. (REIS FILHO, 2003, p. 58)

A abdicação ocorrida em 2 de março é seguida pelo governo provisório, que gravitava em torno de forças partidárias interessadas em tomar o poder. A figura de Lênin ganha destaque na revolução porque enquanto estava na liderança do partido bolchevique teve ocasião o golpe de Estado em novembro de 1917. No entanto, o êxito dele foi maior em estabelecer as bases do comunismo moderno que inspiraria outros países do que efetivar o socialismo científico de Marx e Engels.

No espírito de Lênin e dos seus, não se trata de uma abjuração de princípios: não se trata de renunciar às doutrinas do marxismo-leninismo. É apenas uma adaptação às necessidades e possibilidades do momento. Um “recuo estratégico”: as metáforas militares impõem-se sempre à estratégia do comunismo. A Rússia não está madura para realizar de carreira a sociedade sem classes (RÉMOND, 1974, p. 78).

De fato, os problemas internos se mostraram mais urgentes e acabaram por ofuscar as aspirações da revolução social. O saldo da guerra mundial não fora positivo. Para piorar, a conquista do poder por parte do partido bolchevique não foi aceita pacificamente; o que gerou uma guerra civil. Somente se apoiando na força dos soviets, conselho do povo com funções

governamentais, seria possível conter a oposição. A economia também não andava bem entre 1920 e 1921. “A produção de petróleo, energia elétrica e carvão caíram em mais de 70% [...] Quanto à produção agrícola, diminuição de quase metade” (REIS FILHO, 2003, p. 71). Um ano mais tarde um surto de epidemias deixa um saldo de 5 milhões de mortos. Deste modo, aquela revolução em que muitos depositaram a esperança de implantar condições melhores para os oprimidos de todo o mundo, foi tragada pela situação complexa que se encontrara a Rússia. Os reflexos de um regime secular não desapareceriam com a abdicação do czar, nem com o golpe de estado. A transição da velha sociedade, que tanto se fechara às mudanças sociais e econômicas, para uma nova organização social apresentou-se como um grande desafio.

É neste contexto que surge a NEP – Nova Política Econômica, implantando uma série de medidas que visava melhorar as condições de trabalho para os camponeses e acima de tudo recuperar a economia. “A nova política agrária representava, de fato, uma proposta de pacto de convivência entre o governo e a imensa maioria da população” (Ibid., p. 78), mas para entrar em compasso com a economia moderna ainda faltavam avanços industriais. A URSS surge em 1922, mas para além da designação socialista estes países almejam estar em consonância econômica com os demais países capitalistas.

O momento posterior tem como líder soviético Stalin, que adotou políticas para acelerar a economia. “A partir dos anos de 1927 e 1928, Stalin passou a ser o senhor incontestado da União Soviética por um quarto de século, até morrer em 1953” (RÉMOND, 1974, p. 80). Conforme René Rémond o período que vai de 1928 a 1939:

Caracteriza-se, para as estruturas econômicas e sociais, pela edificação do socialismo e, na ordem política, pela instauração de um poder de Estado concentrado, praticamente absoluto.

A edificação do socialismo; consiste em aplicar a doutrina e fazer da União Soviética uma grande potência, igual as maiores. A edificação se opera em duas direções paralelas. De um lado, com a sucessão dos planos quinquenais, uma industrialização intensiva [...] Os três planos têm um objetivo comum: dotar a Rússia de uma poderosa indústria pesada. Traduzem a opção tomada em favor da indústria pesada de equipamento, em detrimento da indústria leve de consumo. Trata-se de garantir a independência e a segurança da União Soviética [...] Paralelamente a industrialização [...] processa-se a coletivização dos campos (Ibid., p. 80-81).

O processo de coletivização tem como objetivo principal controlar a produção, tanto no que diz respeito à vigilância, quanto no que diz respeito ao rendimento. O interesse é especificar a quantidade que cabe ao Estado e a que cabe ao camponês. A política no tempo da NEP visava conciliar os interesses entre Estado e camponeses, Lênin se esforçara para empreender reformas sociais até mesmo para evitar agitações por parte daqueles que realmente efetivaram a revolução, aqueles que se manifestaram durante os cinco dias que antecederam a abdicação. Já a política posterior foi comandada somente por interesses econômicos. As medidas adotadas neste período fazem com que a União Soviética consiga mobilizar com êxito os recursos que a colocariam numa posição de destaque entre as demais potências econômicas. Deste modo, ela desponta no pós-guerra como grande rival dos Estados Unidos, serão eles os países que gozarão de maior poder e influência neste período.

Crescentes tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética, sobre a divisão de poderes políticos e econômicos na Alemanha até o fim dos anos 1940, culminaram na Guerra Fria. Os dois superpoderes e suas alianças rivais disputaram a dominância econômica, política e militar no período pós-guerra. Motivados pela segurança nacional, expansão econômica e vantagem militar internacional, ambos mantiveram controle dos aliados e de outras esferas de interesse por meio de força bruta ou da influência econômica (PURDY, 2008, p. 228).

O pós-guerra tem como marca a divisão do mundo em duas forças antagônicas, capitalismo e socialismo. Dentro e fora do país, vozes destoavam com a política e cultura norte-americanas. O contraste entre a infinidade de bens materiais que estava ao alcance de um número cada vez maior de pessoas e a liberdade tolhida pelos moldes daquela sociedade despertava o interesse de Marcuse que desde 1940 havia se tornado cidadão norte-americano. Conforme Hobsbawm (1995), na década de 1930 “os consumidores compravam os bens supérfluos da moderna sociedade de consumo que os EUA, mesmo então, já iniciavam”. (p. 105) Sua cultura de massa disseminava pelo mundo o “American Way of Life” e com ele a idéia da supremacia do país. Suas ações políticas marcadas pela contenção das reformas sociais e pela intervenção em outros países causavam descontentamento dentro e fora do país.

Os Estados Unidos saíram da guerra como líder militar e econômico do mundo. A economia do país passou a ser controlada mais do que nunca pelas grandes corporações que moldaram um consenso político nos anos 1950, garantindo melhores salários para muitos trabalhadores em troca do controle

conservador da economia e sociedade. Esse acordo foi baseado numa política fortemente anticomunista, que levou o país a uma guerra fria contra ameaças radicais além mar e dentro das fronteiras nacionais. No entanto, sobreviveram vozes alternativas deplorando a conformidade social e cultural, a falta de direitos civis e os limites de afluência econômica (PURDY, 2008, p. 218).

Só a posição alcançada pela União Soviética ameaçava seu império. Conforme Hobsbawm (1995) de 1929 a 1940 “a produção industrial soviética triplicou, no mínimo dos mínimos”. (p. 100) De modo que no contexto da Guerra Fria, a União Soviética não era mais sinônimo de revolução social, ela lutava lado a lado com seu rival capitalista e não era por condições melhores para os operários do mundo como prefigurava Marx. Ela lutava por poder e influência, ela lutava por território, deste modo, a sociedade que nossos autores idealizavam estava longe de se concretizar se dependesse do país comunista. Aquela Rússia agrária, cujas características apresentamos pra falar do czarismo, já não está mais em questão, as coisas mudaram, agora o comunismo desenvolvido na União Soviética ficara muito longe de se erguer como modelo de igualdade social.

O que foi feito do ideal de liberdade que era constante nos escritos de Marcuse? As coisas se transformaram um pouco no pensamento do autor, pois já era uma outra fase do capitalismo industrial. Em *A ideologia da sociedade industrial* Marcuse dá continuidade à crítica feita em *Eros e civilização* à organização da sociedade capitalista, denunciando a nova forma de controle social vigente na sociedade norte-americana. Ao mesmo tempo que critica, o autor reflete sobre a possibilidade de advir um outro tipo de relação econômica sob o capitalismo. É preciso deixar bem claro que apesar de utilizar o referencial teórico de Marx, Marcuse não está pensando mais em classes. Para ele o controle é administrado sobre todos os indivíduos desta sociedade, de todos eles é cobrada a produtividade.

A exemplo das novas reflexões de seus companheiros de Frankfurt, para Marcuse o proletariado já não é mais a classe central, aquela responsável pela revolução, esta classe foi um dos protagonistas da revolução na Rússia, mas não participou na efetivação dela. Além disto, na década de 1930 temos a emergência do nazismo na Alemanha, que se constitui num golpe para todos que sonhavam com a revolução internacional. Portanto, a leitura da teoria marxista por parte dos frankfurtianos teve que ser revista. Surgia um outro cenário de dominação, que denominaram como razão tecnológica, ela passou a cumprir o papel

ideológico que outrora estava ligado exclusivamente aos interesses da burguesia. Feita estas observações, agora analisaremos a obra de Marcuse. Sublinhando os aspectos subjetivos que ele abordou ao refletir sobre as condições políticas dos Estados Unidos.

2.3. Novo princípio de realidade, nova forma de controle social

Ora, no que se baseia o modelo de dominação da sociedade industrial, segundo a teoria marcuseana, senão na manipulação e satisfação das necessidades de maneira cada vez mais eficaz. Quando Marcuse fala de um homem unidimensional¹⁹, *One-Dimensional Man* – título original de *A ideologia da sociedade industrial*, ele está se referindo ao controle da subjetividade, à substituição dos interesses individuais por interesses universais, conquista desta mesma sociedade; refere-se a uma uniformidade mental. Essa conquista é uma conquista ideológica, mas a ideologia da sociedade industrial era uma novidade assim como também era esta sociedade. Qual era então este novo mecanismo que dissimulava interesses e que detinha a consciência revolucionária, ou seja, que não dava espaço pra transformação social?

A idéia de pensamento unidimensional vai contra a idéia original de Marx, segundo a qual o próprio sistema capitalista chegaria a um ponto em que a revolução seria inevitável. A insatisfação crescente com a miséria não evoluiu como um fator suficiente para emancipar o operário. Aconteceu o contrário, o progresso científico alcançou um estágio em que o considerável aumento da produtividade impulsionou a aquisição dos bens de consumo, contribuindo ainda mais para a alienação do proletariado e da sociedade como um todo. Dentro deste processo, as conquistas da ciência começam a ser utilizadas na eficácia da dominação. Os indivíduos são assimilados pelo sistema, através do processo de unidimensionalização. Sérgio Paulo Rouanet (1989) dá uma boa definição deste processo:

¹⁹ Marcuse utiliza o termo unidimensional para definir a sociedade industrial como uma sociedade na qual os indivíduos só tem dimensão do atual, portanto nesta sociedade não há possibilidades de transcender o estado de coisas dadas e estabelecidas pelo sistema. A sociedade unidimensional se destaca pelo fato de reprimir satisfazendo, deste modo, evita o surgimento de oposições ao sistema.

O efeito final da unidimensionalização da realidade do pensamento é a produção do consenso integral. O indivíduo satisfaz necessidades heterônomas, achando que está satisfazendo suas próprias necessidades. Seu comportamento é regido por exigências externas, quando pensa que esta agindo livremente. Mais: a liberdade é a forma que o poder controla as consciências da mesma forma que é através da razão que o pensamento vigente expulsa a verdadeira razão. O indivíduo quer sua servidão achando que quer sua liberdade. Pensa e sente o que lhe é imposto achando que tais pensamentos e sentimentos são auto-engendrados. Ao contrário do que ocorria em etapas passadas do capitalismo em que as promessas da ideologia eram refutadas pela realidade da miséria quotidiana, a realidade, hoje, é uma realização concreta daquelas promessas. As necessidades materiais são atendidas de uma forma impensável há algumas gerações (p. 208).

Este trecho de Rouanet contém alguns pontos fundamentais acerca da perda da subjetividade na sociedade industrial que sustentam a tese de *A ideologia da sociedade industrial*. Arelado ao poder ideológico encontramos o indispensável controle exercido através do consumismo. A forma de controle é nova porque se funda na liberdade, a ideologia encobre a realidade de tal modo que as pessoas desta sociedade se sentem livres, a tecnologia parece oferecer liberdade de consumo, mas na verdade é através do consumo que ela aprisiona, é uma liberdade que ocorre na repressão. Resumindo, o poder ideológico na sociedade industrial se legitima através da razão tecnológica que oferece uma liberdade que vem por meio de possibilidades maiores de consumo geradas pelo desempenho no trabalho. A eficácia da ideologia fica a cargo do próprio poder tecnológico que conduz os indivíduos à aquisição de mercadorias enquanto os reprime:

[...] as necessidades humanas são necessidades históricas e, no quanto a sociedade exige o desenvolvimento repressivo do indivíduo, as próprias necessidades individuais e o direito dessas à satisfação estão sujeitas a padrões críticos predominantes. [...] O próprio mecanismo que ata o indivíduo a sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu. [...] Os produtos doutrina e manipulam: promovem uma falsa consciência que é imune a sua falsidade. E ao ficarem esses produtos benéficos a disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. E um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as idéias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo (MARCUSE, 1969, p. 26, 30 e 32).

Nesse ponto a tecnologia faz o papel da ideologia, ela encobre a realidade. “A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social” (Ibid., p. 18). Esse caráter agradável da forma de controle social fundado na tecnologia, conduz à sensação de liberdade que é capaz de dissimular a repressão. É um novo tipo de liberdade, que é negativa por ser falsa. A exemplo da liberdade econômica que passa a significar “liberdade de economia – economia de ser controlado pelas forças e relações econômicas; liberdade de luta cotidiana pela existência, de ganhar a vida” (Ibid., p. 25). Quer dizer, a miséria anunciada pelas teses marxistas dá lugar ao poder de compra que os operários e o restante da sociedade passam a adquirir com o seu trabalho. Diante da possibilidade de adquirir satisfação de necessidades, a revolta é sufocada. O que acontece com o ideal revolucionário de Marcuse e como continua utilizando a junção materialismo histórico e psicanálise? Existem duas questões, a primeira, conforme destacamos durante a apresentação de *Eros e civilização*, Marcuse havia reformulado alguns conceitos de Marx e de Freud a fim de adequá-los às modificações históricas. A segunda se refere à concepção que Marcuse tinha a respeito do que seria práxis, conforme a afirmação de Wighershaus (2002) o autor considerava a teoria a forma mais alta de práxis. Com isto, queremos dizer que o fato de reformular os conceitos devido à modificação na forma de controle, ainda deve ser interpretado como a busca por um modo de organização social que privilegie a liberdade. Se o controle sobre os indivíduos agora é mais eficaz é necessário que a teoria se remodele a partir da nova realidade e revele uma forma de ultrapassá-la.

Um conceito que surgiu ao pensar sobre a nova forma de controle foi “dessublimação repressiva”. Em que consiste este termo? Na sociedade industrial avançada a satisfação das necessidades já não são adiadas como ocorria em outras épocas. A sociedade de consumo norte-americana adotou uma forma de controle social no qual a manipulação e a satisfação das necessidades movimentam o sistema. Freud afirmara que Eros e Ananke são os pais da civilização, amor e necessidade continuam regulando as relações sociais, porém não do mesmo modo que Freud houvera pensado quando escrevia em suas obras culturais sobre a origem da civilização. Na lógica deste novo controle social, Ananke só dá consistência ao fato de que a satisfação de necessidades exige esforço, mas não dá relevo à carência como elemento causador da frustração. O princípio de realidade vigente é o princípio de

desempenho, fundado na exploração do trabalho e na produtividade. O sistema não se apóia mais numa repressão que frustra a satisfação, a gratificação que ele passa a oferecer de modo mais abundante é que vai garantir seu sucesso em reprimir.

E quais seriam as implicações psicológicas disto? O princípio básico da sublimação consiste em alcançar uma satisfação secundária àquela original. Se as necessidades são altamente manipuladas, a um nível bem mais elevado do que em outros estágios do capitalismo, a sublimação enquanto medida paliativa perde seu sentido. A sociedade de consumo introjeta nos indivíduos desejos que podem ser satisfeitos, a tecnologia dispõe uma enorme quantidade de objetos para o consumo, não há mais espaço para idealizar uma outra realidade se a que o sistema oferece é tão atrativa.

Marcuse afirma que a civilização absorveu a cultura, porque este era o campo, em especial a arte, onde a sublimação era mais recorrente, a partir dela se criava outro mundo. Enquanto havia sublimação na cultura, havia protesto. Agora o mundo dado é suficiente. Antes a meta pulsional era desviada, agora não há mais desvio. Mas ao contrário do que se possa imaginar, neste estágio da sociedade industrializada a sexualidade não é livre, o indivíduo passa a ser mais reprimido, pois está preso em sua liberdade, preso na medida em que não tem escolha. É simplesmente conduzido pela lógica dessa sociedade, qual seja, o fato do indivíduo satisfazer necessidades universais pensando que está satisfazendo necessidades pessoais.

A dessublimação institucionalizada parece, assim, ser um aspecto da ‘conquista da transcendência’ conseguida pela sociedade unidimensional ... O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a Consciência Feliz (MARCUSE, 1969, p. 88).

A dessublimação repressiva “amplia a liberdade enquanto intensifica a dominação” (Ibid., p. 82), portanto faz parte das manobras realizadas na sociedade industrial com o aparelho mental. Dessublimar implica em não desviar mais o impulso original, portanto, o próprio mecanismo que o indivíduo tinha de se satisfazer com uma atividade que escolhesse foi transformado. Como vimos na análise do nazismo, às vezes as condições subjetivas não dão conta de explicar certos eventos históricos, isto acontece porque dentro de uma visão objetiva o comportamento humano se mostra irracional. É neste ponto que entra a questão da

estrutura psicológica individual que dá suporte ao sistema como um todo. A repressão é uma barreira aos impulsos naturais, é através disto que a dominação se efetiva. A proibição de um impulso dá lugar a outro tipo de comportamento condizente com a sociedade, conforme exposto na ocasião em que explicamos a função do superego, ele é o agente psíquico que zela pelos preceitos da civilização. Utilizamos o termo guarnição para explicar sua função dentro da mente, o superego se encarrega de estabelecer o que está em acordo com a sociedade, coloca o indivíduo em harmonia com ela. O funcionamento inconsciente dispõe de mecanismos que dão suporte a estrutura social. Portanto, comportamentos que podem parecer irracionais e incompreensíveis segundo condições objetivas encontram explicação a partir da dinâmica inconsciente.

Porém, enquanto na análise de Reich o que dá sustentação ao autoritarismo da sociedade patriarcal é a estrutura de caráter de cada indivíduo, na análise de Marcuse o controle é exercido graças ao processo unidimensional, responsável pelo comportamento uniforme que existe na sociedade industrial. Ao refletir sobre os efeitos do nazismo em 1933, Reich pensa na sociedade estratificada em classes, nos moldes da teoria de Marx, apesar disto, opera aquilo que chama de mistificação do processo vital. Segundo esta designação, todos estão unidos sob um mesmo aparato capaz de manipular as forças inconscientes que movimentam a História. E esta manipulação ocorre a partir das necessidades humanas, como vimos um dos motivos do sucesso da política nacional socialista foi o fato de ir ao encontro dos anseios da população. Portanto, para Reich a questão que atravessa qualquer sociedade fundada na autoridade é a predisposição à submissão, em outras palavras, o caráter neurótico. Marcuse, por sua vez, sustenta a singularidade da sociedade industrial, “satisfação de um modo que gera submissão” (Ibid., 85). Mas chega a um ponto comum com a economia sexual de Reich, ou seja, partindo daquela evidência que compartilha com os frankfurtianos - não existe mais uma divisão clara entre àqueles que são dominantes e aqueles que são dominados. Marcuse trata de esclarecer que todos os homens estão sob a mesma condição, de tal modo que a dominação efetuada a partir das mãos de uma pessoa ou grupo foi substituída pela razão tecnológica, que prende os homens a partir da necessidade crescente de adquirir bens de consumo.

Contudo, a sociedade que projeta e empreende a transformação tecnológica da natureza altera a base da dominação pela substituição gradativa da

dependência pessoal (o escravo, do senhor; o servo, do senhor da herdade; o senhor, do doador do feudo etc.) pela dependência da “ordem objetiva das coisas” (das leis econômicas, do mercado etc.). Sem dúvida, a “ordem objetiva das coisas” é, ela própria, o resultado da dominação, mas é, não obstante, verdade que a dominação agora gera mais elevada racionalidade – a de uma sociedade que mantém sua estrutura hierárquica enquanto explora com eficiência cada vez maior os recursos naturais e mentais e distribui os benefícios dessa exploração em escala cada vez maior. Os limites dessa racionalização e sua força sinistra aparecem na escravização progressiva do homem por um aparato produtor que perpetua a luta pela existência, estendendo-o a uma luta total internacional que arruína a vida dos que constroem e usam esse aparato (Ibid., p. 142).

O que Marcuse procura sublinhar é o seguinte, ainda que os benefícios que a tecnologia propicia aos homens sejam abundantes, isto não foi suficiente para livrá-los de exigências cada vez maiores quanto ao seu rendimento no trabalho. Eis a grande contradição, controlar a natureza deveria significar um dispêndio cada vez menor de energia gasta no trabalho. Ao contrário, a mecanização serviu para prender o homem ainda mais ao sistema. O trabalho, que deveria conduzir os homens a uma condição existencial emancipada, afirmando o seu poder em modificar a natureza e suas condições de vida, transformou-se ao longo da História em sua prisão.

Nesse universo, a tecnologia também garante a grande racionalização da não liberdade do homem e demonstra a impossibilidade “técnica” de a criatura ser autônoma, de determinar a sua própria vida. Isso porque essa não-liberdade não parece irracional nem política, mas antes uma submissão ao aparato técnico que amplia as comodidades da vida e aumenta a produtividade do trabalho. A racionalidade tecnológica protege, assim, em vez de cancelar, a legitimidade da dominação [...]. (Ibid., p. 154).

Em Marx o homem poderia recuperar sua autonomia através do trabalho, em Freud tal processo se dava na sublimação, pois ela reconciliava o homem com suas potencialidades naturais, na medida em que ele encontrava prazer em algo que não era imposto, a sublimação contém o germe da autonomia, da fuga das imposições da realidade. “As aptidões dessa sociedade estão reduzindo progressivamente o reino sublimado no qual a condição do homem era representada, idealizada e denunciada” (Ibid., p. 70). Se sublimar significa rearranjar e redirecionar as metas pulsionais para outros objetivos, o que acontece com a energia pulsional na dessublimação repressiva?

Vimos que dentro da teoria psicanalítica a pulsão é aquilo que move para a ação, então, se analisamos uma situação histórica a partir da psicanálise, falamos da economia pulsional. Vejamos, o primeiro fator a ser considerado é que a mecanização dispensou aquela quantidade de energia pulsional exigida anteriormente pelo trabalho. A labuta de outrora exigia mais investimento pulsional. Com isso, a própria libido perdeu espaço, reduzindo-se à esfera da sexualidade. Este fato parecia ser liberdade, mas não, era apenas redução da abrangência libidinal.

O Princípio do Prazer absorve o Princípio de Realidade; a sexualidade é liberada (ou antes, liberalizada) sob formas socialmente construtivas. Esta noção implica a existência de formas repressivas de dessublimação, em comparação com as quais os impulsos e objetivos sublimados contêm mais desvio, mais liberdade e mais recusa em observar os tabus sociais. (Ibid., p. 82).

Conforme a concepção de sexualidade marcuseana, podemos perceber que a sexualidade genital implica uma usurpação a algo que era natural. Logo, liberdade sexual significa apenas outro modo de repressão. Por isso o princípio de prazer absorve o princípio de realidade, porque funciona segundo seus critérios, se foi um modelo de organização histórica que empurrou a sexualidade para a área genital, o prazer relegado à área genital constitui uma afirmação do princípio de realidade. Aquela esfera de emancipação que encontrava na sublimação o modo de concretizar-se é suprimida; a sublimação dá lugar a dessublimação repressiva. A libido é restringida à sexualidade, e esta à genitalidade, Eros continua sob controle, portanto, liberar a sexualidade genital não corresponde aquilo que Marcuse considera como verdadeira liberdade sexual.

O organismo está sendo assim condicionado para a aceitação espontânea do que é oferecido. Considerando que a maior liberdade compreende mais uma contração do que a extensão e o desenvolvimento de necessidades instintivas, ela age mais *a favor* do que *contra o status quo* de repressão geral – pode-se falar de “dessublimação institucionalizada”. Esta parece ser um fator vital na formação da personalidade autoritária de nossa época. Tem sido com frequência observado que a civilização industrial desenvolvida opera com um maior grau de liberdade sexual – “opera” no sentido de essa liberdade se tornar um valor marcante e um fator de costumes (Ibid., p. 84).

Ainda que Marcuse mostrasse nesta obra um certo pessimismo quanto a consecução das teses de Marx, ressaltamos a permanência de sua visão de História, onde a repressão e a dominação são recursos dispensáveis, mas exercidos sobre necessidades naturais como a sexualidade e o trabalho, distorcidos nesta sociedade e desviados de seus fins naturais a fim de dar espaço a tantas outras necessidades criadas e desenvolvidas em cada indivíduo, responsáveis por distanciar cada vez mais a transcendência. O pessimismo é proveniente da seguinte constatação, a eficácia da sociedade em controlar os indivíduos se ergue como um obstáculo com o qual ninguém que acreditasse no socialismo moderno poderia prever. Portanto, foi necessário reformular os conceitos do materialismo para que dessem conta de explicar esta nova fase do capitalismo, o que foi realizado a partir de sua aproximação com a psicanálise. Se a teoria pudesse fazer isto, poderia apontar o caminho para o sonho de Marcuse, isto é, que os homens ficassem livres de tal modo em sua sociedade que pudessem desenvolver as suas capacidades plenamente.

A aproximação entre materialismo histórico e psicanálise contribuiu, tanto na obra de Reich como na de Marcuse, para elucidar as contradições subjacentes ao processo histórico e para evidenciar o potencial da psicanálise nas análises sociais. Nas obras de ambos, por nós destacadas, *Psicologia de massa do fascismo* e *A ideologia da sociedade industrial*, procuramos evidenciar o fato de contemplarem elementos históricos intimamente relacionados com o funcionamento mental inconsciente. Em uma indagação muito elucidativa Reich (1933) lança a seguinte questão: objetivamente podemos concluir na circunstância de um roubo que a pessoa que o executou tinha fome, questão um tanto mais complexa é explicar o fato de tanta gente passar fome e não roubar. O que queremos dizer com isto é que a psicanálise pode desvendar o comportamento irracional dos homens na História, ou seja, ela nos dá acesso a uma realidade que constitui nosso funcionamento mental, a realidade inconsciente, e que nos movimenta, assim como faz com o processo histórico.

Reich e Marcuse trouxeram à tona uma parte constitutiva da História que comumente não é abordada, depois de exposta a contribuição que nos deixaram, resta pensar, a partir da produção histórica, em que medida e segundo quais aspectos o tipo de análise destes autores poderia ser aproveitada na pesquisa histórica.

2.4. Natureza do conhecimento histórico

Depois de exposta a análise contida nas obras de Reich e Marcuse, cabe a nós enquanto historiadores, ver o lugar desta relação interdisciplinar na produção histórica. Assim como, pensar o elo entre subjetividade e história. Mediante tais considerações vamos refletir sobre a contribuição que a concepção de “história psicanalítica” de Reich e Marcuse podem ter para a investigação histórica. Baseados também numa questão que havíamos deixado em aberto ao final do primeiro capítulo - as divergências que apontamos entre o pensamento de Freud, Reich e Marcuse servirão para que possamos levantar quais os elementos da teoria do inconsciente podem auxiliar na análise histórica.

Em quais elementos se fundaria uma história de tipo psicanalítico? As descobertas de Freud não só influenciaram os historiadores como também foram responsáveis por uma mudança historiográfica. Mas assim como existem os historiadores que utilizaram a psicanálise, há os que negam ou negaram seu impacto, não obstante utilizarem com frequência conceitos cunhados pela psicanálise, exatamente pelo fato de comportarem explicações inovadoras e abrangentes a respeito do comportamento humano.

Iniciaremos a reflexão baseados no seguinte aspecto - existe uma relação da disciplina histórica com as expressões mentais do ser humano, partindo do pressuposto de que esta relação subjaz ao ofício do historiador e a análise histórica. Se nosso interesse primordial é investigar a possibilidade da psicanálise enquanto auxiliar da história, convém introduzir uma reflexão sobre a relação entre os historiadores, a análise histórica e as expressões mentais em primeiro plano. Procuramos traçar o início dessa interação e interesse do historiador pela vida mental e quais os seus desdobramentos.

Na obra *Teorias da história* (1959), o historiador inglês Patrick Gardiner afirma que nos últimos 250 anos a história deveria ser entendida como a tentativa de estabelecer as causas das ações humanas. Ou seja, desde o século XVIII a história deixa de ser a descrição dos fatos, tem início a busca pelo sentido da história, isto é, a interpretação do processo histórico. A psicologia, embora com objeto e aplicação diversos, acompanha esse mesmo movimento, pelo qual um saber deixa de ser uma mera narrativa, para se tornar uma investigação das causas.

Essa mudança é um reflexo do êxito do modelo de explicação das ciências naturais. O progresso nas ciências físicas no século XVII viria a influenciar as ciências no século XVIII e XIX. A regularidade alcançada nas ciências naturais, a possibilidade de previsão dos fenômenos, é almejada nas ciências do homem. Assim como os cientistas naturais dominavam os fenômenos observados, acreditava-se que seria possível controlar os fenômenos sociais a partir da observação da experiência passada.

Era também um padrão geral de interpretação que se buscava, sempre que os filósofos passavam da consideração do pensamento e da percepção para a ação e da intenção. Assim, foram determinados certos motivos básicos que se cria activarem [sic] a conduta humana de uma forma que tornaria tal conduta previsível logo que as leis do seu funcionamento e da sua combinação tivessem sido descobertas (GARDINER, 1995, p. 4).

Essa interpretação do processo histórico abriu caminho para pensar a natureza do conhecimento histórico. Exemplo disto é que a idéia de aplicar o modelo de explicação das ciências naturais para a interpretação histórica causou certo estranhamento ao historiador alemão Wilhelm Dilthey. Ele defendia a especificidade do conhecimento histórico, baseado na diferença que estabeleceu entre os métodos das ciências naturais e os métodos que deveriam ser usados para estudar o homem. Não são a previsibilidade e a regularidade que definem a história, posto que ela não se ocupa de fenômenos físicos ou naturais, mas tão somente das realizações humanas no tempo e espaço, logo aqueles só interessam na medida que influenciam nestas. “A compreensão e a interpretação constituem o método que enforma [sic] as ciências do espírito. Todas as funções se encontram nela reunidas; nelas se contem todas as verdades das ciências do espírito” (DILTHEY *apud* GARDINER, 1995, p. 259).

Sendo assim, ao se afastar do modelo cientificista, Dilthey abre espaço para uma aproximação entre história e psicologia, fora dos quadros das ciências naturais. Contudo, neste caso, o que poderia haver de comum entre elas? Ou, ainda, qual seria a zona de interseção entre história e psicologia? Para Dilthey, compreender os outros é fundamental para a tarefa do historiador. Essa compreensão é desenvolvida na vida diária. No cotidiano é possível apreender o que ele chama de “manifestações de vida”, as quais “aparecem no mundo dos sentidos como expressão duma vida mental” (Id.). Logo, as realizações humanas, que são objeto da história, não são formas vazias, são carregadas de sentido, que são capturados na vida mental. Deste modo, o “processo da compreensão elementar baseia-se na

relação fundamental da expressão com o que nela se exprime”. (DILTHEY 1995 *apud* GARDINER, p. 262) É o espírito objectivo que garante a efetividade da compreensão.

Por espírito objectivo [sic] entendo eu as múltiplas formas sob as quais se objectiva no mundo dos sentidos a experiência comum a todos os indivíduos. É neste espírito objectivo que o passado se torna para nós presente duradouro e constante (Ibid., p. 262).

Para Dilthey, é a experiência comum dos homens que faz possível a compreensão, já que esta é algo universal e atemporal que permite chegar ao significado das ações humanas independente do tempo e lugar que ocorreram; sua inteligibilidade resiste a eles.

A manifestação de vida que o indivíduo compreende não se lhe apresenta em regra isolada, mas como que preme de um saber sobre a experiência comum e numa relação que nesta existe com a vida interior. [...] as manifestações de vida são ao mesmo tempo para nós representações de algo universal; quando as classificamos como tipos de gesto, de acção, ou como padrões do uso das palavras, estamos a induzir. Na indução do particular para o particular está presente uma relação com algo comum, a qual se encontra representado em cada caso (Ibid., p. 263 e 272).

É exatamente essa maneira de interpretar ações e intenções humanas, presente na história e na psicologia, que faz da teoria psicanalítica uma auxiliar dos historiadores. Isso se confirma nos conceitos freudianos que possuem um aspecto histórico-social. O que dá formato à constituição psíquica individual. O modo de funcionamento mental é universal, sendo assim, na diversidade de suas manifestações na vida individual, é possível capturar os elementos que constituem o processo histórico.

Outro autor que defendia a autonomia da história era Collingwood, assim como, métodos e categorias próprias para a disciplina. Ele coloca a questão nos seguintes termos, o objeto da história, diferente do objeto das ciências naturais, possui uma interioridade. Os fenômenos naturais são estudados a partir de uma lei que os rege de fora, já os dos fenômenos históricos, só podem ser compreendidos a partir do que está dentro deles, ou seja, suas realizações mentais, que para este autor seria especificamente o pensamento. É ele que carrega o significado do evento que é estudado na história, que não pode ser tomado como algo vazio, mas como algo preme de sentidos. Como ele, estamos interessados no interior dos eventos, ou seja, a vida mental. O que é a psicanálise, senão a sistematização das leis internas que regem nossos comportamentos.

Em Collingwood, o peso da história passa da organização dos fatos em busca de um sentido, para a questão de como os historiadores profissionais interpretam o processo histórico, de como procedem à análise dos fatos. Não é mais a questão de saber somente a direção que o processo histórico toma, e sim a discussão dos pressupostos que estão sob o pensamento histórico. Por isso, Collingwood leva da filosofia especulativa da história à compreensão histórica. Para ele, os acontecimentos não devem ser tratados como meros fenômenos a serem observados, o historiador não deve apenas olhar para eles, deve principalmente olhar através deles. “Penetrando deste modo no interior dos eventos e detectando o pensamento que eles exprimem, o historiador faz algo que o cientista não precisa, nem pode, fazer” (COLLINGWOOD *apud* GARDINER, 1995, p. 306).

Por isso ele considera toda *história* como história do pensamento, o que interessa nela é o pensamento, porque carrega seu significado, ao contrário das ciências naturais. “No que se refere à natureza, não surge esta distinção entre o exterior e o interior do evento. As ocorrências da natureza são meras ocorrências, não são actos [sic] de agentes cujo pensamento o cientista se esforça por descobrir” (Ibid., p. 306). Sendo assim, a compreensão e a interpretação são as ferramentas das ciências do espírito. A vida interior revela o que lhe determina a partir do exterior, neste caso, as dimensões históricas e sociais. Neste sentido e baseados no relevo que estes dois autores dão à especificidade do conhecimento histórico, podemos afirmar que Freud e Marx contribuíram no aperfeiçoamento deste conhecimento. Na medida em que passaram a tratar fenômenos sociais a partir da relação entre os aspectos materiais e mentais da experiência humana.

Um outro momento da relação entre história e psicologia surge quando Freud estabelece os fundamentos da psicanálise. Nesta relação, o inconsciente apresenta uma outra realidade, cujo funcionamento carece ser entendido, para que depois possa revelar seus complexos significados. A seguir, pensaremos a contribuição da psicanálise para o conhecimento histórico e de que forma pode acontecer a interação entre eles.

2.5. História e psicanálise: decifrar sentidos

A relação entre história e psicologia tem contornos próprios, como vimos, porém, falar da relação entre psicanálise e história não é mais tratar das intenções e do comportamento humanos do mesmo modo. Com a psicanálise, entra a questão do inconsciente, que no início do século XX trouxe um novo viés para todas as demais disciplinas. À questão da natureza do conhecimento histórico, levantada por Dilthey e mais tarde por Collingwood, somou-se esta questão dos contornos inconscientes da experiência humana.

O conceito de inconsciente freudiano implica que o primado da atividade mental do ser humano lhe permanece inacessível. O ponto crucial da questão do inconsciente freudiano é que ele representa uma realidade interior que nos constitui e rege, à qual nossa consciência não tem acesso e cujo funcionamento é desconhecido. Para conciliar desejo e realidade a mente executa uma série de estratégias que nos dominam sem que saibamos, o que significa que existimos sob uma série de mecanismos internos inconscientes. São necessariamente estas estratégias que devem ser capturadas para que as intenções inconscientes sejam interpretadas. Ou seja, elas são somente as margens do funcionamento mental, mas podem nos levar às complicadas conexões mentais que são responsáveis pelo comportamento do indivíduo.

No livro *Freud e o problema do poder* (1982) o filósofo León Rozitchner afirma que não obstante o fato da psicanálise se ocupar do indivíduo, é possível capturar historicidade no desenvolvimento individual explorado por ela, ou seja, todas as implicações históricas e sociais da repressão sexual e dos investimentos psíquicos. Se Freud precisou recorrer aos elementos históricos e sociais para desenvolver sua ciência sobre o indivíduo, supomos que o caminho inverso também é possível. A psicanálise se fundamenta na relação entre o indivíduo e sua experiência histórica e social, de tal modo que nos oferece uma ciência a respeito do funcionamento mental e sua permanente interação com os aspectos sociais da existência. Na teoria psicanalítica equivaleria à substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, vimos que para Freud a civilização é a marcha contra Eros, de modo que cada indivíduo deve ir se adequando desde sua infância a sociedade que ele pertence.

É ele [Freud] quem vai tratar de mostrar de que maneira a história está presente articulando e organizando esse ‘aparato psíquico’, onde a sociedade

se interiorizou até o ponto em que o sujeito apareça congruentemente integrado.

[...]

Tudo o que vemos em ação interna aparece e permite a construção teórica de uma organização subjetiva externa, que determina nosso modo de ser como réplica da organização social (ROZITCHNER, 1989, p. 15 e 19).

Foi recorrendo a este aparato psíquico que fundamenta a sociedade que Reich e Marcuse puderam tratar de questões como a psicologia de massa do fascismo e a ideologia da sociedade industrial. Embora sejam temas distintos e abordagens distintas, ambos se pautaram nesta organização subjetiva sistematizada pela psicanálise. Apontaremos alguns pontos em que Marcuse avança em relação a Reich com o propósito de sublinhar uma evolução da teoria do material e do subjetivo na história. Evolução na medida em que nós observamos desde o início que Reich foi o pioneiro na união do materialismo histórico à psicanálise e que tal união teve como alvo elucidar um problema de natureza histórica, ligado a dois eventos históricos - a Revolução Russa, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder, em 1933. “Esses dois fatos condicionaram a forma e as características da recepção de Freud pelos marxistas [...] Os dois episódios tem em comum a valorização do fator subjetivo na história” (ROUANET, 1989, p. 37). Em que se baseia a nossa afirmação de que Marcuse teria apresentado uma evolução em relação ao trabalho de Reich?

Ao fazer sua análise sobre o nacional-socialismo Reich nos oferece um modelo para a utilização da teoria psicanalítica na investigação de eventos históricos. Mas sua análise fica comprometida em determinados pontos que se referem exatamente aos aspectos históricos do nazismo. Reich acabou diminuindo a importância da história alemã na constituição do nazismo, fez o mesmo com o contexto europeu no qual o nazismo estava inserido. Isto aconteceu em decorrência da própria economia sexual, através dela ele identificou o nazismo como um movimento reacionário de base autoritária respaldado por aquilo que denomina caráter neurótico, marcado pela submissão e pelo medo de assumir autoridade. Sua concepção de História também influencia em sua forma de tratar os temas históricos. A divisão da organização econômica e social em dois tipos de sociedade, matriarcal e patriarcal, não lhe dá margem para explorar as particularidades da sociedade em questão. Em sua análise ele acaba demonstrando que o nacional-socialismo é mais um fenômeno da sociedade patriarcal autoritária. Mais um, entre os vários que a civilização originou. Para Reich a função da

repressão sexual é “assentar o fundamento para uma cultura patriarcal e autoritária e para a escravidão econômica, que encontramos [...] no Japão, na China, na Índia e em outros países” (REICH, 1927, p. 200). A universalidade da sociedade patriarcal encontra raras exceções, como é o caso da tribo de Trobriand na Melanésia, exemplo de matriarcado que Reich encontrou na obra de Malinowski. Este caráter universal acaba sendo transferido ao nacional-socialismo, ainda que Reich desvende a psicologia que dá suporte ao regime.

O que Marcuse fez de diferente neste sentido? Primeiramente, Marcuse repensou os conceitos de Freud à luz da sociedade em questão, a sociedade industrial. Foi o caso da ‘mais repressão’ e do ‘princípio de desempenho’. Com o conceito de mais repressão Marcuse evidenciou que a repressão é uma variável histórica. A repressão sexual exigida na sociedade industrial e mais especificamente na sociedade de consumo dos Estados Unidos da década de 60 é um tipo de repressão condizente com a produção desta sociedade e com o modelo de dominação desta mesma sociedade, podemos dizer o mesmo do princípio de realidade. O princípio de desempenho é adequado ao modelo de administração da sociedade industrial, fundamentado na razão tecnológica. A lógica deste princípio de realidade não é mais a frustração, no seu lugar ele coloca a satisfação, que é mais eficaz em manter os indivíduos sobre controle e conciliados com a sociedade. Na base da dominação está o estabelecimento de necessidades que serão atendidas na medida em que a produtividade por alcançada. Em sua interpretação Marcuse dá relevo exatamente aos desdobramentos do sistema capitalista, a produtividade da sociedade industrial é a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. O cerne do problema não é o surgimento de necessidades, posto que às necessidades naturais vão sendo somadas outras necessidades históricas, mas a imposição daquilo que chama de necessidades falsas.

Podemos distinguir tanto as necessidades verídicas como as falsas necessidades. ‘Falsas’ são aquelas superimpostas ao indivíduo por interesses particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. [...] Independentemente do quanto tais necessidades se possam ter tornado do próprio indivíduo, reproduzidas e fortalecidas pelas condições de sua existência; independentemente do quanto ele se identifique com elas e se encontre em sua satisfação, elas continuam a ser o que eram de início – produtos de uma sociedade cujo interesse dominante exige repressão (MARCUSE, 1969, p. 26).

Marcuse apresenta uma evolução no que diz respeito à análise histórica na medida em que considera as especificidades do problema histórico em questão. E não foi necessário alterar os conceitos. A essência do conceito de repressão continuou sendo igual, o mesmo vale para o princípio de realidade. E foi com o auxílio da teoria de História de Marx que Marcuse pode conferir maior historicidade aos conceitos biológicos de Freud. Mas como Reich é seu precursor, podemos dizer que, se o trabalho de Marcuse corresponde a uma evolução da teoria material e subjetiva, o trabalho de Reich é marcado por um desenvolvimento da idéia de História de Freud e, portanto, uma contribuição para a utilização da psicanálise na interpretação histórica. Ao utilizar a teoria psicanalítica em consonância com o materialismo histórico Reich e Marcuse, cada um ao seu modo, revelaram que ela possui um conteúdo revolucionário, que é explícito na teoria de Marx. Razão pela qual ambos discordam de um ponto central na idéia de História de Freud, qual seja, o vínculo entre repressão e civilização. Dizemos crucial, porque é através dele que Freud abole a dinâmica do processo histórico, e através de sua negação que Reich e Marcuse a devolvem. “Abordando o homem mais como uma entidade biológica do que social, Freud tendeu a acentuar o meio social como algo historicamente dado, ao invés de considerá-lo um processo constante de criação e transformação pelo próprio homem”. (CARR, 1978, p. 117) Quando Freud precisou situar o indivíduo dentro da História ele recorreu ao mito da horda primitiva, comandada pelo pai. A horda era uma coletividade de relações naturais, o assassinato foi a ruptura que instalou as condições sociais, porém, Freud não deu margem ao caráter mais dinâmico destas relações sociais.

Mas dissemos que Reich e Marcuse revelam o conteúdo revolucionário da psicanálise. O que significa que Freud formulou uma ciência que tem seu conteúdo histórico, durante a nossa apresentação do pensamento de Reich e Marcuse, evidenciamos o esforço de ambos em dissociar a psicanálise da afirmação de Freud que identifica a civilização com a repressão. Rozitchner diz que a psicanálise é a ciência que mostrou os poderes expropriados do corpo. E foi a primeira psicologia histórica, pois mostrou como o desenrolar do processo histórico foi produzindo homens cada vez mais desprovidos de poder sobre si próprios, o poder foi dado a outros, estes outros que detêm o poder sobre o corpo, detêm também o poder econômico e político. Tanto na teoria de Freud, quanto na de Marx, o homem perdeu o poder sobre seu corpo e esta perda é histórica.

[...] a psicologia freudiana não só inclui o homem dentro da complexidade do mundo atual, como recorre necessariamente a história de seu advento para dar conta da conduta individual. Freud abre as possibilidades de pensar a conduta do homem no campo de maior densidade significativa dentro da qual encontra seu sentido. E mostra-nos a psicologia incluindo-a como ciência histórica, ou seja, constituindo o indivíduo como o lugar onde se verifica e se debate o sentido da história, sem o qual a conduta se transforma em in-significante.

O homem, para Marx, seria aquela porção de materialidade surgida a partir da natureza, mas na qual se verifica sua transformação como materialidade histórica, cultural, consciente, e a respeito da qual toda a materialidade histórica exterior transformada pelo trabalho, adquire e revela seu sentido (ROZITCHNER, 1989, p. 19, 20 e 27).

Para Rozitchner a psicanálise confere sentido à história na medida em que, ao contrário da psicologia anterior que tomava o homem como um mecanismo, concebeu o homem dentro de um campo dialético. O ser humano não representava apenas um mecanismo natural e passivo, era natural, histórico e social, portanto, a experiência humana era a luta do indivíduo com a natureza, na forma de trabalho que lhe garante a sobrevivência, e luta contra a própria sociedade, que lhe subtrai os poderes. Para Rozitchner, “isto constitui o fundamental de sua contribuição, o que permite pensar o sujeito como uma força de resistência pronta a surgir, inesgotável e insublimável, e sem o qual todo processo histórico de transformação careceria de fundamento” (Ibid., 20). Se a psicanálise possui este vínculo com a história, chegou o momento de apresentar considerações mais pontuais que alguns historiadores têm sobre a contribuição dela para o seu trabalho.

Em *Que é História?* Edward Carr mostra a mudança na relação do historiador com os fatos. O século XIX é marcado pelo culto aos fatos, devido à cientificidade positivista. “Os positivistas, ansiosos por sustentar sua afirmação da história como uma ciência, contribuíram com o peso de sua influência para este culto dos fatos. Primeiro verifique os fatos, diziam os positivistas, depois tire suas conclusões”. (CARR, 1978, p. 13) A virada do século viria abalar esse culto aos fatos.

Partiu da Alemanha, o país que estava prestes a fazer tanto para abalar o confortável reinado do liberalismo do século XIX, o primeiro desafio, nas décadas de 1880 e 1890, à doutrina da primazia e da autonomia de fatos na história. Os filósofos que fizeram o desafio agora são pouco mais do que nomes: Dilthey é o único deles que recentemente recebeu algum

reconhecimento tardio na Grã-Bretanha. [...] Mas logo no princípio do novo século a tocha passou para a Itália, onde Croce começou a propor uma filosofia da História que obviamente devia muito aos mestres alemães. [...] Toda história é “história contemporânea”, declarou Croce, querendo dizer que a história consiste essencialmente em ver o passado através dos olhos do presente e à luz de seus problemas, que o trabalho principal do historiador não é registrar, mas avaliar; porque se não avalia, como pode saber o que merece ser registrado? (Ibid., p. 21).

Carr ainda cita o pensador britânico Collingwood, ressaltando no pensamento deste os mesmos elementos que vimos no início desta nossa discussão sobre a identidade entre história e psicologia. O papel destes autores foi trazer a relação do historiador com os fatos para um outro âmbito, no qual os historiadores imprimem sua marca aos fatos, ao invés de apenas narrar, os historiadores interagem com os fatos. E Carr afirma que Freud também auxiliou neste sentido, e ainda aponta uma segunda contribuição de Freud para os historiadores.

O que Freud fez foi alargar o âmbito do nosso conhecimento e da nossa compreensão, abrindo os motivos inconscientes do comportamento humano para o exame consciente e racional.

[...]

Para o historiador, a importância especial de Freud é dupla. Em primeiro lugar, Freud ajudou a enterrar a velha ilusão de que os motivos que os homens alegavam, ou acreditavam ser a causa de ações passadas, servem, de fato, para explicar sua ação: este é um feito negativo de alguma importância, embora a pretensão de alguns entusiastas em esclarecer o comportamento dos grandes homens da história deva ser encarada com reserva [...]

Em segundo lugar Freud, reforçando o trabalho de Marx, encorajou o historiador a examinar-se e à sua própria posição na história, buscando motivos – talvez ocultos – que levaram à sua escolha do tema ou do período e a sua seleção e interpretação dos fatos, a fase nacional e social que determinou seu ângulo de visão, a concepção de futuro que modela sua concepção de passado. Depois da obra de Marx e Freud, o historiador não tem desculpa para se considerar um indivíduo isolado que se situa fora da sociedade e da história. Estamos na era da autoconsciência: o historiador pode e deve saber o que está fazendo (CARR, 1978, p. 117-118).

Do reconhecimento da contribuição da psicanálise para a sua utilização pelos historiadores, existe um grande espaço, porém, existem historiadores que há algum tempo vêm se dedicando a preenchê-lo com suas pesquisas. Por isto, para finalizar este capítulo, daremos exemplo aqui de dois historiadores que estão neste grupo, são eles, Peter Gay e Alain Besançon.

Gay é biógrafo de Freud e autor do livro *Freud para historiadores*, onde defende a psicanálise enquanto um sistema de idéias e como disciplina auxiliar, precisamente devido à proximidade entre história e psicologia. Ele vê na psicanálise uma entre as muitas formas de se atingir a verdade histórica.

A psicologia social deixada por Freud ... tem um poder explicativo de longo alcance. Nem Freud nem seus discípulos chegaram a desenvolvê-la completamente, e parece-me que o historiador está particularmente bem preparado para fazer essa psicologia social trabalhar para o estudo da cultura, de suas origens, de seu curso (GAY, 1989, p. 17-18).

Portanto, os historiadores poderiam contribuir na continuidade deste desenvolvimento, além de se beneficiar com o poder de explicação dela. Eles trabalhariam com questões que abordam frequentemente, com a diferença de estarem amparados teoricamente por uma disciplina que estuda estas questões em profundidade.

O historiador profissional tem sido sempre um psicólogo – um psicólogo amador. Saiba isso ou não, ele opera com uma teoria sobre a natureza humana; atribui motivos, estuda paixões, analisa irracionalidades e constrói o seu trabalho a partir da convicção tácita de que os seres humanos exibem algumas características estáveis e discerníveis, alguns modos predizíveis, ou pelo menos decifráveis, de lidar com suas experiências. Descobre causas, e a sua descoberta geralmente inclui os atos mentais [...] Entre todas as ciências auxiliares do historiador, a psicologia é a sua principal, embora não reconhecida (Ibid., p. 25).

Para o autor, a psicanálise demonstra uma eficiência em desmascarar certas definições que são dadas como “verdades” históricas. Daí a importância do auxílio da psicanálise como conhecimento que pode ultrapassar os significados mais imediatos do comportamento. Os alicerces da “verdade” são abalados quando a consciência é posta em xeque perante a existência do inconsciente.

Para abranger todas as dimensões da experiência histórica é necessário unir as atitudes e técnicas tradicionais do historiador à natureza e ao desenvolvimento humano como são vistos pelo psicanalista, cada qual fornecendo ao outro informações e críticas [...] salto analítico que permite passar do conteúdo manifesto das evidências disponíveis ao seu significado latente (GAY, 1988, p. 16).

Exemplo de seu empenho em unir psicanálise e história é a obra que escreveu em cinco volumes chamada *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, escritos entre 1984 e 1998. A rainha Vitória subiu ao trono no ano de 1837, seu reinado conhecido como a era vitoriana, destaca-se pelo rigor moral, nestes volumes a proposta do autor é mostrar um comportamento subversivo a essa ordem. Ele parte do estudo de uma relação extraconjugal na tentativa de evidenciar o lado oposto desta moralidade sexual, vinculada à burguesia desse período. Para ele, “a experiência de Mabel Todd lança uma nova e inesperada luz sobre a cultura burguesa do século XIX” (GAY, 1988, p. 85), sua investigação se baseia nos diários dela. Gay denomina o trabalho que faz como uma “história informada pela psicanálise” (Ibid., p. 17). Ele considera que talvez a característica mais expressiva deste tipo de história “seja sua receptividade à evidente contribuição da vida em sociedade na formação das mentes, mesmo no que diz respeito aos seus mecanismos inconscientes.” (Id.). Gay elabora os volumes partindo dos elementos básicos que movimentam a experiência humana segundo a teoria freudiana, tais como, amor, agressão e conflito. Dentro do quadro maior estabelecido na psicologia social de Freud, ou seja, o conflito dos instintos com a civilização, e o subsequente controle que ela lhes impõe. Gay pensa também em termos de um “mal-estar na civilização”, no qual a dureza da moralidade burguesa, somada à velocidade das mudanças impostas pela modernidade, contrastava com os benefícios materiais oferecidos pelos avanços técnicos da época.

Sigmund Freud postulou a suprema influência das forças elementares, em sua maior parte inconscientes, na formação da experiência humana. E é por este caminho, que leva aos domínios inacessíveis da sexualidade e da agressão, que pretendo seguir seus passos (GAY, 1988, p. 57).

O historiador Alain Besançon escreveu um texto chamado *Inconsciente* que integra o volume *História: Novos Objetos* (1974), o último dos três volumes organizados por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Estes volumes reúnem textos que tratam exatamente das novas trilhas que os historiadores, em especial, os franceses, passam a explorar. Aborda também a relação da história com as disciplinas das Ciências Sociais, como a antropologia e a psicologia.

No artigo citado acima, Besançon descreve as expressões mentais inconscientes de um escritor a partir da análise de seu romance. Em cada personagem ou nas relações entre eles, é possível encontrar uma correspondência com os próprios desejos do autor do romance. Nas

mãos do historiador, a trama do romance se transforma em atos falhos do indivíduo que ele estuda, são reflexo de seus desejos sexuais, da repressão social, da moralidade vigente. O romance é de Tchernichevski e seu título é *Que fazer?* (1863), nas palavras de Besançon (1974) parece-lhe “que a situação histórica da *intelligentsia* russa nos ‘anos 60’ revela-se parcialmente em *Que fazer?*” (p. 33). Deste modo, não é só a história do escritor que se apresenta nas entrelinhas do livro, é a história de um grupo, cuja identidade com o romance representa que eles compartilham dos mesmos elementos inconscientes que integram a vida mental daquele primeiro.

Na verdade o que Besançon faz é um embate entre as idéias de Tchernichevski e as de Dostoievski, que escreveu um livro que era uma crítica a *Que fazer?*, o título deste livro é *Memórias do subsolo* (1964). Para o historiador, a obra de Dostoievski é mais que uma crítica a Tchernichevsk, é “a reação de um inconsciente com um outro inconsciente.” (Ibid., p. 38), por isso podemos nos referir apropriadamente a um *embate*. Nos contornos inconscientes apreendidos em cada obra revela-se a posição dos autores no período histórico ao qual pertencem; por conseguinte, elementos cruciais que podem ajudar a iluminar o próprio momento histórico em questão.

[...] um dos sentidos de *Que fazer?* está desenvolvido em *O subsolo*; que *O subsolo*, por seu valor artístico, autoriza uma interpretação psicanalítica, que remontando gradualmente no sentido de *Que fazer?* e da *intelligentsia*, permite reconhecer em cada etapa uma ordem e um processo análogos cuja exposição é uma contribuição da psicanálise à compreensão histórica da *intelligentsia* (Ibid., p. 33).

Os romances são escritos sob um sistema de opressão social, o czarismo, que, como vimos, vigorou durante longo período na Rússia e só teve fim com a Revolução de 1917. *Que fazer?* e *O subsolo* abordam tal opressão, “mostram, um, como ela se reproduz; o outro através de quais mecanismos suaves e inconfessáveis ela se perpetua” (Ibid., p. 49). Com efeito, em cada romance há elementos para Besançon pensar este momento da história russa.

Estes dois historiadores psicanalíticos pensaram as questões sociais e culturais de determinadas conjunturas políticas a partir da teoria psicanalítica. Freud havia desenvolvido esse tema em suas obras culturais, ligando a dominação à repressão sexual. Quer dizer, a civilização, o afastamento do homem de seu estágio mais primitivo, mais natural, implicou

numa considerável dominação externa por parte dos outros e interna por parte do funcionamento psíquico individual.

Reich e Marcuse também utilizaram a psicanálise para pensar a política nazista e a política norte-americana. A psicanálise tem uma teoria bem estruturada para nos oferecer. A partir dela podemos interpretar os fatores inconscientes que dão sustentação aos sistemas de poder, amplamente baseados nos elementos culturais e sociais, como a religião, o consumo, os valores morais, a obediência às autoridades, etc.

Uma característica comum entre as obras *Psicologia de massa do fascismo* e *A ideologia da sociedade industrial* é a reflexão sobre o elemento irracional na história. Reich e Marcuse esforçaram-se para explorá-lo baseados na dinâmica inconsciente. No entanto, como afirmamos no começo deste item (2.5), a utilização da teoria psicanalítica por parte dos dois autores representou uma contribuição para o que podemos chamar de história psicanalítica, na medida em que Reich apresentou um desenvolvimento da visão de História de Freud e Marcuse, por sua vez, foi responsável por uma evolução na teoria material e subjetiva. Do mesmo modo queremos finalizar este item apresentando uma reflexão com intuito de dar mais consistência a nossa afirmação.

Em *O interesse científico da psicanálise* (1913), Freud escreveu um pequeno texto com o título “O interesse da Psicanálise do ponto de vista da História da Civilização”, onde faz uma analogia entre a Psicologia individual e a Psicologia social, afirmando que as análises feitas na primeira podem ser aplicadas no estudo da segunda.

A comparação entre a infância dos homens e a primitiva história das sociedades já provou sua fecundidade em diversos sentidos, ainda que seu estudo esteja apenas começando. [...] A psicanálise estabeleceu uma estreita conexão entre essas realizações psíquicas de indivíduos, por um lado, e de sociedades, por outro, postulando uma mesma e única fonte dinâmica para ambas (FREUD, 1913b/1974, p. 220-221).

Quer dizer, se a história individual é a seqüência do complexo de Édipo, as ocorrências históricas podem ser explicadas recorrendo à origem coletiva, o assassinato do pai pelos irmãos. No entanto, Reich e Marcuse se recusam a aceitar o crime original como algo consistente e capaz de explicar fenômenos sociais. Pelo contrário, cada organização social fornece seus próprios elementos explicativos.

Em *A aplicação da psicanálise à pesquisa histórica* (1934), Reich diz que a psicanálise só pode esclarecer o que tem de individual no fato social. Não dá pra transportar os conceitos da psicologia individual para a social. Portanto, no que se refere ao nosso interesse, a psicanálise auxilia na investigação histórica porque oferece uma teoria do inconsciente individual.

O verdadeiro objecto [sic] da psicanálise é a vida psíquica do homem socializado. Ela só faz entrar em linha de conta o psiquismo das massas na medida em que aparecem neste, fenômenos individuais (o problema do chefe, por exemplo) na medida em que pode explicar, a partir das suas experiências sobre o indivíduo, as manifestações da ‘alma das massas’, tais como a angústia, o pânico, a obediência, etc. (Ibid., p. 146).

Como vimos em *Psicologia de massa do fascismo*, Reich está preocupado com o suporte individual do regime, ou seja, na estrutura de caráter de cada indivíduo. A dominação é explicada com base no inconsciente individual. Renato Mezan (1990) mostra que na concepção freudiana a dominação é explicada a partir do inconsciente coletivo, pois Freud busca na culpabilidade o “fundamento da *necessidade de submissão*, que a seu ver está intimamente entrelaçada com a gênese do poder e com sua formidável capacidade de extrair obediência daqueles sobre quem se exerce” (p. 492). Na teoria reichiana, cada sociedade molda o tipo de caráter que precisa para as suas finalidades; foi baseado nesta hipótese que Reich explicou o sucesso da política nazista. A culpa se relaciona com o suporte individual representado pela instância psíquica superego e não com o crime original. Para Freud a garantia da submissão está prefixada, “tanto no nível individual, em que o superego assume a função de sentinela interior, quanto no nível social, em que se reproduz de geração em geração a mesma culpabilidade inconsciente, fundamento último da coesão social” (Ibid., p. 293).

Conforme Marcuse (1968):

Nenhuma outra parte da teoria de Freud foi mais veementemente rejeitada do que a idéia da sobrevivência da herança arcaica – a sua reconstrução da pré-história da humanidade desde a horda primordial, passando pelo parricídio, até a civilização. As dificuldades de verificação científica e até no aspecto da coerência lógica são óbvias e talvez insuperáveis.

[...]

Se a hipótese de Freud não for corroborada por qualquer prova antropológica, terá de ser inteiramente rejeitada, excetuando o fato de que

ela encaixa, numa seqüência de eventos catastróficos, toda a dialética histórica de dominação e, por conseguinte, elucida aspectos da civilização até aqui inexplorados. Usamos a especulação antropológica de Freud apenas neste sentido: pelo seu valor *simbólico*. Os eventos arcaicos que a hipótese estipula poderão estar para sempre fora do alcance da verificação antropológica [...]. (p. 70).

O mito tem poder de explicação, mas não de aplicação, pois o evento original só daria conta de explicar os eventos históricos posteriores a ele se a história não se transformasse. A dinâmica histórica impede a transposição do mito da família primitiva para as sociedades civilizadas. Deste modo, a psicanálise só pode iluminar os aspectos da experiência humana na medida em que revela as implicações históricas e sociais do funcionamento inconsciente que engendra as ações dos indivíduos.

Para finalizar queremos retomar a questão sobre a segunda parte das obras de Reich, aquelas que são voltadas para a biologia. Seu desligamento do Partido Comunista e até mesmo os rumos do movimento operário são indicações de que fatores externos ao seu trabalho condicionaram esta mudança de direção em suas reflexões. Distante da participação política efetiva, Reich deixara de lado também as implicações sociais da teoria, para ele o engajamento político andava junto com a teoria. A dedicação aos estudos biológicos é condizente com sua fala a respeito da diversidade de temas que estudava, ou seja, afirmou que todos os temas passam pela sexualidade, portanto nunca abandonou o que estava no centro de seu pensamento. Porém, consideramos que seu afastamento das questões sociais, enquanto um fato isolado não constitui elemento suficiente para por em xeque suas obras anteriores nas quais contemplava as implicações teóricas da psicanálise na análise de fenômenos humanos. Como vimos, a produção de Marcuse era de outra natureza, ele teve um breve envolvimento com as questões práticas do movimento operário, porém o fato de ter se afastado da prática política não abalou seu interesse por questões sociais. Pelo contrário, suas reflexões não eram mesmo acompanhadas de engajamento político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos esperar da psicanálise para a interpretação histórica? Esperamos em primeiro lugar, que a questão não tenha sido esgotada aqui. Se assim for, podemos dizer que nossa discussão a respeito das idéias de História de Freud, Reich e Marcuse buscou evidenciar a possibilidade e a importância de utilizar a teoria psicanalítica para explicar a dinâmica histórica subjacente à atividade mental dos indivíduos. Ou seja, de que modo os eventos históricos abordados nas obras por nós escolhidas revelam aspectos inconscientes da experiência humana. Utilizamos outros autores a fim de pensar e fundamentar a relação entre a história e a psicologia enquanto ciências que buscam compreender os significados do comportamento humano. E para mostrar a importância do surgimento da psicanálise para a psicologia enquanto campo de conhecimento e para as demais disciplinas das ciências humanas, por apresentar uma realidade além da consciência.

Destacamos a inspiração revolucionária como aspecto fundamental para a configuração do pensamento de Reich e Marcuse. De fato, a identificação da revolução com a perspectiva de transformação social introduz no debate o materialismo histórico, que conduziu a crítica de nossos autores ao modo de organização social que se apóia na dominação e no sacrifício dos impulsos humanos. Como Reich já havia dito sobre a união entre materialismo histórico e psicanálise, a intenção não era que uma teoria completasse ou substituísse a outra em algum ponto, mas que o alcance das duas teorias pudesse ser estendido. E foi o que aconteceu com a psicanálise, uma vez que a visão de História de Freud e a ênfase que dava aos elementos biológicos acabavam comprometendo a historicidade da teoria. A partir da aproximação com o materialismo foi possível explorar o componente histórico da psicanálise. Podemos dizer que o saldo para o materialismo histórico também foi positivo. Pois Reich conseguiu encontrar respostas para o fracasso da política revolucionária através do elemento subjetivo que emprestou da psicanálise para enxertar no materialismo histórico. No entanto, a psicanálise ajudou a explorar algo que também era potencial no materialismo histórico. Reich alertara que os marxistas deixaram escapar um elemento

essencial da teoria de Marx, a contradição, e foi com a ajuda da psicanálise que Reich reintroduziu este elemento no debate marxista.

Em todos os domínios da existência humana, a prática revolucionária é manifesta desde que se apreendam as contradições em cada novo processo; consiste então, muito simplesmente, em colocar-se ao lado das forças que agem no sentido da evolução voltada para a *frente*, e em garantir o seu domínio para favorecer a tomada de consciência. Ser radical significa, dizia Karl Marx, “tomar as coisas pela sua raiz”; se tomarmos as coisas pela raiz, se compreendermos o seu processo contraditório, então a prática revolucionária está garantida (REICH, 1974, p. 12)

Foi pensando na raiz das coisas que Reich negou que o patriarcado era a origem da organização social, chegando a conclusão de que a sociedade patriarcal é resultado dos interesses econômicos que se ancoram na repressão sexual. Na realidade, foi uma contradição na sociedade matriarcal que instaurou o patriarcado. Ao ler a obra de Malinowski sobre os trobriandeses Reich compreendeu que a repressão sexual é a origem do patriarcado. Em Trobriand vigorava a liberdade sexual, entretanto, a restrição sexual era imposta aos primos cruzados que estavam destinados a se casarem. A vantagem deste casamento era a seguinte, se eles se casassem o dote permaneceria na mesma família que o concedeu, posto que era o tio materno quem dava o dote da sobrinha. Baseado nisto, Reich passa a afirmar que a organização social natural é o matriarcado. Mais tarde, a análise de Marcuse sobre a sociedade industrial representou um avanço em relação à análise de Reich. O que consideramos um desenvolvimento da teoria material e subjetiva que deu o suporte para eles pensarem eventos históricos. A análise de Marcuse representou um avanço porque ele não pensou a sociedade a partir da dominação do pai e de sua perpetuação nas figuras autoritárias, a novidade é que a dominação passou das mãos dos homens para uma ordem abstrata. Além disso, a repressão não era mais exercida por meio da restrição, mas através da satisfação de necessidades relacionadas ao consumo.

Contudo, a sociedade que projeta e empreende a transformação tecnológica da natureza altera a base da dominação pela substituição gradativa da dependência pessoal (o escravo, do senhor; o servo, do senhor da herdade; o senhor, do doador do feudo etc.) pela dependência da “ordem objetiva das coisas” (das leis econômicas, do mercado etc.). Sem dúvida, a “ordem objetiva das coisas” é, ela própria, o resultado da dominação, mas é, não obstante, verdade que a dominação agora gera mais elevada racionalidade – a de uma sociedade que mantém sua estrutura hierárquica enquanto explora

com eficiência cada vez maior os recursos naturais e mentais e distribui os benefícios dessa exploração em escala cada vez maior (MARCUSE, 1969, p. 142).

A união entre materialismo histórico e psicanálise, que no interesse da investigação histórica tomamos como uma teoria do material e do subjetivo na história, além de comportar elementos relacionados à natureza do conhecimento histórico, também encontra sua importância no fato de ter reafirmado a validade do materialismo histórico. Fato que nos leva a afirmar seu vínculo indissolúvel com um projeto de liberdade. Enunciado na psicanálise através da dinâmica inconsciente que é a emergência daquilo que foi limitado às exigências da civilização. A repressão do impulso gera manifestações inconscientes, seu conteúdo não se revela a nossa consciência, mas a psicanálise oferece as leis desse funcionamento, ou seja, de que modo o superego colabora com a frustração da satisfação, como o id se rebela contra as prescrições sociais e o intermédio do ego que tenta fazer conciliações entre as exigências do princípio de realidade e do princípio de prazer. Retomando a frase de Reich, a psicanálise ajuda a esclarecer o que existe de individual no social. Isto é, sua principal função na elucidação de fenômenos sociais é oferecer as leis sobre o funcionamento mental. No caso da análise histórica, em especial, dar acesso àquilo que existe no indivíduo e dá sustentação para o processo histórico.

Reich e Marcuse já haviam se antecipado, sem intenção, e realizado aquilo que Peter Gay (1989) mais tarde convocaria os historiadores a fazer. Desenvolver a psicologia social deixada por Freud, de modo a fazer com que ela trabalhe para o estudo da cultura, de suas origens, de seu curso. Diante das contradições do processo histórico o convite de Peter Gay continua a ressoar. No término de nossa exposição podemos indicar que seja acompanhado de um enxerto de materialismo histórico.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2^a ed. tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BESANÇON, Alain. *O inconsciente*. IN: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- CARR, Edward. *Que é história?* 2^a ed. Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 2^a ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- DILTHEY, Wilhelm. *A compreensão dos outros e das suas manifestações de vida*. In: DORIA, Francisco A. *Marcuse: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Trad. Samuel Penna Reis. SP- RJ – BH: Atheneu, 2001.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. In: *Obras Psicológicas Completas*. (Edição Standard Brasileira), vols. IV E V. Rio de Janeiro: Imago, 1987 [1900].
- _____. *Além do princípio de prazer*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. In: *Obras Psicológicas Completas*. (ESB), vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1920].
- _____. *O futuro de uma ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1927].
- _____. *O interesse da psicanálise do ponto de vista da história da civilização*. In: *O interesse científico da psicanálise*. Trad. Órizon Carneiro Muniz. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1913b].
- _____. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1930].

_____. *O problema econômico do masoquismo*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1924].

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago 1976 [1921].

_____. *Totem e Tabu*. Trad. Órizon Carneiro Muniz. In: *Obras Psicológicas Completas de Freud* (ESB), vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1913a].

FROMM, Erich. *Meu encontro com Marx e Freud*. Trad. Waltensir Dutra. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 4ª ed. Lisboa: Gulbenian, 1995.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Trad. Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Freud para historiadores*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação*. Para além das teorias de reprodução. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOBBSAWN, Eric J. *A Era das revoluções: Europa 1798-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santanna. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KARNAL, Leandro [et. al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008.

KHERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1969.

_____. *Eros e civilização - Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. *Materialismo histórico e existência*. 2ª. Ed. Trad. Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1968.

_____. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. *A educação em Wilhelm Reich*. Da psicanálise à pedagogia econômico-sexual. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OSBORN, Reuben. *Psicanálise e marxismo*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

PIPES, Richard. *O comunismo*. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: objetiva, 2002.

REICH, Wilhelm. A aplicação da psicanálise à pesquisa histórica. In: *Materialismo dialético e psicanálise*. Trad. Joaquim José Moura Ramos. 3ª ed. Lisboa: Presença, s/d [1934].

_____. *A função do orgasmo*. Problemas econômico-sexuais da energia biológica. Trad. Maria da Glória Novak. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *A irrupção da moral sexual repressiva*. Trad. Silvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/d [1932].

_____. *A revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Análise do caráter*. trad. Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegueiro. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. *Paixão de juventude: uma autobiografia*. Trad. Claudia Sant'Anna e Sâmia Rios. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto: Escorpião, 1974.

REIS FILHO, Daniel A. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, s/d [1974].

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROAZEN, Paul. *Freud: Pensamento político e social*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

- ROBINSON, Paul A. *A esquerda freudiana*. Wilhelm Reich, Geza Roheim, Herbert Marcuse. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão cativa - As ilusões da consciência: de Platão a Freud*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Teoria Crítica e Psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- ROZITCHNER, León. *Freud e problema do poder*. Trad. Marta Maria Okamoto e Gonzaga Braga Filho. São Paulo: Escuta, 1989.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Fundamentos do materialismo dialético*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- WAGNER, Cláudio Mello. *Freud e Reich: Continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.
- WIGGERSHAUS, ROLF. *A Escola de Frankfurt*. História, desenvolvimento teórico e significação política. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)